FON FON
ANNO XXVI — N.º 29
Rio, 16 de Julho de 1932
— PREÇO: 1$000 —

Noite Adoravel

NOITE de alegria, de musica, de amor . . . Instantes divinos e inesqueciveis que um malestar fisico repentino — dôr de cabeça, de dentes, nevralgia, etc., pode perturbar.

Pelo sim, pelo não, devemos ter sempre comnosco a insubstituivel

Cafiaspirina

o remedio de confiança

que alivia as dôres com incrivel rapidez, sem afetar o organismo. » »

É tambem ideal contra enxaqueca, incomodos femininos, dôres de ouvidos, reumatismo, resfriados, etc. » » »

SE É BAYER É BOM

O conto brasileiro

A enfermeira-mór

De IRÊNE DRUMMOND

QUANDO Terêsa Julia assumiu a direcção do Abrigo dos Pobres, os animos se robusteceram na esperança que ella, a sua vida de caridade, virtude e energia, a sua reputação impolluta encarnavam. Tudo entraria em ordem, e aquelles balbucios condemnadores, que tornavam desairosa a fama dos funccionarios todos, se calariam sob o influxo da sua candura e da sua desassombrada coragem salvadôra.

Terêsa Julia, porém, que se investia das novas funcções obrigada pela obediencia ás ordens superiores, assumia o cargo sem enthusiasmo e com tristeza até.

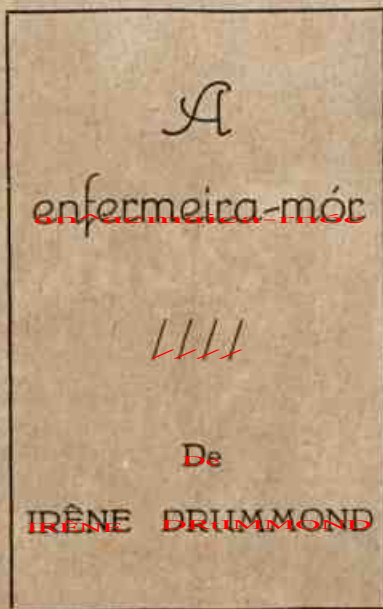
A casa de caridade era grande, movimentada, cheia de profissionaes: médicos, enfermeiros, estudantes. Ella ia administrál-os chefiál-os; peor que isso: moralizál-os; porque a fama corria que todas as falhas do serviço interno provinham da camaradagem perniciosa entre médicos e enfermeiras, e, porque ella fôra sempre innatingida pela maledicencia, a administração resolvêra investil-a no cargo para solucionar o grave problema. Acceitára a espinhosa tarefa, convencida de que, si não vencesse, ao menos não se contaminaria. O passado e o grande segredo do seu coração encorajavam-na.

De inicio, chamou os collegas, e lhes fez um discurso maternalmente. Contava com a bôa vontade de todos para cumprir o regulamento hospitalar; seria amiga, mas rigorosa, porque tinha certeza de que iriam desmentir a grita ultrajante que a trouxéra ao cargo; aconselhou-lhes gestos sóbrios, palavras limpidas, intenções dignas; que não se esquecessem de que o trabalho era, além de um dever, o ganha pão de cada um, e que de sua conducta ficaria dependendo portanto; offereceu-lhes, por fim, protecção e solidariedade.

Aos médicos, ella pediu, com a autoridade que lhe davam muitos annos de convivio sadio, que ajudassem as enfermeiras e os outros funccionarios a cumprirem o seu dever; que respeitassem o retrahimento de umas, e não se aproveitassem da leviandade de outras, corvejando sobre a sua inexperiencia; que respeitassem, principalmente a ella, em nome, pelo menos, da preoccupação com que sempre se conduziu para os não compromettêr.

Acceitaram todos as suas palavras e assim, tendo exposto o seu programma, sentiu-se livre para realizál-o.

Os primeiros mêzes passaram sem que a sua serenidade fosse perturbada por qualquer desgosto; mas, ao cabo de algum tempo, já familiarizados com a sua bondade, Terêsa Julia principiou a observar certas conductas que fatalmente reaccenderiam os antigos clamôres.

Reagiu; chamou culpados, separou-os, reprehendeu-os e tornou-se vigilante, activa, intransigente. Mostrou que era sempre a mesma e, conseguindo que os factos não se repetissem, correspondeu á confiança de que fôra depositaria.

E uma nova phase se abriu para a casa, que se tornou, então, modelar.

Um dia, porém, ella, que já não vigiava, convencida de que finalmente todos se compenetraram do dever, surprehendeu em amoroso colloquio o secretario da casa com uma rapariga nova e bonita, admittida poucos mêzes antes.

Ella, viuva apesar de joven elle solteiro, ambos livres, portanto, namoravam-se talvez. Era natural, mas o ambiente improprio para as expansões, e uma vez que ambos perceberam que ella os vira, tornava-se mistér censurál-os.

Nesse momento, Terêsa Julia perdeu toda vaidade de ter conseguido reerguer a bôa fama do Abrigo e todo orgulho do seu desassombro em criar inimigos, como criára, no cumprimento do dever. Aquelle homem que surprehendêra enlaçado com a sua subordinada fôra o unico que conseguira penetrar-lhe o coração sincero; observára-lhe o caracter e o reconheceu impolluto admirou-o entre todos, e amou-o em seguida, num segredo avaro. Sentiu-o orgulhoso do seu nome incapaz de lhe comprehender a ternura, de lh'a retribuir e, mais do que tudo, sentiu-o desinteressado della. Viveram annos a fio, sem que elle vislumbrasse, na tristeza de todos os seus gestos, na supplica silenciosa dos seus olhares, na renuncia de todos os seus gostos, o incendio que lhe devorava o nobre coração; viveram lado a lado, sem que elle lhe dirigisse uma palavra de carinho, uma scentelha de esperança; mas outros, dos seus intimos, talvez porque fosse sincera demais, já haviam atirado delicadas indirectas á solicitude espontanea e pronunciada com que ella, longe delle, anonymamente portanto, lhe preparava, ora o leito em que se deitaria, ora o refeitorio, ora o ambiente em que permaneceria mais tempo. Para esses, não convencidos mas desconfiados, ella seria talvez, na hora de punil-o, não a enfermeira-mór cumprindo o seu dever, mas apenas uma despeitada.

Terêsa Julia em tudo pensou, num relampago, deante da surpresa dolorosa. Os culpados confessos, retiraram-se e ella ficou paralyzada de dôr, entre o dever e a sua dignidade de mulher. Punil-o éra-lhe duplamente horrivel; fal-o-ia soffrer arriscando-se á pecha de vingativa; embora a razão lhe mostrasse que aos outros punira sem vacillação, mostrava-lhe tambem um coração revoltado e dolorido. A qual obedeceria? Como tornar sciente a administração do que vira, sem prejudicál-o, enormemente, sem desmascarál-o, vulgarizando-o? Como deixar de denunciál-o sem remorso de haver denunciado os outros? Como cumprir o dever com justiça, sem a idéa de que, mais do que o dever, o coração gritava pelo castigo?

E elle, que nunca lhe déra attenção, ignoraria, afinal, o que outros tão acertadamente, suspeitavam? E não iria desprezál-a em seguida? E o seu desprezo lhe doeria, decerto muito mais do que a indifferença de sempre que lhe permittia, porém, cercál-o de abnegada solicitude.

A moça conheceu, então, ella, a desassombrada, a innatingida, a incontaminavel, a peór angustia.

Sahiu da sala e foi se refugiar na capella, em busca de um soccorro. E elle veiu.

No dia seguinte, os jornaes annunciavam que a Enfermeira-mór do Abrigo dos Pobres, por motivos de saúde, pedira demissão do cargo; e accrescentavam, entre exaltados elogios:

"Essa resolução será definitiva."

AS JOIAS

HA cinco annos que Bob, certo dia me falou de Myrna. Esta dama americana acabava de comprar um velho castello perdido no meio do bosque. Eu conhecêra Bob no Quartier Latin, quando era estudante pobre. Ia encontrál-o novamente rico, proprietario de uma villa e rodando noite e dia em seu carro de oito cylindros. Bob convidou-me generosamente para jantar em Nice.

Uma noite, por volta das oito, o vi reapparecer.

— Veste o frac — disse-me. — Quero levar-te á casa de Myrna. Ella offerece hoje uma festa nocturna e eu te asseguro que não te aborrecerás.

Um bello crepusculo embellecia a Côrte d'Azur. Vista do luxuoso carro, sob uma lua ascendente, que deslisava suave através dos pinheiros, aquella paizagem, filmada a cem kilometros de velocidade, se revestia, a meus olhos, de uma graça singular.

Eram onze da noite quando divisámos o castello. Vinte janellas illuminadas se destacavam no horizonte e, num immenso parque que parecia deserto, lampadas chinezas, collocadas profusamente nos ramos das árvores, davam ao local um aspecto fantástico.

— Myrna sabe fazer bem as coisas! — disse Bob, rindo.

Arrumou seu carro entre cem outros, e subimos pela imponente escada de mármore. Um grande *valet* de impeccavel libré vermelha nos introduziu em uma ampla sala. Mais de sessenta pares dançavam ao compasso de um *jazz* dissimulado atraz de uma cortina de palmeiras. Ao fundo, erguia-se um *buffet* sumptuoso, servido por hindús de turbante alaranjado.

— Vem — sussurrou-me Bob. — Vou apresentar-te.

Percebemos Myrna em uma roda de homens. Vestida de branco-prata, na cabeça um valioso diadema, ella me impressionou por sua grande belleza. Timido, deslumbrado, inclinei-me deante della, mas Myrna me extendeu graciosamente a mão, dizendo, com voz pura e harmoniosa:

— Seja bemvindo! Agradeço a Bob o tél-o trazido. Si não ha inconveniente, senhor, dance commigo.

Não posso descrever o que senti. Emquanto, decepcionados, os outros cavalheiros se afastavam, eu enlaçava, com o coração palpitante, o busto daquella mulher, sem comprehender, comtudo, a secreta razão por que me havia concedido tão preciosa preferencia. A troca de um só olhar no meio da concorrencia podia haver desencadeado aquella repentina sympathia? Desde essa noite, acredito nos fluidos magneticos.

Embalados pelo sualismo dos tang pela languidez das sas lentas, dançámo sim durante quasi horas. Eu havia pe a noção do tempo logar. Só via Myr sua bôcca entreaber seus olhos profundo um azul, quasi negr

— Saiamos um p — disse ella, por fi Preciso respirar.

Acompanhei-a ao que, onde a lua, alta, recortava a si ta das montanhas ximas. No meio da le parque se erguia kioske, e eu tive surpresa ao penetrar le. Sobre uma mesa be com incrustações marfim, estava prep da uma ceia fria. M obrigou-me a tomar gelado e a comer al doces. Como eu a ol se intensamente, ella xou os olhos, e falou

— Meu marido está Chicago. E posso ga tir-lhe que não o muito...

Ao proferir essa p se, levantou a mão. via tocado no comm dor electrico, e o co pavilhão ficou en to em trevas... Attr Myrna, que não me pelliu, e, quasi imme tamente, unimos nos labios. Quanto du aquelle beijo? Impo vel recordal-o... A jo americana, de repe se desligou da pres de meus braços e, c gesto rapido, tornou accender a luz.

— Desculpe-me — se-me. — Vae começa *cotillon*. Agora perte a meus convidados.

Voltei ao baile sem thusiasmo. Eram, ap ximadamente, duas madrugada, quando, traz da orchestra, em nhando imponent *brownings*, irromperam sala doze gigantes mascarados.

— Mãos para cima! gritaram aos convidad ameaçando com su armas.

Houve gritos de te ror. Algumas damas d maiaram. Entretanto, doze homens sorri tranquillamente. Compr hendi que aquella mis *en-scène* não era ma

Miragem de um norte-americano, perdido no deserto...

que uma figura, um recurso original do cotillon. Em sociedade são permittidas as pilherias, mas aquella americana exaggerava um pouco.

A um signal de Myrna, pállida sob seu diadema, os bandidos de opereta nos collocaram nos pulsos grossas algemas e recolheram rapidamente quinze milhões de jóias. Eu, por meu lado, tive que ceder as duas pérolas negras com que havia ornado o peito de minha camisa. Foi precisamente nesse momento que Myrna, approximando-se gentilmente de mim, me disse ao ouvido:

— Sensação, darling... Eu gosto das sensações...

Aquillo não passava de uma sensação, mas positivamente muito forte. Quantos olhares angustiados! Quantas bôccas contrahidas!... Mas tudo succedeu como eu previra. Os falsos bandidos reappareceram, um quarto de hora depois, trazendo dois grandes canastros. Esses bons servidores nos tiraram os grilhões e devolveram as jóias a seus respectivos donos.

Essa festa terminou com uma ceia maravilhosa, e todos commentaram divertidamente o espirito de Myrna, que recebeu modestamente os mais vivos elogios. Só deixámos o castello ao amanhecer, mas eu o fiz com a mais viva esperança de voltar.

Sonhava, no dia seguinte, com minha querida Myrna, quando Bob, chegando bruscamente, vibrou em minha mesa um murro furioso.

— Que aventura! — exclamou. — Eu nunca vira nada igual!

E, a seguir, contou-me que, cheias de inquietude, tres grandes damas de Nice, presentes á festa da Myrna, se haviam apresentado, aquella manhã, em uma joalheria, para que fossem examinadas suas valiosas jóias. E tiveram a decepção de saber que as jóias authenticas não passavam, agora, de simples imitações. A noticia circulára por toda a cidade e as queixas affluiam á prefeitura de policia.

De Pierre Villetard

— Comprehendes agora? — proseguiu meu amigo Bob. — Foi uma ampla *colheita*, preparada com antecedencia. Aquella mulher devia ter numerosos cúmplices. Todas aquellas jóias, conhecidas, observadas por elles, foram copiadas secretamente. E, na noite passada, o terrível bando negro realizou a substituição em poucos minutos. Lembras-te dos botões de meus punhos? Os dois brilhantes não passam, agora, de pedaços de vidro... Mas, a proposito: e tuas pérolas?

Minhas pérolas eram falsas, e eu não o ignorava. Mas não sei que escrúpulo me impediu de confessál-o.

— Anda — propoz Bob. — Vem commigo á joalheria. O perito te informará, meu pobre amigo...

Tomámos um automovel. Eu levava minhas duas pérolas negras. O ourives examinou-as detidamente.

— Senhor, eu as compro — disse-me, por fim.

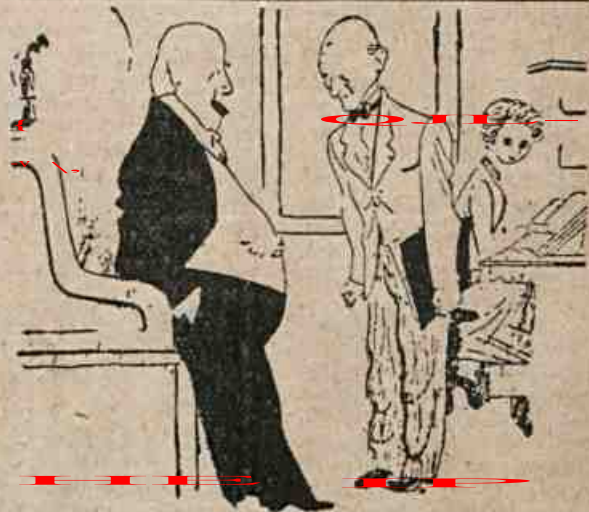
Deante do elevado preço que me offereceu aquelle bom homem, duas lágrimas estúpidas me innundaram os olhos. Minhas duas pérolas falsas se haviam transformado em verdadeiras, e esse presente imperial eu o devia ao amôr da formosa Myrna.

— Minhas pérolas — respondi — não se acham á venda.

— Rapaz, és um homem de sorte — disse-me Bob, com certo despeito.

Eu devia associar-me á indignação que despertava em torno de mim aquelle roubo collossal. Mas, confesso francamente que não me senti com coragem para fingir. Amava muito a Myrna para accusál-a, e arriscaria tudo, si fosse preciso, para ir reunir-me a ella. Mas seu yate, prudentemente, já havia zarpado de Nice. Nunca mais voltou a aguas francezas.

E ainda hoje, depois de cinco annos, meu pensamento não abandona minha formosa amada de uma hora — a envolvente Myrna, que, á distancia, talvez dos confins da terra, me tem invisivelmente amarrado a seu poder fascinante, a sua belleza peregrina...

Myrna! Não te esqueci! Nem por um momento desmereceste a meus olhos, em que pese á tua vida dissoluta!... E, commovido até as lagrimas, te digo: "Obrigado! "Essa prova de amôr que tu me déste, na noite memorável, tem, para mim, mais valor que todos os thesouros da terra...

— O senhor é um excellente empregado, e merece ganhar mais...
— Sois a bondade em pessôa, senhor director!
— ... E é por isto que o aconselho a procurar outro emprego!

A ACÇÃO DE DIVORCIO

O criado fez Andréa Plouc entrar para o grande salão de espera onde já se encontravam quatro pessôas: tres senhoras e um homem decentemente trajado.

Andréa, uma mulher de trinta annos, linda e de elegancia discreta, sentou-se para aguardar pacientemente sua vez.

Embora sua posição e sua fortuna lhe dêssem o direito de entrar em primeiro logar, não quiz chamar a attenção do criado e se entreteve em folhear as luxuosas revistas que havia sobre a pequena mesa. Passava folhas e mais folhas, apparentemente attentissima ás gravuras e texto, mas na realidade sem saber o que via.

As tres senhoras, com essa aguda curiosidade propria do sexo, observavam a recem-chegada, detalhando seu vestido, de côrte irreprehensivel, que revelava a mão de um grande costureiro; seu chapéo, original dentro de sua simplicidade; as poucas mas valiosas joias que adornavam a nova cliente... Esta devia ser *caça maior*, e as tres damas compuzeram *in mente*, e cada uma segundo seu criterio, o facto que teria obrigado a ir até alli, á sala de espera de um advogado especialista em divorcios, aquella mulher bonita, joven, elegante, e que parecia destinada a ser muito feliz.

Ao despachar um cliente, o doutor Baliveau viu Andréa e a fez entrar em seu gabinete, com visivel pressa.

O advogado era um homem de meia idade. Sua palavra era clara, seus gestos precisos e se fazia ouvir. Não havia grande divorcio parisiense em que não defendesse um ou outro dos innumeros conjuges que acham a vida em commum insupportavel.

Indicou á senhora Plouc uma grande poltrona, e disse:

— Estimada senhora: trabalhei muito a seu favor.

— Obrigada, doutor.

— Redigi as conclusões que vão servir de base a sua acção de divorcio contra Estevam Plouc, seu marido. Utilizei-me de tudo quanto a senhora me disse no transcurso de nossa longa conferencia do outro dia, classificando os factos por sua ordem chronologica. Desdenhei alguns que não me pareciam tão importantes para attrahir a attenção do tribunal, mas estou certo de que temos armas mais que sufficientes para ganhar o processo. Vou ler-lhe essas conclusões.

Andréa installou-se commodamente, disposta a ouvir com a maior attenção.

— Insiste a senhora em affirmar — perguntou Baliveau — que não tem nenhum reparo a fazer relativamente á fidelidade de seu marido?

— Nenhum.

— Bem... Isso seria o argumento decisivo que daria uma facil victoria, mas passaremos sem elle. O que estabelecemos basta amplamente para demonstrar que a vida se lhe tornou intoleravel ao lado desse homem. Aqui estão as conclusões: si ha nellas alguma coisa inexacta, ou esqueci algum detalhe, tenha a bondade de recordar-me.

— Fal-o-ei, doutor.

O advogado tomou os papeis, poz os occulos e começou a ler. Andréa, com a cabeça baixa, escutava attentamente, emquanto sua mão enluvada batia nervosamente no braço da poltrona.

— ... Um anno depois de seu casamento, Estevam Plouc, opulento industrial, e que, graças a uma formidavel publicidade, occupava a attenção de toda Paris, começou a affirmar sua tyrannia domestica, exigindo que fosse despedida uma criada a quem Andréa muito estimava. Após o nascimento de uma menina, Estevam dispuzéra em sua casa um appartamento especial para a criança e sua ama, sob o pretexto de que o pranto da pequena Miguelina lhe incommodava. Mas isso era, ao mesmo tempo, separar a mãe da filha.

"Um dia do mez de outubro, Estevam, que dava um grande banquete em honra de varios financistas, ordenára a Andréa que compare-

— Meu amiguinho, si eu te der dois mil reis, dir-me-ás onde está o Emilio?
— Sim, senhor!
— Pois eis aqui os dois mil reis...
— Emilio sou eu mesmo...

De Pierre Valdagne

se ao ágape, apesar de a esposa achar-se enferma e dever guardar o leito por prescripção medica. Deante das timidas observações da senhora Plouc, elle se exaltára grosseiramente, injuriando-a e obrigando-a a vestir-se. Logo que chegára ao salão, a senhora soffrêra um longo desmaio.

"Dois annos transcorreram em meio de continuas e violentas scenas. Plouc era cada vez mais autoritário e brutal.

"Devendo fazer uma viagem perigosa á Africa, e sem escutar os rogos de sua familia, não vacillára em levar comsigo sua esposa, que se viu obrigada a viver entre tribus hostis e em condições tão incommodas, que, ao regressar, a senhora Plouc teve que guardar o leito durante dois mezes.

"No anno seguinte, o genio de Plouc se irritou de tal modo, que, á menor contradicção, soffria de terriveis accessos de furor. Durante um delles, fez em pedaços uma cadeira e levantou a mão para sua esposa. Por motivo de um pretenso roubo, do qual se accusava a cozinheira, e vendo que Andréa queria interceder por ella, Estevam a tratára, perante varias pessôas, de *imbecil* e estupida, e, segurando-a por um braço, a arrastára para uma galeria, rasgando-lhe o vestido e deixando-a atirada ao chão, sem notar que, ao cahir, Andréa ferira a fronte no marmore da estufa... Injurias graves, lesões... Temos testemunhas, senhora — acabou dizendo o advogado. — e o tribunal lhe devolverá sua liberdade.

Andréa levantou a cabeça e olhou Baliveau bem de frente, com olhos serenos. Depois accrescentou, com voz tranquilla:

— Doutor, renuncio ao divorcio. O advogado se encostou na cadeira, surprehendido.

— Que me diz, senhora?

— Que não quero mais divorciar-me. Occorreu hontem alguma coisa que transformou completamente todos os meus projectos.

— Que?

— Vou dizer-lho. Minha filha Miguelina, que tem já sete annos, se encontra muito doente. Hoje se sente melhor, e espero que a salvemos, mas hontem se achava muito grave. Deixei-a um momento com a enfermeira. Meu marido abriu a porta e fez á mulher um signal imperioso para indicar-lhe que queria ficar só com a menina. A enfermeira veiu dizer-mo, accrescentando que nunca vira meu marido tão carrancudo, tão brusco e dominador. Não sei o que se passou commigo. Tive medo, sim, um medo atroz, e dirigi-me apressadamente ao aposento de Miguelina. A menina não se movêra e parecia dormir. Sua respiração agitada e seu rosto vermelho revelavam claramente a alta febre que a queimava. Perto da cama, vi meu marido sentado em uma cadeira baixa. Olhava sua filha e chorava. Grandes lagrimas rolavam-lhe pelas faces. Isso me fez ver claro em muitas coisas, e eu já não quero divorciar-me.

Baliveau permaneceu longo tempo em silencio, sorrindo maliciosamente.

— Seja, senhora — disse, com ironia. — Mas não posso deixar de perguntar-lhe: já que havia tomado essa resolução, por que me deixou ler todas essas conclusões que fiz tão conscienciosamente?

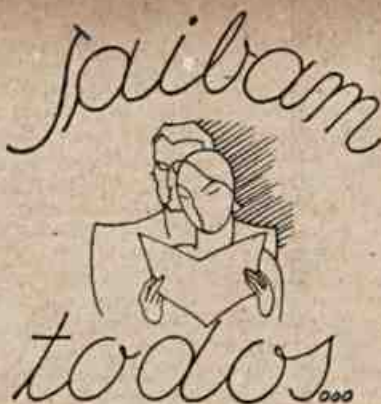
A perspectiva de uma bella causa se lhe dissipava do mesmo modo que a esperança de soberbos honorarios, e isso lhe punha de muito máo humor.

— Desculpe — respondeu Andréa, — mas eu queria ouvir o resumo de todas as minhas accusações. O senhor fel-as passarem, uma a uma, deante de meus olhos, e eu lhes dei seu legitimo valor. Que pouca coisa representam, meu caro doutor!... Vi meu marido chorar... E um pae que chora, ao ver sua filha enferma, não póde ser um máo homem. Si seu genio é violento, si me trata mal, eu procurarei curál-o, arranjando as coisas o melhor possivel... Mas me separo delle!

E, deixando sobre a mesa uma nota de mil francos, a senhora Plouc agradeceu e se retirou...

— Não tens vergonha de, na tua idade, estares cheirando a fumo?
— Não é minha culpa: mamãe acaba de me dar um beijo...

DRADEAN (R. G. do Sul) — Eis o que me escreve o sr:

"Illmo. Sr. Yves. Saudações cordiaes. Dirijo-me á V. S. crente que terei o mesmo acolhimento que teem os que dirigem-se á V. S. por intermedio da "Secção" saibam todos". Apezar de ser ha muito leitor do Fon-Fon, nunca despertou-me tanta attenção essa secção, como a publicada em 4 do fluente, em que um vosso consulente refere-se ao livro "Uma garçonne carioca". Lendo a carta que esse Sr. vos dirige, reparei que o Sr. Bastos Portela, éra o mesmo que esconde-se sob o pseudonimo Yves. Ora, sendo o sr. Portela o autor do livro em questão, forçozamente o sr. Yves tambem o é. Lendo tambem a critica que faz Sylvia Moncorvo, tive, não sei explicar o motivo, uma vontade immensa de conhecer o vosso livro. E essa vontade, é o motivo porque vos dirijo essa; por isso sr. Yves, peço-vos que, (se eu fôr acolhido nessa secção) me informe se poderei obter um exemplar do vosso romance, por intermedio desta secção, isto é, tendo o Fon Fon, por intermediario.

Adeanto-vos que já percorri quasi todas as livrarias daqui, não tendo encontrado-o. Julgo não ter vindo, ainda até aqui no Sul.

Agradecendo-vos antecipadamente, vossa resposta, sou vosso futuro amigo e creado."

O meu romance "Uma garçonne carioca" está á venda em todas as livrarias do Rio, de S. Paulo, de Porto Alegre, Bello Horizonte e Bahia. Aqui no Rio encontral-o-á ao preço de 6$000 na Livraria Alves, á rua do Ouvidor 166. "O Suave enlevo" — idem.

MARLIS (R. G. do Sul) — Uma carta côr de cinza, vinda da terra gaucha. Olaré! Que me dirá essa bella senhorita, cujo pseudonymo é *Marlis*, mas cujo nome começa com estas iniciaes: A. P.?

A sua missiva encerra uma pergunta interessante e difficil.

Lei-amol-a:

"Yves querido: Ainda não me conheces, pois é a primeira vez que te escrevo, e tambem ha pouco te conheci: Estive ausente do Brasil, em Berlim, quatro longos annos, e só em março de 31 que, saudosa, chegava ao meu querido Rio Grande. Depressa acostumei-me novamente aos habitos brasileiros, inclusive lêr o "Fon-Fon" todas as semanas e assim conheci o Yves, de quem tornei-me grande admiradora.

Hontem, n'um chá com algumas amigas, a conversa rumou para este ponto:

"... Porque a primeira mulher foi formada de um homem e agora é o homem que se forma da mulher?..."

Poderias responder-me na Secção "Saibam Todos"?

Esperando ser attendida, antecipadamente grata, envio-te um beijo. — *Marlis.*"

Resposta — Leia os tratados de biologia, e verá que a mulher ainda se forma do homem... (*Honny soit qui mal y pense...*)

NELSON MAC CORD (Capital) — O sr. me dirige a seguinte carta:

"Illmo. Snr. Yves. Redação de FON-FON. Caro Yves. Saudações. Dirijo-me á você, como um amigo que quer uma "ajuda" para a publicação, caso possivel, de umas "cousas" que achei de dar o nome de contos e phantasias. Sei quanto você é imparcial para com os collaboradores de FON-FON e foi esse o motivo que me animou a escrever-lhe. Sei mais que caso as minhas producções tenham algum merito não deixarão de ser publicadas nas brilhantes paginas de FON-FON, sendo que esse é um dos meus maiores desejos. Não lhe interessa o que vou dizer, mas como curiosidade talvez passe. Tenho uma phantasia denominada "Recordações" que foi publicada no numero de Maio da revista mensal *Frú-Frú*. (Isto é, não me recordo bem se no numero de Maio ou de Abril). Tenho outra denominada "Saudade" publicada na mesma revista no numero de Maio ou Junho. Um momento, vou ter a certeza... Prompto. "Recordações" em Abril e "Saudade" em Maio. Como já publiquei essas duas phantasias no *Frú-Frú*, só me falta, para a "consagração" definitiva que tenha uma figurando nas brilhantes paginas de FON-FON, e tendo algumas esperanças sobre isso, só tenho que agradecer-lhe caso me dê essa opportunidade que tanto almejo. E desejando uma victoriosa marcha de FON-FON pelos annos a dentro, firmo-me amigo sincero de FON-FON e de todos que nelle militam, firmando-me amigo particular do chronista Yves ou, como queira, do escriptor e poeta Bastos Portella."

A sua carta representa a montanha. O Hymalaia. Agora, vejamos o ratinho que sahiu da montanha:

SAUDE!... AMOR!...

Por Nelson R. Mac-Cord

Sol!... Tú és a vida. És a luz que illumina o destino de cada um de nós. Sem ti seria impossivel a existencia. Teus ardentes raios são portadores de saude, sendo, portanto, portadores da mais desejada felicidade. Illuminas cidades e campos! Pobres e ricos! Homens e animaes! Todos são beijados pelos teus ardentes raios. Tú és o astro portador do calor que anima corpos já quasi inermes. És a luz da vida. Sol!

.. ..

Lúa!... És o amôr. Com tua suave claridade és o symbolo do coração apaixonado. Sem teus raios o amôr seria banal. Com os mesmos, é uma das maiores, das mais verdadeiras felicidades. És, como symbolo da paixão ar-

dente e sincera, o maximo que a especie humana póde desejar. És irmã espiritual do Sól e se alguem tiver ao lado da tua luz mixeria a forte claridade dos ardentes raios do Sól poderá dizer que tem tudo na vida. És o astro feito amôr, oh Lua!...

Não, poeta: o sr. não póde contar com o meu apoio. O sr. pega da penna para dizer semelhante velharia: "Sól! Tu és a vida. És a luz que illumina o destino de cada um de nós"... E queria que o sol fosse a treva?

NIZAB (Capital) — O sr. pensou, pensou, e acabou achando que eu era apreciado. Podia ser peor. Imagine que eu fosse desapreciado? Isto é, um homem tido no seu desapreço? Felizmente, isso não se dá. O sr. sempre me confére um adjectivosinho amavel: apreciado.

Ora muito bem.

Vamos á sua carta:

"Apreciado Yves. Confiante na justiça dos seus julgamentos, envio-lhe um soneto meu: "Inspiração", sobre o qual gostaria de ouvir a sua opinião (porque não dizer?) de mestre.

Ha uma semana remetti-o ao Snr. Heitor Moniz, do "Correio da Manhã", para a secção "Social" dirigida pelo mesmo naquella folha, porém a demora na publicação faz-me crer não o ter agradado.

Tenho outros que, com muito prazer, submetteria á sua critica, se com isso não lhe fosse importuno.

Para qualquer eventualidade de publicação prefiro o pseudonymo de Lartos de Zimbá, que é um anagrama dos meus dois sobre-nomes.

Agora, o soneto *Inspiração*.

P'la inspiração me perguntaste, [um dia
quando de ti bem longe eu me [encontrava,
e teus olhos fitando eu respondia:
que onde estavas ella ahi se acha- [va...

O teu olhar então se acendia
de candida malicia que encantava,
illuminando-te a physionomia
de um dôce encanto que maravilhava...

E olhando-nos assim nos compre- [hendiamos
na muda confissão de um affecto [immenso,
por cujos brandos laços nos unia- [mos.

Que sobre elle a cismar ficando, eu [penso
que amôr assim só eu e tú seriamos
capazes de sentir tão grande e [intenso!...

Aquelle "p'la inspiração" veio mesmo a calhar. Será o sr. algum sympathico lusitano?

A. M. S. L. (Capital) — Caro poeta. O seu soneto descriptivo é muito interessante. E' pitoresco.

Como elle se adapta a esta secção, é claro que deve figurar nella, com a respectiva carta que me envia. Mas não veja isso a menor desattenção ao seu trabalho. Ella fica no "Saibam todos..." por ser de um humorismo sadio. E' engraçado. Isso diz tudo.

Primeiro, leiamos a carta:

"Sr. Yves. A' sua consideração, tenho o prazer de enviar-lhe o soneto annexo, cuja inspiração foi a seguinte: tenho, na minha tenda arabe de trabalho, varios companheiros que teem por instincto exaggerar as cousas ou acontecimentos passados. D'entre esses camaradas, destaco dois, o Gastão e o Baptista.

Essa dupla contou ou descreveu o acontecimento seguinte: que foram designados pelo Chefe para procederem a uma importantissima commissão no interior da nossa cara Patria. Na viagem, então, contaram esse trecho muito interessante e que está revertido no soneto annexo.

Terminando, Sr. Yves, aguardo resposta no "Saibam Todos" e, se possivel, o mais depressa, pois estou de viagem marcada para muito breve. (Não confunda com a viagem da "dupla")...

A. M. S. L."

Lida a missiva, passemos ao soneto que, como se vê, é interessante e bem feito:

A BORDO

— Faizão com penas! — grita o [cosinheiro.
Machinalmente, obedecendo ao ins- [tincto
Baptista treme e desaperta o cinto
E espera, afflicto, a entrada do [esperto...

— Por Jupiter te juro — é meu [inteiro!
Brada, exaltado pela acção do [tinto;
Gastão tambem dá mostras de [faminto;
Isto se passa a bordo de um car- [gueiro.

Affirma um que os vinhos têm [cem annos.
O outro, se a memoria não lhe [falha
Diz que elles são antediluvianos...

No fim do brodio a cousa se avac- [calha:
Dando vivas a gregos e troyanos,
Os dois, limparam a bocca na [toalha.

Parabens.

ANTONIO SANTOS (Capital) — Sim. Mas que quer dizer esta primeira estrofe:

A DANÇA DAS ESTRELLAS...

Dentro da noite,
toda essa infinita
de horas tardias,
velhas horas de luar,
em que me esqueço, silente,
a prescrutar
o preludio dolente
dos respingos de prata
do repuxo do jardim da minha [casa,
pelo constante borbulhar efferves- [cente
do contacto liquido no aquario de [granito...

"Dentro da noite,
toda essa infinita
de horas tardias."

Que vem a ser isso, poeta?

Yves

Aos nossos leitores. — Nesta secção prestaremos todas as informações que nos solicitem, bastando tão sómente que sejam formuladas com clareza e logica.

* * *

Toda e qualquer correspondencia designada a "Saibam todos" deve ser dirigida a Yves, nesta redacção. Mas para isso é necessario enviar-nos coupon abaixo, devidamente preenchido.

ENDEREÇO:

Rua Republica do Perú, 62

Caixa Postal 97

Telephone 2 - 4136

FON - FON — 16-7-932

Data da consulta ....

Nome do consulente ....

....

ZICO

Conto por Newton Sampaio

Ao sentir entre os dentes o freio puxado por vigorosos punhos, o cavallo estacou subito deante da porteira, espumando nas ventas escancaradas pelo cansaço da corrida. Em seguida, prestamente pulou dos arreios um guapo rapaz, de chapéu largo a proteger do sol o rosto esbrazeado, onde dois olhinhos vivos se moviam de continuo. Trazia nas mãos, além do chicote de couro, um minusculo embrulho de papéis. De estatura avantajada, musculos rigidos, e coradas faces via-se bem que era uma potencia de energia para qualquer trabalho. O traje era simples: botas de montar, que accusavam não muito má situação, esporas com largas rosetas, camisa de brim amarello, proprio para dispensar o paletó, aberta no peito, e sobretudo aquelle chapéu largo, complemento indispensavel, e que lhe dava a nota mais caracteristica de elegancia sertaneja.

Apenas apeára, e já um luzidio cachorrinho, abanando a cauda, lhe vinha roçar as pernas, a dar ladridos de alegria. O moço, complacente, abaixou-se para lhe acariciar o dorso, e disse:

— Saudades de mim, meu caro. Pudera! Desta vez eu não o deixei ir na minha companhia, hein?

E logo amarrou mal e mal o cabresto no palanque, atravessando com passo firme o terreiro, que preguiçosa ,mulatinha difficultosamente varria. Antes de poder alcançar a casa, veiu-lhe ao encontro uma graciosa moçoila, que de longe já gritava:

— Então, Zico? Alguma carta para mim, hoje?

— Certamente, dona. Até duas, creio eu.

E, dizendo isto, entregou-lhe o pacote que tinha nas mãos.

— Muito obrigada, Zico. Você é um anjo. Hum! Que carta perfumada! Será que...

Não poude terminar. Viva curiosidade, mesclada de intenso jubilo, fêl-a voltar correndo e logo desapparecer no interior de um quarto.

Cumprida a obrigação, Zico deteve-se quedo e, para se distrahir, começou a titilar devagarinho com o chicote o lombo do cachorro, que, rosnando, continuava a lhe fazer festas.

Pouco depois, empertigado o corpo, dirigiu-se para o paiól, cantarolando uma trova sertaneja. Ao voltar, trazia nas mãos calejadas algumas espigas de milho e, sentado finalmente no unico degráu da escada, dispôz-se a debulhál-as, attrahindo ao redor de si uma multidão de gallinhas em interessantes conflictos. Emquanto isso, o sol que, na sua frente, ameaçava enterrar-se dentro em pouco na grota longinqua, induzia-o a meditar em silencio.

O negociante. — 32 revolveres... 40 caixas de cartuchos... 50 reparações de browning... E ainda dizem que ha crise!

(Continúa na pag. seguinte)

ZICO

(CONTINUAÇÃO)

Recordava quando, muitos annos antes, da direcção do nascente, num domingo bonito como aquelle, e tambem á tardezinha, elle, simples garoto com um pequeno sacco de roupas a tiracolo, viéra bater á porta da fazenda pedindo serviço. E depois, pelo passar do tempo, e mercê de sua actividade e zêlo no trabalho, fôra pouco a pouco captando a confiança e a amizade de seus protectores, até que, já homem feito, e homem correcto e valoroso, era uma especie de ajudante-de-ordens do patrão, que nelle depositava os encargos de maior responsabilidade, considerando-o mais como pessôa de casa que empregado.

Por tudo isso, Zico julgava-se muito feliz, e nada tinha para queixar-se da sorte. Mas, coisa inexplicavel, emquanto os reverberos solares gradativamente se iam enfraquecendo, o guapo rapaz, que tinha as mãos dadas e alegres com o destino, começou a sentir um esquisito mal-estar interior. O coração parecia pulsar de outro modo naquella tarde. Lá por dentro uma coisa differente estava a remover-se daqui e dali. E elle, que nunca ficára assim entregue, mesmo depois dos mais arduos trabalhos, num fim de domingo haveria de sentir-se cansado? "Oh! não", — monologou, sorrindo. "Não póde ser, "seu" Zico. Força a essa carcassa".

E sem mais demora foi buscar o "pinho", companheiro de sempre, amigo de confiança e confidente fiel, uma das coisas de que mais gostava. O violão, o doiradilho, o cachorrinho negrêço, a amizade dos patrões, e, principalmente, a independencia e rectidão no proceder, constituiam o melhor de sua vida. Com isso tudo, o mundo podia vir abaixo que o não incommodaria. Trazia um mundo comsigo.

De novo abancado no degrau da escada, começou Zico a ferir as cordas do instrumento, e a meia voz ia entoando umas improvisadas quadrinhas, com o sentimentalismo tão profundamente caracteristico do sertanejo brasileiro. Não sei por que, mas naquelle dia ellas sahiam tão espontaneas e com tal tom de tristeza...

O dia desapparecêra, e a lua viéra clarear o corpo de Zico, (que na calada da noite continuava a improvisar versinhos), projectando oblonga sombra, muito oblonga, mesmo, no terreiro varrido, onde as gallinhas não mais bicavam milho em interessantes conlúios.

* * *

— Que é isso, Zico? Até que horas quer você ficar ahi? A titia ha pouco esteve a observar o cavallo arreiado, o paiól aberto, e a casa toda por fechar. Vamos. Deixe essa tristeza e venha dar uma prosinha commosco, aqui na varanda — disse, assomando á porta a moçoila graciosa que recebêra as cartas.

Obediente a todos os pedidos, Zico tratou de executar os serviços. Quando, porém, se foi deitar, não conseguiu conciliar o somno. A todo o momento lhe vinha á memoria aquella vozinha de meiguice: "Que é isso, Zico?" E sem querer, começou a pensar na sobrinha do patrão, que de S. Paulo viéra passar uma temporada na fazenda. Ella era tão boasinha... Tratava com tanta amabilidade todos os empregados, até os mais rudes... E, além disso, os seus olhos eram bonitos... bonitos...

Z I C O

(C O N C L U S Ã O)

E logo sacudiu a cabeça com energia, reflectindo: "Que tem você com isso, "seu" moço? Que ella seja ou não bôa e bonita, não é da sua conta. Não metta o nariz onde não é chamado."

Mas, qual! Por mais que tentasse varrer da cachola esse pensamento, não o consegruia. Era inutil. Elle teimava em apparecer. E teimava cada vez com maior vehemencia.

Assim passou parte da noite. De madrugadinha já, resolveu dar um fim áquillo. E perguntou a si mesmo: "Por que pensas assim, Zico?" Insensivelmente, teve de tirar a conclusão: gostava da sobrinha do fazendeiro, com todo o vigor, com toda a sinceridade que só os nossos sertanejos sabem ter. Gostava da sobrinha do fazendeiro... Elle, um quasi nada. Ella, moça instruida, educada no grande centro, e além do mais, como, sem o querer, pudéra perceber pelas conversas, prestes a noivar na capital. Faltava só o consentimento do pae.

Ao ter certeza dessas conclusões, o pobre rapaz sentiu um calafrio no corpo todo. Não, não era possivel. Que loucura!

• • •

Era no outro domingo. Como sempre, em traje domingueiro, fôra á cidade buscar a correspondencia. Ao voltar, cavalgando o doiradilho de ventas escancaradas, cheias de espuma, e acompanhado pelo cachorrinho de lingua á mostra, estacou deante da porteira, desceu presto do cavallo, e, com passo firme, dispôz-se a atravessar o terreiro, que ainda desta vez preguiçosa mulatinha varria. Pouco depois, ali de fóra, ouviu uns gritos de mal contido jubilo. E' que, á mocolla graciosa, chegára finalmente a esperada noticia.

O sertanejo deteve-se quedo. Como na semana anterior, foi buscar algumas espigas de milho, debulhando-as no chão.

Na sua frente o sol, mais vermelho que nunca, ameaçava submergir-se na grota longinqua. E continuava Zico a meditar em silencio.

De repente, com a physionomia contrahida num decisivo, num supremo esforço de dominio e de energia, os olhos faiscantes e um enigmatico sorriso nos labios, levanta-se e olha em derredor. Sonda alguma coisa. Ali perto da escada estava uma cordinha. Toma-a. Amarra uma ponta na correia do cachorrinho e outra no palanque chantado proximo. Depois examina com desconfiança o ambiente. E numa, no longe do horizonte, o sol já escondêra metade do disco, salta dextramente para cima dos arreios, dá um adeus abafado áquellas terras que lhe eram tão caras, e chicoteia o animal com ardor.

Anoitecêra. As gallinhas haviam abandonado as espigas núas, e a lua, bonita como os olhos da mocolla graciosa, não mais projectava no terreiro varrido uma alongada sombra de rapaz.

Junto ao palanque, o cachorrinho luzidio deixára de abanar a cauda em signal de alegria e, comprehendendo talvez aquillo tudo, encaramonára-se com as orelhas cahidas e o corpo apegado ao chão.

Apenas, no grotão longinquo onde o sol se escondêra, reboava o ronco de algum bugio perdido. No mesmo lado do poente, um cavalleiro, em desenfreado galope, pouco a pouco desapparecia para nunca mais voltar, anathematizando aquelle sentimento que, pela primeira vez, tivéra a fôrça de lhe abater o animo sertanejo.

A PRIMEIRA DÔR

DE MARISE

FERNANDO despertára. Através os vidros quebrados da pequena janella de seu quarto de creança pobre, os primeiros raios de sol penetravam, trazendo-lhe, risonha, a alegria suave e pura dessa manhã de junho, numa bençam de paz e de luz...

Lépido, visando a rua solitária, onde outras creanças brincavam, foi-lhes ao encontro. Olhou os companheiros, e, pelas mãozinhas sujas, iam passando pequenas moédas, onde as trócas se succediam, num enthusiasmo innocente e feliz.

Ao lado, quasi silencioso, Fernando contava tambem os tostões, contidos no bolso; achava pouco, mas sorria-lhes, assim mesmo, satisfeito; viu que os outros possuiam muito mais; que importava?... havia de chegar...

A noite veiu...

Todo dia levára elle trabalhando no pequeno balão que iria soltar, quando o céo estivesse coberto de estrellinhas...

Que lindo estava!...

Na pequena casa, rústica e triste, onde apenas um riso infantil se ouvia, á luz tênue de um candieiro, o balão se achava, já prompto: todo de differentes côres, baloiçando-se ao sôpro da brisa léve, que vinha de fóra, resumia elle todo um róseo sonho de creança... De um lado para o outro, Fernando, o contemplava, cantando, qual uma avezita feliz...

A um canto da sala, porém, uma figura pállidade velhinha apparece; elle córre, a abraçal-a, num frêmito de enthusiasmo:

— Vovó, vê como é bonito! Quando estivér bem alto, como ha de brilhar no céo!...

A anciã sorria, quasi tão feliz quanto elle, e aproximou-se mais da pequena obra do nétinho, feita com tanto amôr!

Pela rua pobre, mal calçada, a alegria era geral: aqui e ali, fogueiras enormes, onde creanças faziam róda, á volta das chammas; ali, era um balão, muito grande, que subia...

Mãozinhas pequenas batiam palmas e os risos se confundiam. Os fógos de artificio destacavam-se na escuridão da rua mal illuminada...

Mais além, os companheiros de Fernando, orgulhosos do exito de seus balões, expandiam a alegria sã, no mais ardente dos enthusiasmos...

Fernando contemplou o céo ... As estrellas scintillavam, rutilantes, e os balõezinhos subiam sempre, para depois, atrás das montanhas se perderem, muito longe...

Com mão tremula, Fernando preparava o seu para o soltar aos ares...

O coraçãozinho pulsava-lhe, apressado, no peito, e os olhos negros, muito brilhantes e expressivos, reflectiam tudo que lhe ia n'alma. Uma brisa leve soprava e a pouco e pouco o balão, em feitio de estrella, tomava sua fórma.

A' porta de casa, a avózinha sorria ainda...

O vento começou, então, a levantál-o e, passados instantes, dos outros se destacava, pela perfeição com que o fizéram, as mãos carinhosas de um menino pobre...

Fernando acompanhava, ansioso o balão... Gritos alegres e fógos se soltaram, e elle subindo cada vez mais...

Mas eis que, num galho de arvore, se prende, queimando-se tudo...

Houve um pequeno silencio no grupo formado ao redor de Fernando: o sorriso alegre desapparecêra de seus labios róseos e dos olhos profundos e tristes, agora, as lagrimas cahiam, silenciosas...

Curvou a cabecinha morena, e nada falou...

O balão, tão lindo, desfez-se em cinzas, no ar... Que restava agorar? Nada mais... no fim da rua, as outras creanças continuavam a brincar, felizes...

Quanta coisa, na vida, não se nes depára, como o destino de um pequeno balão?...

Custára tanto fazêl-o, e eis que, num minuto, tudo se destruira, sem piedade! Assim vivemos todos.

Quanto tempo levamos a pensar numa coisa querida, sonhamos com ella, sorrimos como si a vissemos realizada, e quando menos se pensa, ella se desfaz, apenas em esboço, ás vezes, quasi que em nossas proprias mãos...

S. João!

Por estas noites frias e de luar, os balõezinhos que sóbem, para muito longe, quantos sonhos levam, de nós... E' triste vêl-os partir...

Quando pairam, no ar, alguns instantes, brilhando, como entre estrellas, no céo, sentimos um desejo louco de retêl-os entre as mãos, mas fógem sempre, como que a rir de nós, ingenuos, que os desejamos, apenas, sem os alcançar nunca, tal como a borboleta que vôa nos campos, tão junto de nós e que, no emtanto, nem sempre a tocamos...

Felicidade... Como te desejaria eu ver, qual um balãozinho azul, pequeno, mas que, ao menos, por instantes, entre minhas mãos estivésses, mesmo que depois, no caminho sem destino, alguma coisa te destruisse, como ao balãozinho de sonhos, deixando-me na vida, apenas, a consolação suprema de uma térna e infinita saudade...

O CEMITERIO DOS PAPAS

Nenhum cemiterio christão da antigüidade poderá justamente gloriar-se, como o Cemiterio de S. Calixto, de haver sido o *cemiterio dos papas* da Igreja Primitiva.

Já nos fins do seculo primeiro, sob um daquelles grandes mausoleus que adornavam a *Via Appia*, a *Regina Viarum*, se destacava um pequeno *hipogeo*, que se havia ido estendendo lentamente com curtas e estreitas galerias subterraneas, servindo de cemiterio, não passando dos limites de um modesto recinto funerario.

Junto a este primeiro grupo de galerias subterraneas, pelos principios do seculo segundo, um membro da nobre familia dos *Cecilios*, possuidor de vastos terrenos ao longo da *Via Appia*, logo depois de se converter ao christianismo, fez excavar outro *hipogeo*.

E foi precisamente este o que, depois de se ter ramificado notavelmente no segundo seculo, foi doado á Igreja, sendo ahi estabelecido o antigo cemiterio papal, cuja administração foi entregue a um liberto chamado Calixto, mais tarde ordenado diacono pelo papa Zeferino.

A' cordura e habilidade do novo administrador, que mais tarde foi pontifice e morreu martyr da fé, se devem a ordem e a divisão juridica desta primeira propriedade da Igreja Romana. D'ahi, merecidamente, o nome que hoje tem de S. Calixto.

Tal é a origem deste cemiterio da Igreja que mais tarde havia de tomar tão grandes proporções.

De Rossi distinguiu neste cemiterio, alem dos sectores já indicados, o de Lucina e o dos Cecilios, um terceiro que chama de Santa Sotera; outro chamado do papa Liberio, formado no seculo IV; e, finalmente, um quinto chamado do papa Marcos e de Balbina, a todos os quaes se juntaram os pequenos cemiterios de Marcos e Marcellino e do papa Damaso.

E' de notar, no emtanto, que a importancia desta necropole provem dos primeiros destes cemiterios, pois nelles é que estão as preciosas cryptas, objecto da veneração dos fieis através dos tempos e que teem dado logar a innumeras e piedosas peregrinações.

VESPERA DE S. JOÃO..

No terreiro de uma pobre choupana, ardiam os páus toscos de uma fogueira. Sentado num banco, perto da parede, quedava um velhinho cégo. Soava-lhe aos ouvidos o crepitar da madeira devorada pelo fogo.

Alguem delle se approximou e o contemplou: estava calado, absorvido num scismar profundo, cabeça cahida sobre o peito. E perguntou-lhe em que estava pensando, qual era a causa daquella tão grande tristeza.

O pobre velho, então, com as mãos alisando a barba branca, que se derramava sobre o mirrado peito, em palavras simples, mas que sahiam espontaneamente dos lábios, começou a narrar a historia do seu infortunio.

Fôra violeiro. Estava ali, sentindo o cheiro daquella fumaça e relembrando o seu passado, tão cheio de episodios curiosos e de gratas recordações...

Quantas vezes, na vespera de S. João, tivéra convites para dedilhar sua viola em festas distantes, casando a musica do instrumento com as cantigas, os desafios, as quadrinhas amorosas!

Parecia trazer ainda vivo no paladar o gosto do aluá, distribuido fartamente em todas as casas... Algumas vezes, um luar de prata cahia sobre o immenso sertão quieto e adormecido... Então, grupos de moças e rapazes ganhavam as estradas desertas, cantando, brincando, divertindo-se até noite alta..

Depois era saboreado o gerimun, assado, ali mesmo, nas brazas da fogueira... Mas nada lhe vinha tanto á mente como a lembrança dos desafios á luz dos luares diaphanos, ouvindo-se a vibração das vozes e o som choroso das violas...

E narrava historias, e contava minuciosamente encontros amorosos e o rapto das caboclas casadoiras, que fugiam em vertiginosas carreiras na garupa dos cavallos ageis e velozes.

Rememorou as festas, á luz suave da lua, nos terreiros amplos, onde se faziam ouvir o som rouquenho das harmonicas e o ruido do arrastar de pés dos que enlaçavam as sertanejas esbeltas, requebrando-se em sapateios.

E ali, mudo e triste, se deixou ficar o desventurado cégo, ouvindo a algazarra festiva das crianças em bando, a brincar em derredor da fogueira.

E só muito tarde, quando não mais escutou o crepitar das chammas destruindo as catingueiras verdes, o infeliz velhinho, com a alma cheia de tantas saudades, que por pouco lhe não arrancaram lagrimas, recolheu á sua humilde, triste e pobre choupana...

ANTONIO MARROCOS DE ARAUJO

O EMPREGO DO RADIUM NO TRATAMENTO DAS DOENÇAS

Póde-se fazer agóra em casa um tratamento com elemento radioactivo

As qualidades beneficas do Radium e a sua propriedade curativa em determinadas molestias são reconhecidas e apreciadas pelos scientistas de hoje, e innumeras pessôas devem a melhora de sua saúde e muitas vezes mesmo a cura de certos padecimentos ao bem conduzido tratamento com o Radium.

O Radium age contra as dores e pontadas, exerce acção calmante sobre o systema nervoso, contribue para fortificar o sangue e a sua circulação, activa o intercambio nutritivo (metabolismo), favorece um somno tranquillo e traz melhora do appetite. Facilita a digestão e a nutrição do tecido cellular. A sua acção sobre as articulações, os nervos e os musculos, torna-o recommendado nos casos de rheumatismo, sciatica, disturbios nervosos, anemia, arterio-sclerose, debilidade da velhice.

Um vidro de Sal-Miradium, que custa somente Rs. 30$000 é calculado para um mez de tratamento e possúe as bôas qualidades dos saes mineraes, contendo ao mesmo tempo 2.500 unidades-Mache (egual a 250.000 unidades Volts) de Radium genuino, o que corresponde a mais de 200 litros de agua radioactiva das fontes de saúde, as mais conhecidas no extrangeiro.

Escrevendo-se a Dr. Blem & Cia., Ltda., caixa postal 2222, Rio, póde-se obter gratuitamente o folheto "Radium".

ENTRE NÓS...

ISTO é que é ter talento! Admirem só, dês que não possam conceber a expressão metaphorica:

"O amor é folha, flor, fructo doce ou amargo; e o pobre do Antoninho não possúe nenhum desses productos!"

Em talento não competiria com o autor o famigerado Pacheco, dedo espetado, esburrachando o pedagogista accusador da sua incúria pela instrucção publica:

— "Ao illustre deputado que me censura só tenho a dizer que, emquanto, sobre questões de instrucção publica, sua excellencia, ahi nessas bancadas, faz berreiro, eu, aqui nesta cadeira, faço luz!" Nem o excederia o senhor conselheiro Accacio; por exemplo, quando este sugestionára em carta ao *Diario de Noticias* que no mausuléu do dito José Joaquim Alves Pacheco fosse esculpida uma figura de *Portugal chorando o genio!* (Sublime o Eça! Pois não?)

Porém... vamos ao caso. Lemos aquella coisa no romance inédito de um rapaz que ninguem sabia dar-se ao trato das letras. Não podemos dizer das bôas letras, porque seria um sacrilegio em materia de arte.

Francamente, já não nos lembrávamos do romance e muito menos daquelle trecho engastado no meio do folheto manuscripto, como si fôra diamante facetado e encastoado em linda joia de metal precioso.

O autor guardava o seu trabalho em sigillo absoluto ou, digamos de melhor modo, em reserva absoluta por simples prudencia ou moderada desconfiança.

Nunca o mostrára a ninguem.

Talvez nunca o pretendesse mostrar. Porém um successo fortuito, o acaso fêl-o surgir aos olhos de um collega e das mãos deste passou para as nossas o escripto exótico, afim de nos desopilar o figado.

Muito nos rimos. Não éramos só nós, mas muita gente a dar risadas: todos os companheiros da república, onde morávamos, menos o autor, ausente no ensejo da leitura.

Não julgávamos ir presenciar tanta falta de reflexão, quanta falta de proposito. E o autor não era nenhum doido. Parecia um typo normal. Entretanto, não resta dúvida que o seu cérebro era uma fabrica de desatinos, pois tudo existente no folheto manuscripto era mais ou menos naquelle teor do trecho trasladado.

Relembrando, em palestra de viva voz, os tempos preciosos da nossa juventude na paulicéa, Livio Moreira neutro dia trouxe á baila o romance do Penna, que, por ter escripto tanto disparate e ser mau calligrapho e não ser bôa penna, devia soffrer uma qualquer pena, embora isso nos causasse pena, porque ainda hoje achamos que fôra pena não gravarmos na retentiva outros excerptos da sua despropositada narrativa!

* * *

O tempo da vida é muito breve, dizia Cicero. Os desgostos moderam-se com o tempo... Moderam-se, mas vamos envelhecendo mais pelos dissabores. Uns, proprios da vida que passa. Outros, porém, nunca nos deveriam aceitar... E, no retiro do nosso gabinete, para não nos virem á mente recordações de coisas desagradaveis, ficámos a recordar factos passados no frescôr da mocidade. Quizemos passar mentalmente em revista os companheiros de antanho e quasi não encontrámos ninguem. Quasi todos tombaram já no abysmo dos mysterios insondaveis e entraram na transformação executada por causas naturaes.

Passando em revista, vamos observar quem ainda encontrámos em nossa inspecção mental.

Comecemos por nós. Nós eramos o *barão* por estar sempre na defesa das Alagoas, onde viemos á luz, e cujo chefe politico mais em evidencia naquelle tempo, sem ser filho do Estado, era um titular e, consoante affirma João Barafunda, o unico homem que conseguiu dar tres erros numa só palavra: "o barão dizia — *cerconstança!*"

Livio, preconizador de preceitos moraes. Era o seu oráculo Samuel Smiles; por fim, Marx Nordau. Hoje, expoente da audição e visão sobrenatural, é quasi um illuminado.

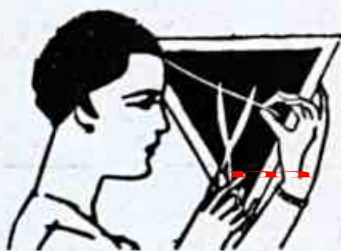
Coelho, moral e physicamente de uma linha impeccavel e, de educação esmerada, era o typo do diplomata.

Juca, o Bandeirinha, bem tratado, coração de pomba, no caso adverso, tigrino.

Orlando Fontoura, o gaúcho mais espirituoso que topámos em nossa mocidade.

Os Azambujas, — Lino, com o seu poncho-pala, a falar em chimarrão; Oscar, o sargento, ás voltas com o seu violão.

Leal, *smart*. Gorducho, esmerado, um *bicho* nas danças, trazia muitas pequenas presas de amores. Naquelle tempo não se dizia almofadinha, termo apparecido no Fon-Fon em primeira mão pela penna do Gasparoni: tudo era *smart*.

Barbosa, poeta. Tinha sempre um sorriso jovial bailando-lhe nos labios. Todas as vezes que nos encontra, relembra o passado com saudades. E' presentemente figura imprescindivel no Cattete.

De Hormino Lyra

O Souzinha. Este não perdia espectáculo em qualquer theatro.

Septimio, coronel e da briosa, a quem certa vez o chefe do districto teve de fazer a continencia por lhe ser inferior em graduação militar, não obstante o Ferreira dos Santos nunca rir para os seus subordinados naquelle tempo.

Navarro. Excellente dentadura tinha elle e tem-na ao presente, invejada por muita menina *sapeca*, mas daquella bôcca tão bem traçada sahia tanto desaforo quando se zangava... Papagaio!...

Alvaro (Ceguinho) levava os outros a verem a namorada na rua da Liberdade e, ao aproximar-se da residencia da joven, uma pequena *daqui da pontinha*, tomava ares de homem sério e tirava cortezmente o chapéo, mas cumprimentava não era a ella senão a um gato que estava na janella...

E quem mais?

Os irmãos Soares: Lili, que Deus já chamou a si, coração sensibilissimo, contava as suas historias e sorria e chorava e chorava e sorria; Antonico, muito vivo, sorria só e só chorava ao pé do ouvido de uma bôa!

E quem mais?

Parece-nos já não existirem outros mais do nosso grupo de collegas em São Paulo, por volta de 1895, 96, 97.

João Silva veiu depois. Está gordo, forte, são.

Já lá seguiu caminho da eternidade o Wenceslau Carvalho, de intelligencia fulgurante, notavel cultura, caracter desconfiado, o qual se offendia com facilidade, mas possuia um coração de ouro. Já lá seguiu caminho da eternidade o nosso amigo Villas Bôas.

Só?

Olibio Lopes, a quem, não sabemos por que, chamavam Guimarães. Os Natividades. Gelly, o *sabugante*, termo que elle inventou sem ninguem lhe descobrir o significado. Julio Fernandes, o tenente. Guarany, nephelibata. Paes Canguru. Remy. Souza Pinto. O velho Leopoldo com o seu charutão. Achilles, surdo como uma porta, certa vez puxava da corneta acustica para attender ao Costa Rego (não é o brilhante jornalista) frequentador assiduo do *Corvo*, uma casa de *chopps* nossa vizinha fronteiriça e o bisonho collega sahiu a correr como doido, pensando ser aquillo um revolver!

O velho Bandeira, bom chefe, paciente, amigo de todos, sempre envolto no seu poncho-pala, mas muito cuidadinho com elle quando ficava zangado; comtudo, a gente o desarmava, contando historias de gallos valentes, pois era admirador apaixonado das rinhas.

Só?

Porciúncula, algum tanto ingenuo, tinha orgulho em dizer-se bacharel em letras, mas tinha medo de mulher como o diabo da cruz! Sebrão, o homem do Braz (braz-braz — brazbrazbraz — braz!). Bolato, rabequista impenitente, mas bom camarada. João Cunha, muito engraçado, certa vez deu um tiro no banqueiro do bicho e ganhou tanto dinheiro e encheu o bolso das calças de tantas notas de 500$000, novinhas em *folha*, que na rua, para se certificar si aquillo não era sonho, levantou um pouco a perna esquerda e as notas lá dentro do bolso rangeram "crac!"

Só?

Havia tambem os agregados ao grupo dos Telegraphos: Os irmãos Magalhães, ambos de identica indole, ciosos, desconfiados, mas bons amigos; Eudoro, empenhado sempre em saber o que se passava além fronteiras do Brasil; Mimi, discutindo sempre musica sem conhecer ao menos a escala; Vianna, *rachadinho* por tomar as namoradas dos outros; Maciel, mettido no seu *rocoloró*, a falar de um modo dogmático; Mello, eximio charadista; Feroy, sincero, inspirado pela retidão, dava murros em faca de ponta mas era só de lingua; Pinheirinho, irmão do Zinho, camaradão, capaz de descrever mentalmente todas as linhas mais intimas da belleza das jovens encantadoras em passeio no *Triangulo*; outros, cujo nome não declinamos, desenxabido anecdotista, muito bom mas muito sem graça para contar historietas, sendo o unico a rir quando as contava; outro mais e este outro campava de valente, um *bamba* encyclopédicamente ignorante, enfarpelado sempre num sobretudo a falar sobre tudo e, sobretudo, acêrca de coisas que não entendia!

Só?

Agora, pelo sim, pelo não, é só. Podemos asseverar: existem muitos outros mais, mas já não devemos alongar este trabalhinho.

Ficamo-nos por aqui com a alegria de saber que todos os sobreviventes estão relativamente bem amparados: uns, altos funccionarios aposentados; outros, idem, idem em actividade; ainda outros, banqueiros, capitalistas, fazendeiros et cetera.

Ora pois, nada mais teriamos a accrescer si não fôra o Penna!

Não, o da casa Pavão, de linha e pera irreprehensiveis; mas, o do romance. O romancista absurdo — que não sabemos si vive nos braços do seu amor *folha*, *flor*, *fructo doce* ou *amargo* — onde andará?

Que tudo isso fique só entre nós...

NOTAS DE ARTE

PRO-ARTE. — Em a noite do penultimo sabbado, 2 de julho, realizou a sociedade Pro-Arte em sua séde no edificio da Associação dos Empregados no Commercio, um concerto vocal e instrumental, em que se ouviram: pela soprano srta. Luiza Lacerda Coutinho — *Si toi coeur s'abandonne*, de Bach; *Revenez, amour, revenez*, de Lully; *Danza, danza fanciulla*, de Durante; *Berceuse*, de Schubert; *Coccinelle*, de Schumann; *Chanson triste*, de Duparc; *Récit et air de Lia*, de Debussy; — pelo violinista Edgard Guerra — *Sarabanda (all'antica)*, de E. Guerra; *Variações sobre um thema de Corelli*, de Tartini — Kreisler; *Danses tziganes*, de Nacher; *Londonderry air (Old irish)*, de O'Connor-Moris; *Valsa Tyrolense* de *Lud. Hoffmann*, adaptação de E. Guerra; *Capricho Brasileiro*, de E. Guerra.

Luiza Lacerda brilhou em todos os numeros, particularmente notavel na *Aria de Lia*, onde mais uma vez patenteou o seu talento dramatico, a par dos predicados vocaes, e em *Danza, danza fanciulla*, cantada com muito espirito, muita vivacidade, muita força expressiva, e que bisou entre calorosos applausos.

Edgard Guerra mostrou-se o violinista de merito invulgar que o publico está costumado a applaudir, já como instrumentista, já como compositor. Especial destaque mereceu a *Sarabanda*, a *Valsa Tyrolense* e sobretudo o *Capricho Brasileiro*. Ante as ovações, o artista proporcionou novas bellezas á assistencia, que de novo muito o applaudiu.

Para o bom exito dos solistas concorreram os acompanhadores, srs. Franz Becker e Mario de Azevedo, o ultimo dos quaes mostrou mais uma vez a espontaneidade do seu talento pianistico.

HISTORIA DO PIANO. — Instructiva e pitoresca, a conferencia illustrada com projecções luminosas e execuções musicaes, que fez o o Prof. Carlos Lachmund no Studio Nicolas em a noite de 4 de julho sobre a historia do piano, e intitulada — O monocordio e seus descendentes.

O acatado musicista discorreu sobre o thema escolhido cerca de duas horas, prendendo a attenção do numeroso auditorio com a sua erudição, com o seu espirito levemente ironico, com a sua arte pianistica.

Segundo a elegante e sabia palestra, baseada em dados historicos, a evolução do piano abrange um periodo de cerca de mais de vinte e quatro seculos: do monocordio de Pythagoras ao pianoforte de Cristoforo e se fez quasi toda por successivas.... uniões conjugaes.

Nascido do monocordio, o helicon casou-se com a ghironda, e do consorcio nasceram successivamente a virginal ou clavicordio e a espineta. Casada esta com o cembalo, gerou o cravo. E casando de novo, e incestuosamente, com um dos seus descendentes, o cravo, produziu a ghironda o pianoforte, o piano.

Toda esta evolução, que mal reproduzimos, de côr, em brevissimo resumo, sem ter tomado nenhuma nota, não se fez no mesmo ponto do planeta; de sorte que o palestrista nos fez viajar miraculosamente no tapete magico das *Mil e uma noites* por toda a Europa, desde a cidade de Tarento, onde ouvimos, ha mais de dois millenios, a prophecia do discipulo de Pythagoras antevendo o glorioso futuro do monocordio que o mestre inventara, até Florença do seculo XVIII, em que Bartholomeu Cristoforo cedendo ás supplicas do cravo, inventou o piano, "passando pela Inglaterra de Elisabeth, que se tornou excellente clavicordista para superar a rival Maria Stuart, que o era na Escossia, e pela Bohemia, onde os ciganos forneceram o marido da espineta — o cembalo, e chegando até nossos dias com os aperfeiçoamentos introduzidos no piano de Christoforo.

Mas não foi a parte literaria da conferencia que mais nos encantou, apesar do processo seguido pelo conferente, a ella dando graciosa forma, tirando-lhe o que pudesse haver de pesado no assumpto, mas sobretudo as illustrações sonoras, a execução successiva de uma peça para clavicordio, cujo nome nos escapou, de peças para cravo: *Le rossignol*, de Couperin, *La Poule*, de Rameau e *Capriccio*, de Scarlatti Domenico — e de uma peça para piano — *A Elevação*, de Schumann.

Como a do Prof. Lachmund deviam succeder-se muitas outras conferencias, convergindo todas a esta finalidade: mostrar a evolução dos instrumentos e das composições musicaes. E não deviam ser feitas uma só, mas repetidas vezes, de modo a serem perfeitamente conhecidas e assimiladas.

Dessas palestras litero-musicaes, ou esthetico-scientificas, decorreria a demonstração do que chamamos a lei do parallelismo entre o desenvolvimento das criações musicaes e o dos apparelhos destinados a executál-as. Apurar-se-ia o gosto. O publico saberia julgar a critica. E a critica teria mais cuidado nos seus juizos, sabendo que falava a ouvintes contemporaneos de todos os tempos e portanto no caso de saber em que consiste o verdadeiro progresso musical.

Alem dos applausos que recebeu da assistencia, o Prof. Lachmund merece especiaes louvores da critica pela sua bella e rara conferencia.

NUCLEO NICIA SILVA. — Em homenagem a Alberto Nepomuceno e offerecido á Cruzada Nacional de Educação, realizou-se no Studio Nicolas, em a noite de 6 de julho o 6.º concerto do "Nucleo Nicia Silva", de que participaram os alumnos da applaudida professora que dá nome ao Nucleo: Zacharias Rego Monteiro (curso inicial); Judith Paiva Gonçalves (curso superior); Laís Wallace, Dyla Cruz, Gilda Abreu e Angelo Freitas, todos quatro do curso de aperfeiçoamento.

Cada qual mostrou o resultado dos seus estudos e a qualidade dos seus talentos, agradando ao salão, repleto de ouvintes, de accordo com o grão de conhecimentos adquiridos e como a maior ou menor belleza vocal.

Destacamos naturalmente os que mais impressionaram, os alumnos do curso de aperfeiçoamento, e entre elles fazemos especial menção de Dyla Cruz, que, com bella voz e bôa arte, viveu a Canção de Fontoura Xavier musicada por Alberto Nepomuceno e Gilda Abreu, que, com bôa voz e melhor arte, cantou o Soneto de Coelho Netto, musicado por Alberto Nepomuceno.

Applaudidos foram ainda o Prof. J. Octaviano, que discorreu, antes do concerto, sobre a vida e a obra de Nepomuceno, e a notavel poetisa sra. Elsa Machado, que recitou o poema da sua autoria inspirado na vida do maestro homenageado, e intitulado *Homem-Symphonia*.

Mais uma vez brilhou como acompanhadora, a pianista sra. Julieta Gomes Menezes.

ELZA RODRIGUES. — No I. N. M., em a noite do penultimo jovedia, 5.a-f., 7 de julho realizou a sra. Elza Santos Rodrigues, discipula da acatada professora, sra. Heloisa Bloem Mastrangioli, notavel e applaudissimo recital de canto, acompanhada ao piano pela sra. Julieta Gomes de Menezes, fazendo-nos ouvir este bello e difficil programma, alem dos extra — *Serenata*, de L. Carvalho e *Il neige* de Benberg:

I) Haendel. — *Et toi Sion* (oratorio); Mozart — *Deh vienne* e *Non so più* (arias da opera "Nozze di Figaro"); Schubert — *Serenade*, *Marguerite au rouet*. II) Kinsman Benjamin — *Les cloches du soir*; J. Dalcroze — *Les Maienzettes*; P. Cimarra — *Fiocca la neve*; J. Ricci — *Il pastore canta*; E. Granados — *El tra la la y el punteado*; L. Lemos — *Canção Arabe*; Villa Lobos — *Japonezas*.

Não nos surprehendeu o exito da recitalista. Ouvindo-a o anno passado, numa audição collectiva, revista de mostra de alumnas da sua illustre mestra, mencionamol-a entre as mais distinctas, e dissemos: "a sra. E. R., pela empolgante força expressiva, deu-nos a impressão de uma verdadeira artista lyrico-dramatica."

Após dez mezes, eis que se renova mais intensa a impressão anterior. Cada numero não foi só cantado, foi tambem vivido pela joven cantora. A mimica da face reproduzia plasticamente a musica da voz. Pareceu-nos estar ouvindo uma artista que vinha da scena lyrica, e não uma cantora que apenas se prepara para chegar até lá.

Mas o temperamento dramatico da joven virtuose não a notabilizaria entre as musas do canto, se não possuisse ella a rara voz que possui. Chamamol-a rara, não pela excepcionalidade da extensão e do volume, que, aliás, não são mediocres, mas pelo timbre, timbre de perenne doçura, velludo sem mancha, porque não lhe percebemos a mais leve nasalação, a minima aspereza por mais que o procurássemos. A voz da sra. Elza Rodrigues é de crystalina pureza em todos os registros. Do forte ao piano, do agudo ao grave, quem a ouve vive momentos de ineffavel gozo espiritual.

E todo esse esplendor, que parece resultar exclusivamente dos dotes naturaes da artista, é tambem o producto da cultura requintada, que deu

(Continua na pag. seguinte)

EMULAS DE LUCRECIA BORGIA

Ha tempos, a policia de Velika-Kirinda, na região de Barania, (Yugo-Slavia) recebendo algumas denuncias, teve sob sua guarda uma quantidade de mulheres, accusadas de envenenar seus maridos. Depois de algumas investigações, a policia veiu a saber que todas essas mulheres pertenciam a uma sociedade secreta denominada "Santa Lucrecia".

Apparentemente a associação se tinha organizado com fins de beneficencia, porem no fundo o seu objectivo real era pôr em pratica o exemplo deixado pela famosa Lucrecia Borgia.

Frequentemente, as associadas reuniam-se em locaes secretos com o fim de trocar idéas sinistras sobre meios de eliminar vidas, organizar projectos, escolher victimas, etc.

O fim principal desta sociedade era a eliminação de maridos e parentes cujas existencias fossem molestas ou inconvenientes ás associadas. Esses crimes tambem se commettiam com o proposito de apoderar-se da fortuna dos maridos.

As autoridades ordenaram a exhumação de alguns cadaveres para apurarem a causa da morte.

A presidente de tal sociedade secreta, que fugira ao ter conhecimento das actividades da policia, cahiu numa emboscada que lhe armaram os policiaes de Kirinda. E, por emquanto, é o que se sabe a respeito da famosa associação.

MONTANHAS QUE ANDAM

Um geologo viennense communica que a Karawanke, montanha que se acha ao sul da região de Klagenfurt, e serve de limite entre a Austria e a Yugo-Slavia, pôz-se em movimento e "marcha" tranquillamente em direcção ao norte. Isto, a seu ver, explica os grandes precipicios que se abriram na parte occidental das montanhas de Klangenfurt. A este respeito, recorda tambem que os Alpes Austriacos, em tempos remotissimos, mudaram completamente de direcção.

NOTAS DE ARTE

(Conclusão)

que está dando a sua bellissima voz. O que mostra o grande valor da mestra, que apresentou tão grande discipula a sra. Heloysa Mastrangioli.

Entre os números do bem organizado programma, emocionou-nos especialmente o Oratória, de Haendel, a Aria de Mozart, a Serenata de Schubert, Les Cloches du soir, Les Maiennzettes... E' melhor não continuar a citação porque acabariamos citando o programma inteiro.

Continuando a cultivar como tem cultivado o seu invulgar talento, a sra. Elza Rodrigues está destinada aos maiores triumphos não só na musica de camera, mas também na musica dramatica. Para isso convém não descansar nos louros colhidos, não pensar ter attingido ao cimo quando apenas chegou á aba da montanha. Em arte, como em amor, dizemos ainda uma vez, "trop n'est pas même assez"...

ORCHESTRA PHILARMONICA DO RIO DE JANEIRO. — No Theatro Municipal, em a noite de 8 de Julho, realizou a O. P. R. J. o 2.º concerto popular desta temporada fazendo ouvir o seguinte programma: I) Weber — Abertura, da op "Oberon"; Mendelssohn — Concerto para violino e orchestra; II) Carlos Gomes — Sento una *forza* indomita, duetto para soprano e tenor, da op. "Guarany"; Weber — Aria para soprano, da op. "Freischutz"; Giordano — Viva la morte; duetto para soprano e tenor da op. "Andréa Chenier"; III) H. Oswald — *Il neige*, Smetana — Moldau, poema symphonico.

Foi de exito não commum a festa musical. Perante auditorio relativamente numeroso, o maestro Burle Marx regeu com o costumado enthusiasmo todos os numeros, dando especial realce ao poema de *Smetana*, e Edgardo Guerra encantou e commoveu, com o seu violino, principalmente no 2.º tempo do *Concerto* de Mendelssohn.

Mas, como sempre, o que mais impressionou os ouvintes não foram os numeros de musica exclusivamente instrumental, mas os da musica vocal e instrumental. E explica-se o facto, não só pela natural preponderancia da voz humana sobre qualquer outro instrumento, mas também pela superioridade dos cantores.

Carmen Gomes, cujos predicados vocaes de extensão, volume e timbre formam um conjuncto perfeito, mostrou no concerto da Philarmonica attributos de uma arte mais fina, mais apurada do que dantes. Sempre quente e macia, crystallina e avelludada em todos os registros, a voz da grande soprano revelou-nos delicadezas sonoras de ineffavel belleza. Cantou *piano* com o mesmo esplendor com que cantou *forte*. "E' o cantor que não pode, á vontade, cantar a meia voz e piano — ensina um mestre — não é um cantor".

Reis e Silva, o nosso grande tenor, destacou-se como sempre pelo volume da sua voz potente, pela rara extensão do seu registro agudo. Arrebatou a platéa.

E' de notar-se o enthusiasmo não commum com que foram ovacionados os dois notaveis artistas brasileiros.

Depois desses e de outros triumphos, depois dos que há pouco, obtiveram em Buenos Aires, onde houve criticas que os collocaram ao lado de celebridades que cantaram no Theatro Colon, justo é sejam reclamados para fazerem parte da proxima temporada lyrica do Theatro Municipal.

Carmen Gomes e Reis e Silva são dois cantores que honram a nossa e a arte de qualquer paiz. Podem figurar, sem favor, ao lado de muitas notabilidades da scena lyrica de hoje.

Parabéns a Burle Marx por ter proporcionado ao publico não só a audição da musica symphonica com que nos deliciou, mas ainda a musica vocal que a todos empolgou através das grandes vozes de Carmen Gomes e Reis e Silva.

OSCAR D'ALVA

ALLUCINAÇÕES DO LUAR

De Augusto Nogueira

VOLTEI sozinho, arrastando meu espirito para o maravilhamento da noite. O luar miraculoso punha tons marmoreos nas casas altas e no asphalto sombrio das avenidas soturnas. A claridade esmaecida do céo preoccupava-me como um enigma. O mysterio olympico do infinito.

Sentei-me numa cadeira de vime, sob o alpendre, e espiei a lua, devorado por uma sêde voluptuosa de luz.

Então elle chegou. E se poz na minha frente. Olhei-o sem surpreza, sem espanto. Nariz puramente romano. Um pouco curvo. Eu sempre presentira que elle nunca tivéra o nariz adunco, como o pintam artistas de imaginações exaltadas. Nem chavelhos. Tudo é phantasia de cerebros delirantes. Elle perguntou-me:

— Punhal ou veneno?

Achei-o um tanto romantico, quando o ouvi falar nos punhaes esguios da Idade Media e nos toxicos dos Borgias. Não respondi. Admirava-me como conseguira penetrar no meu pensamento, varejando o embryão dum projecto que se formava nos esconsos sombrios dum cerebro humano.

Elle insistiu:

— Punhal ou veneno?

Não respondi, ainda: estive procurando descobrir a côr indecifravel dos seus olhos. Nem azues nem verdes. Nem vermelhos nem pretos. Semi-roxos, com tonalidades esquisitas de ambar e champagne.

Ficámos longo tempo, em silencio. Calados, mudos, quasi inertes. E sentimos a maga poesia do silencio envolver-nos como uma musica longinqua.

Para conversarmos, depois...

Disse-lhe que tinha uma poderosa faculdade de assimilação para a dôr: todos os soffrimentos humanos encontravam écos nas resonancias do meu temperamento vibrátil e emocional. Por isso, procurava a felicidade na dôr...

Então, elle falou gravemente, como si estivesse no alto duma cathedra: — A dôr é a suprema consoladora. A sabedoria falha, a propria philosophia é friamente infecunda como um deserto de areias ruivas, e as religiões, na aridez de seus egoismos, põem apenas pó e fumo nas almas sequiosas de infinito e amor. O soffrimento exalta para a perfeição das estreitas possibilidades humanas.

* * *

Não o vi sahir. Embriagado pela maravilha da noite, eu espiava a lua, sorvendo-lhe a claridade esmaecida, em largas e capitosas gargalhadas.

Tinha a sensação de que ninguem viéra perturbar a calma de meu isolamento. Parecia-me que uma ligeira allucinação, estancára, por instantes, os meus sentidos ávidos e inquietos.

Abri o livro que me acompanhára todo o dia, justamente na phrase que revelava o anseio tetrico de D'Annunzio, quando o aedo cego dictava o "Nocturno":

"— Esta noite o demonio segura as minhas palpebras na palma de suas mãos, e sopra-as com toda a força das bochechas infladas."

Seara alheia

Escravidão

Todo o trabalho não intellectual, o trabalho noeturno, aborrecido, o trabalho que se relaciona com coisas desagradaveis, deverá ser feito á machina.

As machinas trabalharão por nós nas minas, nas zonas sanitarias; fará as vezes de foguista nos vapores, de varredor nas ruas; emfim todas as tarefas pesosas e incommodas.

Actualmente, a machina faz concorrencia ao homem. Em condições realmente normaes, a machina deverá servir ao homem. Não ha duvida que tal será o futuro da machina e assim o homem terá tempo para fazer coisas bellas e ler bellas obras, ou, simplesmente, se porá a contemplar o mundo com admiração e delicia.

Porque, o que é certo é que a civilização exige escravos. Os gregos tinham razão. Sem escravos que executem os trabalhos feios e falhos de interesse, a cultura e a contemplação são quasi impossiveis. A escravidão humana é má e vil.

E da escravidão das machinas é que depende o porvir do mundo. — OSCAR WILDE.

Neve

Deante da porta da nossa granja estendia-se uma vasta planicie, de suavissimo declive, por onde deslisava, scintillando, aqui e ali, um regato serpenteante. Longe, fechando o horizonte, a floresta.

Com a noite, envolveu-se a terra num manto de vapor leve e humido que estendendo-se mais e mais acabou por se converter em densa nevoa. A lua assomou no céo. E a neve toda illuminou-se com o seu fulgor. As coisas pareciam mudadas de logar, como se confundidas de uma maneira estranha. O que estava longe parecia proximo; o que estava perto parecia distante; o que era grande semelhava pequeno e o que era pequeno se fazia grande.

Todos os objectos, todas as coisas eram ao mesmo tempo claros e confusos. Parecia um reino de contos de fadas, o reino da profunda tranquillidade, do somno consolador...

E como mysteriosamente brilhavam as estrellas, no céo sereno a coar seus raios de prata através do enorme véo branco! — TURGUENEFF.

O Calceon é a salvação das crianças

Reproduzimos hoje o retrato do galante Helio, filho do conceituado pharmaceutico Sr. Azarias Guttémes, de Miracema, que offerecendo ao Instituto Freuder o retrato do seu filhinho, declarou que o Helio tem tido todos os dentes sem o menor incommodo, e está rechunchudo e forte, porque tem tomado desde os primeiros mezes o "Calceon" o melhor remedio para dentição das crianças, e para evitar mais tarde a carie dos dentes.

Se o leitor desejar receber GRATIS "Os Gigantes do Bem" é só mandar nome e direção certa para a caixa postal 1751 — Rio Calceon.

Dr. Antonio Austregesilo.

Dr. Miguel Couto.

Dr. Aloysio de Castro.

Dr. Fernando Terra.

A affirmação valiosa de cinco eminentes professores da medicina brasileira basta para consagrar o triumpho de

MAGIC

o excellente preparado pharmaceutico que supprime a transpiração das axilas evitando assim que se extraguem os vestidos e fazendo desapparecer como por encanto, o mau cheiro caracteristico do suor.

Dr. Werneck Machado.

Maravilhoso preparado pharmaceutico que, sem prejudicar a saúde, secca o suor das axillas, tira o seu natural mão cheiro, supprime o uso dos antigos suadores, evita que os vestidos, ternos e roupas finas se estraguem e rasguem com o suor. Ninguém mais apparece fazendo a impressão de não ser pessôa asseiada. MAGIC é economico: um vidro dura seis mezes. — Vende-se nas pharmacias e perfumarias. — Pedidos e prospectos, a Araújo Freitas & Cia. — Rua dos Ourives n. 88 — Rio. Preço 7$000, pelo correio mais 2$000.

ANNO XXVI

FON-FON

NUMERO 29

Director: SERGIO SILVA

Rio de Janeiro, 16 de Julho de 1932

MEU BRASIL!

MONTEIRO LOBATO, no recente livro *America*, obra de psychologo, conta a sua impressão de *bugre dos tropicos* ao ver pela primeira vez a queda da neve. Elle teve o aviso pela bôcca de uma *girl*: — *Snow is falling*. A neve está cahindo!

Precipitou-se do *bureau* onde estava, alvoroçado, porque esperava cheio de ansiedade o primeiro contacto com a maravilha das maravilhas que é a neve, porém...

Vi a neve cahir nos seus lentos flócos vadios, que descem boiando com preguiça de fragmentos de pennugem. Mas senti-me logrado. A neve só é neve, como a sonhamos, nos jardins ou nos campos, onde póde ir-se accamando sobre a relva ou gallios das arvores de modo a formar aquella "féerie" que nunca cessa de nos deslumbrar. Na rua, a cahir sobre a cabeça e os hombros de bipedes apressados, ou nos passeios e pavimento, onde logo é apisoada e toda se converte em pasta gelada de lama, em vez de bella é simplesmente desagradavel — e pois não valia o sacrificio que eu fizéra dums minutos mais de contemplação duma Ziegfeld "girl".

Quando li este pedaço de prosa amavel, lembrei-me de um episodio semelhante. Substituindo Nova-York por Paris, e a *girl* por uma *grisette*, o resto foi quasi a mesma coisa. Senti-me decepcionado quando vi pela primeira vez a neve cahir sobre o *boulevard*. Voltei correndo para junto da *grisette*, e fui mais feliz do que Monteiro Lobato, que não logrou revêr a sua *girl*... Nós, *bugres dos tropicos*, somos assim. Entre a neve e a mulher... Prefiro continuar a dizer da neve.

Eu conheço alguns brasileiros que são capazes de empenhar a camisa do corpo para ter a satisfação de apreciar o espectaculo do cahir da neve, suppondo que para tanto é necessario atravessar o Atlantico, surgir do outro lado.

Entretanto, bem proximo ao Rio, sem maior sacrificio, o brasileiro tem para os olhos um espectaculo infinitamente mais grandioso, qual seja o de poder apreciar a neve acamada sobre os rochedos agrestes das Agulhas Negras. Agora, que o Touring Club resolveu descobrir o Brasil, criando dentro das nossas fronteiras a escola do turismo, aprendam os meus patricios a galgar as serras de Itatiaya para, numa altitude de tres mil metros, exclamar, atonitos: "Esta é a terra encantada de Deus!" Pois, ainda pelo S. João, lá estava o lençol de neve cobrindo o pico mais elevado da Serra da Mantiqueira e do Brasil inteiro.

Uma lombada longa e denteada em fórma de cutello, centenas de agulhas ferindo a immensidão azul e o Ayuruoca descendo, cahindo perpendicularmente ao curso da serra, gritando na cachoeira dos Marombos, infiltrando-se no seio das campinas!

O espectaculo da terra convulcionada, onde successivas cabeças de montanhas, levemente arredondadas, parecem pequenos seios, palpitantes, que se offerecem á caricia do beijo do sol, está abaixo dos nossos pés.

Horizonte que se perde em vinte, trinta léguas, nem sabemos, no amphitheatro soberbo dos planteis verdes, na gama de todas as côres, tendo ao fundo a cinta azul da Serra da Bocaina, tambem soberba no seu eterno desafio á pequenez do homem.

A corrida bizarra das nuvens, desagregando-se, fragmentando-se, evolando-se, até fundir-se na aboboda!

A exaltação da Belleza, a fantasia de um sonho convertida numa realidade visual, Belleza que inebria e tortura, e que não sabemos transmittir para que outros a sintam, tão apagada é a palavra para a pintura do scenario.

O brasileiro não precisa ir ao estrangeiro para vêr os Alpes acamados de neve, pois, nas proximidades da mais bella cidade do mundo, o Rio, encontra a maravilha quasi irreal das Agulhas Negras, apotheose fulgurante da Natureza.

A neve, em junho, lá está no alto. Uma graciosa ondulação, muito branca, uma pasta que se desfaz ao contacto das nossas mãos.

No inverno, Itatiaya é um corpo verde com um capuz de algodão á cabeça, que dorme embalado pela canção das aguas.

Venham vêl-o na hora do crepusculo, quando a saudade rasga feridas cicatrizadas pelo tempo!...

MARIO POPPE

Para que serve um juramento de amor

A falta de assumpto é, ás vezes, o melhor assumpto para um chronista em apuros. Aliás, essa observação não é minha: é de algum outro chronista, em crise séria de assumpto. Mas no caso elle fica *á merveille*...

Um homem que escreve e não sabe o que ha de explorar, que não tem um motivo, ha de ficar sempre como estou: impaciente:

O relogio corre. As horas vôam da extremidade dos ponteiros e lá se vão na sua dança, coroada de rosas, como diria o poeta.

•

Mas que hei de fazer? Abro um livro. Encontro nelle um poeta: Maurice de Noisay:

Lutter jusqu'à mourir,
et me multiplier
Dans l'effort de ma race où j'avais pris
ma source!

O conceito é philosophico e austero demais para a frivolidade de uma chroniqueta que deve ser como uma "renda de espuma..."

Não! Busquemos outra coisa. Mas onde essa outra coisa?

Nervosamente, detenho a penna e abro a gaveta do meu *bureau*.

Ah! Um cháos! Nem os senhores queiram saber o *bric-á-brac* que é essa minha gaveta.

Nella ha de tudo: cartas, postaes, trechos de literatura, retalhos de jornal, material de escriptorio, retratos de creaturas que, estando vivas na memoria, morreram no coração; outras que vivem e outras que estão morrendo... Mechas de cabellos, lacinhos de fitas, lenços de sêda, de renda, de cambraia...

Ah, meus senhores! Si eu contasse tudo o que ha de secreto na minha banca de trabalho... Mas, para que?

•

Afinal, eu não posso deixar de referir-me áquella fita branca que ali está, e onde se lê um nome de mulher e esta advertencia gentil: "Jamais te esquecerei — Julho, 1929".

Sim. E' possivel que o juramento ainda agora esteja inteiramente mantido. Por mim, duvido muito.

Entretanto, eu asseguro que elle teve, pelo menos, um merito: serviu-me de assumpto para encher uma chroniqueta...

Y V E S

NOTAS DE ARTE

Elza Santos Rodrigues, com a expressão da graça pessoal, com a «finesse» de seu trato e de suas attitudes de elegancia, sempre soube constituir-se uma das figuras femininas mais seductoras da cidade. E mais encantou-nos a distincta patricia, fazendo-se ouvir, na penultima 5.a-feira, no magnifico recital de canto com que, pela primeira vez, se apresentou ao publico carioca. Essa festa de arte, realizada no Instituto Nacional de Musica, foi uma victoria e uma consagração.

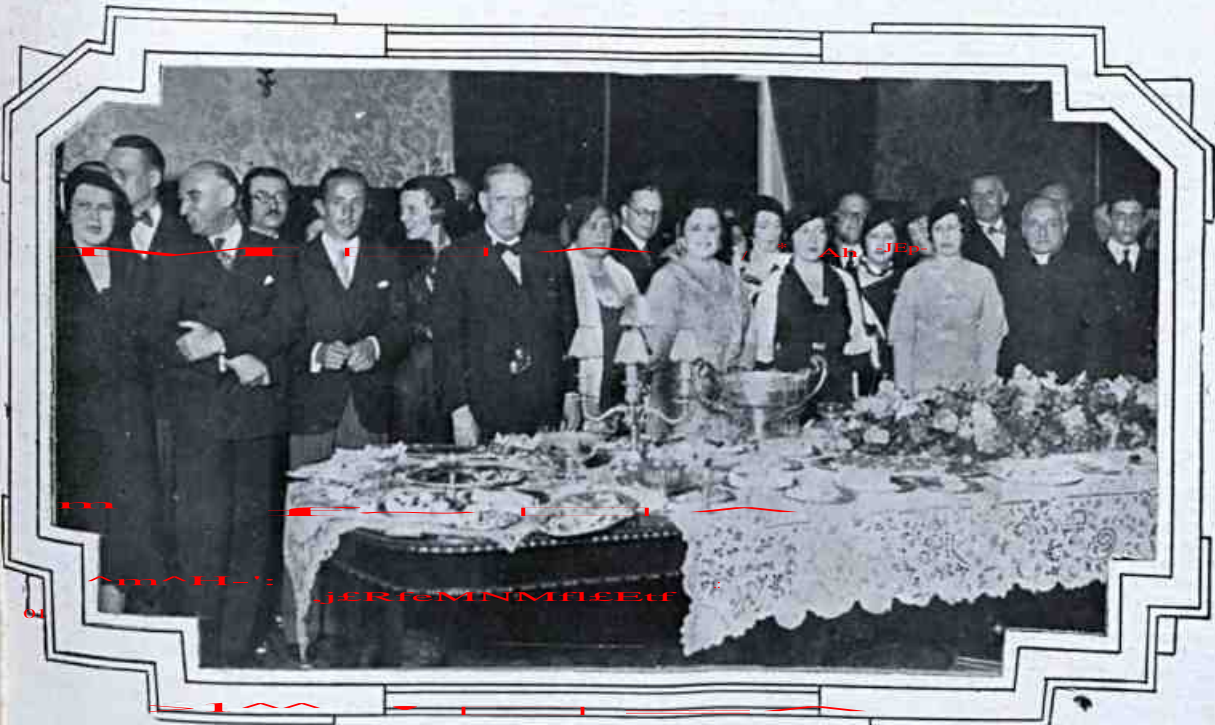
Commemorando a festa de sua santidade o papa Pio XI, monsenhor Aloisi Masella, nuncio apostolico junto ao governo brasileiro, deu uma recepção na séde da embaixada pontificia, tendo á mesma comparecido as mais destacadas figuras do mundo official, social e religioso, conforme se póde verificar da nossa gravura, que representa um aspecto dessa reunião diplomática.

RESTOS DE CONTINENTES

Todas as grandes autoridades em geologia concordam em affirmar que houve outróra no Pacifico um grande continente que ligava a Asia á Oceania, do qual somente restam hoje ilhas e archipélagos. Parece, assim, que tambem a Australia se ligava á America do Sul.

A verdade é que na Nova Guiné, na Nova Caledonia, na Nova Zelandia e nas Fidgi estão representadas todas as épocas geologicas do globo, desde as rochas archaicas até os terrenos diluvianos, com predominancia dos caracteristicos eruptivos.

Outros sábios querem que tenha havido continuidade de terras entre a Mandchuria e o Canadá, ao sul do mar de Bhering, estendendo-se o continente asiatico até o rosário das ilhas nipponicas, Marianas e Lin-Oisin.

O continente do Pacifico é absolutamente acceito como tendo existido pelos theosophos e todos quantos se abeberam nos profundos estudos do esoterismo.

Muito brilhante foi a recepção que o embaixador da Argentina offereceu á sociedade carioca, por motivo da data nacional do seu paiz. O illustre casal Mora y Araujo teve ensejo de verificar o alto prestigio que desfruta em nossos meios sociaes e diplomáticos, deante das demonstrações de sympathia e de apreço que lhe foram testemunhadas, durante a reunião elegante. Offerecemos, nesta pagina, um flagrante da recepção da embaixada argentina.

O RIO DE HONTEM NUM LIVRO DE HOJE

Luiz Edmundo, grande como poeta e como prosador, enriquece a bibliographia brasileira com um livro notabilissimo. «O Rio de Janeiro no tempo dos vice-reis» é uma sensacional reportagem do nosso passado, que revive no estylo claro e persuasivo do escriptor e nas illustrações perfeitas dos artistas que illuminaram suas paginas. Lê-se o alentado volume de Luiz Edmundo com um prazer intenso, porque elle tem o dom de aligeirar a historia e de nos transmittir a profunda documentação em que se baseou sem emphases, sem preciosismos e sem pretenção, com uma delicadeza de traços e um brilho de côres que captivam o leitor. O livro é, assim, obra de brasilidade e de evocação, de consulta e de estudo, ao mesmo tempo que de graça e de encanto. Percorrendo as suas laudas cheias de sentimento, parece que se está vivendo na época dos merinaques e das cabelleiras empoadas, das sangrias e dos beija-mão, das argolinhas e das cannas, do estafermo e dos dragões, das procissões e dos nichos. E' todo um periodo do Brasil focalizado com perfeição e maestria.

Alto-Falante

TERRA DE DÔR E DE GLORIA

Meu amôr, lá, ao longe, através da angustia da retina que te busca, na ansia de acariciar-te, eu vejo e sinto e soffro, comtigo, toda a inquietação do teu silencioso soffrimento.

Onde a alegria estusiante de teus coqueiraes de palmas fartalhantes? Onde o verde faustoso e magnifico que vestia a tua matta florida, cheirosa e garrida como as caboclas bonitas do teu sertão?

Modulações estranhas, tembladas na saudade e na dôr, gemem nas tuas violas brejeiras e zigarreantes; no canto de teus passaros; no coração de teus filhos; no zoar do vento impetuoso e quente, como um halito de febre, que varre teus campos; no rythmo profundo e desordenado das ondas inquietas do teu mar verde...

Terra e Mãe, materia e coração, alma e natureza, do fundo das tuas entranhas dolorosas chega até mim, chega ao ouvido de todos os teus filhos distantes, o éco surdo, intenso, do teu resignado soffrimento.

Despovôam-se teus campos. Um rictus de dôr amargura o rosto tostado da tua gente humilde e bôa e imprime, no teu sólo combusto, na tua argilla negra e resequida, toda a expressão physica da dôr que crucia o teu ventre escuro, feito para a volupia das immensas fecundações, para as generosas e munificentes concepções do amôr, para as solicitações todas da felicidade, das searas doiradas e fartalhantes, dos ninhos em festa, dos valles e serras tapetados de verde, dos sertões coroados de flôres.

Mater Dolorosa, minha terra de dôr e de gloria, meu Ceará distante, hoje mais do que nunca vives, palpitas, vibras e estremeces no ambiente de melancolia, de saudade e de sombras do meu coração.

E, meu coração, todo meu coração, que parece tão grande e infinito como o proprio coração que pulsa nas tuas entranhas soffredoras, está agora e sempre, bem juntinho de ti, minha terra, a beijar a fimbria prateada das tuas praias, o recorte aspero das tuas serras, a poeira do teu chão combusto, o torturado esqueleto de tuas arvores, o leito secco e pedregoso de teus rios, a alma, a alma estoica e inquebrantavel de tua gente!

Meu Ceará, bemdito sejas sempre na tua Dôr, no teu Soffrimento, na tua Desventura, como na tua Alegria, na tua Paz, na tua Bonança, generosa e farta!

AGUA CORRENTE

— Feliz, eu?...

— Sim, minha querida amiga. Não se sente, então, feliz, feliz? Muito feliz?...

— Em que sentido? Se viver, cercada de conforto, vestida pelo ultimo figurino, com dois filhos, que adoro, com autos á minha disposição, frequentando theatros, festas, reuniões, viajando quando quero, se viver assim é ser feliz, respondo-lhe, meu caro doutor, que sou feliz, muito feliz, mesmo... E' muita gente, muita mulher, sobretudo, invejará a minha felicidade...

— Mas, com que amarga ironia me diz tudo isso! Escute, minha bôa amiga; parece-me que fui indiscreto. Perdôe-me. Não o fiz, porem, com segundas intenções... Sabe que sempre lhe dediquei uma profunda sympathia...

— Só sympathia?

— Sympathia e admiração. Mais que isto, talvez, um mixto de veneração e de... um sentimento quasi...

— Amoroso, não será, não é?

— Não! Não! Não poderia ser! Paternal, sim... talvez, como medico, seu medico, já ha tanto tempo...

— Paternal? Na sua idade, meu caro doutor, que é quasi a minha!

— Sim, tem razão: fraternal é que eu queria dizer... Esqueço sempre, perto de você, Martha, que não tenho ainda quarenta annos...

— Martha, você...

— Perdôe-me. Esqueci-me... senhora...

— Roberto, meu caro Roberto, para que mais disfarces? Você ha ama-me, tambem, em silencio, ha quasi tres annos...

— Martha! Sim, é verdade... Calei. Precisava calar. Seu marido é meu amigo, uma especie de irmão...

— Um bruto! Um homem que só sabe ver e comprehender a mulher através do seu instincto e dos seus sentimentos de egoismos! Já deve ter adivinhado, como medico, muita miseria da nossa vida intima...

— Martha, minha querida! Sim. Sentia tudo isto...

— E deixou-me soffrer sozinha durante tanto tempo, Bob!

— Perdôe-me... Timidez... Fraqueza...

— Não, Bob; amor. Muito amor!...

MAX LINDER

A PROCISSÃO DA PENITENCIA

Aspectos da imponente Procissão de Penitencia, levada a effeito domingo ultimo, por iniciativa de s. e. o cardeal d. Sebastião Leme, como reparação junto a Deus das faltas que o Brasil tem commettido e, tambem, para impetrar á Divindade se amerceie da nossa Patria nesta hora turva que o mundo vive e neste momento angustioso da nossa nacionalidade.

O povo carioca, obedecendo aos seus impulsos de fé e attendendo ao appello que lhe fez o nosso cardeal-arcebispo, accorreu em peso á edificante cerimonia, que tomou um caracter de verdadeira manifestação civico-religiosa.

Estrada de Damasco

EM meio ás sombras que me envolvem, doce, suavemente, numa caricia de mãos amigas que cerrassem os meus olhos para o encanto e a consolação dos sonhos com que se esquece a vida, tua figurinha de mulher, irrequieta e trefega, domina o feitiço ambiente do mundo das minhas ultimas illusões.

E penso...

Será que me amas? Ou o teu amor, este amor outomnal, com alma e expressão de folhas seccas, volitantes, a dansarem, para nos alegrar, o bailado das nossas proprias recordações, não será ainda uma fantasia como as outras, um capricho, uma mentira como as muitas outras que fizeram devaneiar tua cabecinha tonta de mulher garrida?

Mas tu dizes que não, que não estás a illudir-me, que eu fui o teu "unico, o teu verdadeiro amor" — um amor differente de todos os outros, "porque mais que exaltação de carne, de desejo, de volupia, era muita alma e muito coração"...

E eu acredito, creio em ti, na tua ultima mentira de mulher, para não te ver triste, para dar-te a consoladora impressão de que ainda continuas a fascinar e a illudir...

Mas, bem dentro de mim, a voz quieta da minha intuição, da minha longa e dolorosa experiencia da vida, diz-me, baixinho, que o teu amor, o teu amor outomnal, é um amor de folhas seccas, alimentado pela força de saudade das tuas recordações, de todas as recordações que são, hoje, a alma mesma da tua vida.

* * *

"Carlos — Esquece-me. E' preciso que me esqueças. Enganei-me, quando suppunha amar-te. Outro amor, profundo, immenso, domina minha alma, meu coração. Perdôa-me a crueldade desta franqueza. Prefiro falar-te assim, a trazer-te illudido. Fica certo, porém, de que deixo comtigo um pedaço bem doloroso de mim propria. Outra mulher dar-te-á a felicidade que não pude dar-te, realizando o teu sonho de amor. Não me queiras mal. — Adeus, Gaby.

Carlos Augusto sorriu. Um sorriso triste, reflectindo toda a sua amargura, toda a angustia e toda a revolta da decepção impiedosa com que a mulher a quem tanto amava ferira, fundo, seu coração de homem.

Seria possivel? Não. Gaby amava-o. Elle sentia, sentira muitas vezes que ella o amava.

Uma lagrima. Depois outra, uma onda de pranto... Que fazer agora, de sua vida, sem ella, que era a razão de ser mesma de sua existencia já tão rudemente profanada?

Batem, repetidamente, nervosamente, na porta do seu appartamento, que elle fechara, para melhor entregar-se á sua dor.

Enxuga os olhos apressadamente. Quem seria?

— Carlos! meu Carlinhos! Sou eu, meu amor!

— Ella! Gaby!!...

Corre á porta. Abre-a. Gaby atira-se-lhe nos braços, a chorar e a rir.

(Conclúe na pag. 40)

DOIS ROMANCES DE THÉO-FILHO

(Photo Irmãos De los Rios).

Théo-Filho, o elegante Théo-Filho, o romancista que o Brasil inteiro applaude desde que appareceu a sua primeira obra, acaba de offerecer, ao seu publico numeroso, mais dois livros que vêm enriquecer a literatura nacional: «Ilha Selvagem» e «A Fragata «Nictheroy». E dizemos enriquecer, porque, de facto, o illustre escriptor brasileiro é dos raros autores cujos livros são disputados pelas «élites» mentaes. Explica-se. Estylista simples, e, ao mesmo tempo, requintado, Théo-Filho possúe aquella graça gauleza e aquella ductilidade no escrever, que caracterizam escriptores como Anatole France e Romain Rolland. Observador arguto, meticuloso e exigente, cada pagina sua é uma filigrana literaria, trabalhada com lavores de ourives. «A Ilha Selvagem» é a historia do estado confuso, da fatalidade de que surgiu o Brasil glorioso de hoje, ou como elle mesmo declara: «O Brasil de antes», quando tudo era principio e suspeita apenas do grande drama que se iniciava e que dura até hoje». «A Fragata Nictheroy» é outro episodio do Brasil que nascia para a vida da civilização. Episodio de civismo e de sangue. A primeira vibração patriotica da alma brasileira. Ambos reflectem um novo genero abraçado com exito pelo victorioso romancista.

C. da Veiga Lima.

MARIA ELEONORA... Um lindo nome de mulher num lindo romance. E' esse o titulo do ultimo livro de C. da Veiga Lima, o conhecido e festejado escriptor de Veneno Interior, Cidade Harmoniosa e outras obras de remarque. Em torno dessa figurinha central, desse interessante e bizarro perfil de mulher, gyra todo o delicado enredo do novo romance de Veiga Lima. Na movimentação do romance de almas, profundamente psychologico, o autor de Maria Eleonora é, sem favor, admiravel. Mais do que em Veneno Interior, revela-se Veiga Lima neste seu novo romance, fadado a um grande successo de livraria, um observador arguto e seguro da alma feminina, tão complexa, tão velada, tão mysteriosa. A luz, o sol, a claridade e o colorido forte da alegria sadia da vida que canta, como agua corrente, a descer das suas fontes mais profundas e primitivas, enquadram o scenario e o ambiente dentro do que se agita a alma inquieta de Maria Eleonora. Porque ella "não olhava a vida como espectadora desinteressada.... Não; sentia-se viver, na harmonia indissoluvel da vida como todas as realidades".

Um bello livro, a que Veiga Lima empresta todo o suggestivo dynamismo e encanto de sua arte fidalga e delicada. Um livro que se lê sentindo ao nosso lado a repousante harmonia da alma toda carioca, todo frescor, toda fragrancia, toda volupia de viver de Maria Eleonora.

O General Pedro Aurélio Góes Monteiro foi homenageado, quarta-feira ultima, pelos seus conterraneos residentes nesta capital, os quaes, devidamente autorizados, fizeram entrega ao commandante da primeira região militar da espada de ouro que Alagôas offereceu ao seu illustre filho. Os principaes oradores da solennidade foram o capitão João Palmeira, que falou em nome do povo de Alagôas, e o escriptor Povina Cavalcanti, cujo brilhante discurso interpretou com emoção os sentimentos dos alagoanos do Rio.

Instalação dos trabalhos da «Quinzena Intellectual Judaica», levada a effeito nesta capital, por iniciativa do Centro dos Estudantes Israelitas do Rio de Janeiro, e na qual tomam parte elementos de destaque da colonia.

«FON-FON» NA EUROPA

Os projectos de LEOPOLDO FRO'ES

MUITA coisa ha ainda a escrever sobre o maior dos nossos artistas — esse admiravel Fróes, que foi o animador das maiores batalhas em prol do theatro brasileiro, nestes ultimos quinze annos. Um biographo consciencioso e sem paixões que venha a escrever a vida do grande artista prestará á arte nacional um bello serviço e aquelles que se iniciam na arte, no Brasil, terão, nessa obra, um magnifico exemplo de patriotismo. Aquelles que conviveram "jour-á-jour" com Fróes, como eu, poderão dizer o quanto elle amava sua terra e o quanto fez e batalhou por ella, no estrangeiro. Houve, no Brasil, quem o condemnasse por procurar viver, nestes ultimos annos, no estrangeiro, tomando parte em espectaculos e companhias portuguezas, e, no emtanto, tudo isso, que elle fazia deliberadamente, de caso pensado, foi a maior propaganda, o maior serviço que já se prestou á arte brasileira. Deus sabe (e os seus amigos tambem) quantos sacrificios e trabalhos arduos teve elle de supportar para demonstrar, na Europa, que o nosso theatro possuia figuras que valiam tanto ou mais que as do velho continente. E o conseguiu. Hoje, em Portugal, os nomes dos nossos grandes artistas, a quem a exiguidade do nosso ambiente não permittiu realizar uma obra que transpuzesse as nossas fronteiras, (como Durães, Apolonia Pinto, Atila de Moraes, etc.) são sobejamente conhecidos em Portugal pela intensa campanha que elle fazia em torno desses nomes. Varias vezes, reunidos no "Martinho", de Lisboa, vi-o, em meio de criticos, jornalista e artistas, nessa patriotica campanha. Mesmo para aquelles que a sorte bafejou e que, com pertinacia e admiravel talento, conseguiram, por si, transpôr as fronteiras do Brasil, como Procopio, Jayme Costa etc., ouvi delle, muita vez, rasgados elogios e criticas magnificas, quando os citava aos estrangeiros.

A ultima photographia de Leopoldo Fróes, tirada em Paris, e na qual o grande actor brasileiro apparece ao lado de sua dedicada companheira e inspiradora, Madame Denise, e do correspondente de FON-FON na Europa, sr. Brício de Abreu.

Dizer, como muita vez ouvi, que era elle um artista portuguez, é a maior das tolices. Fróes estreou em Portugal, é verdade. Lá iniciou os seus primeiros passos, mas só se tornou grande artista de verdade no Brasil. Antes de se apresentar ao nosso publico, Fróes não tinha nenhum nome em Portugal. Era um artista como outro qualquer, e de opereta.

Foi no Brasil que elle formou o seu espirito artistico, foi no nosso ambiente que elle formou o admiravel artista de comedia que veiu a ser. E quando chegou a ser o "Fróes", entre nós, é que Portugal o popularizou. Comtudo, não se póde negar que muito da sua carreira, deve-o a Portugal.

No inicio do anno passado, nos encontrámos em Paris, e raro era o dia em que não estivessemos juntos. Enganam-se os que pensavam que Fróes estava alheio a todo o movimento artistico nacional. Ao contrario. Trabalhava com afinco. Constituira um repertorio de traducções (de algumas das quaes comprou a exclusividade, que não chegou, infelizmente, a usar) e, em um livro a parte, tinha anotado, talvez, vinte nomes de autores brasileiros aos quaes "iria escrever", dizia-me elle, encommendando peças. Creio mesmo que elle proprio chegou a iniciar uma peça que tinha intenção de escrever.

Uma manhã, recebi em minha casa um "pneutique" seu, que conservo ainda, convidando-me a jantar no "Titan", pois — "tinha grandes projectos a estudar". A' noite, em frente de uma excellente "boillabaisse", expunha elle o admiravel projecto que tinha em mente: a organização de uma companhia franceza, da qual elle faria parte, para actuar em um theatro de Paris, com Alice Cocea, Signoret etc., creando assim o Theatro Internacional, isto é, um repertorio composto de uma peça de cada paiz do mundo. (E' preciso dizer que Fróes falava e escrevia francez correctamente). Depois da temporada em Paris, a companhia faria uma *tournée*, pelo mundo.

Achei a idéa admiravel e fui dos que mais o animaram, mormente quando, havia-me elle exposto, isto faria o seu nome conhecido em Paris e o animaria a, dentro de dois annos, organizar a sua companhia no Brasil e realizar a sonhada *tournée* brasileira pelo mundo.

Fróes, cheio do maior enthusiasmo pela sua idéa, encarregou-me de ver o "Theatre Comedie Caumartin" que se achava fechado, o que immediatamente realizei. O preço que pediam éra exhorbitante. Pelos calculos, que fizemos após, entre theatro, scenarios e artistas por uma temporada de 6 mezes, necessitava-se de mais de um milhão de francos. Era preciso procurar outro theatro que offerecesse maior vantagem.

No dia seguinte, quando nos encontramos, afim de irmos aos "Champs-Elysées, (então fechado tambem), declarou-me elle que havia conversado com Claudio de Souza e parecia que realizariam a idéa juntos. Já tinham as vistas lançadas para o theatro do "Le Journal", na Rue Richelieu. Nesse interim, tive que ir ao Brasil, onde varios artigos escrevi sobre Fróes, nada falando, porem, do seu admiravel projecto, por me ter elle pedido não o fizesse. Quando voltei a Paris, o projecto havia fracassado. Fróes achava-se já doente, minado pela molestia que o havia de levar. Ia partir para Portugal, afim de mudar de clima, a conselho medico. A ultima vez que nos vimos, no Hotel Favart, disse-me elle: "E' tudo questão de tempo. Dentro de alguns mezes, voltarei para realizarmos o projecto da grande Comedia Internacional"!...

(Conclúe na pag. seguinte)

OS PROJECTOS DE LEOPOLDO FRÓES

(Conclusão)

E voltou, não para realizar a grande comedia *internacional*, mas para realizar a grande travessia do oceano, a derradeira, a caminho do Brasil, para onde foi. Não para organizar a sonhada companhia de arte, mas para fazer cahir o telão sobre a maior comedia que realizou, a mais brilhante, a mais artistica, a mais bella expressão de arte, que foi a "sua propria vida".

Que o Brasil comprehenda a perda que soffreu e o vacuo enorme que se abre na sua arte com a morte de Leopoldo Fróes, o seu maior artista e o seu maior apaixonado...

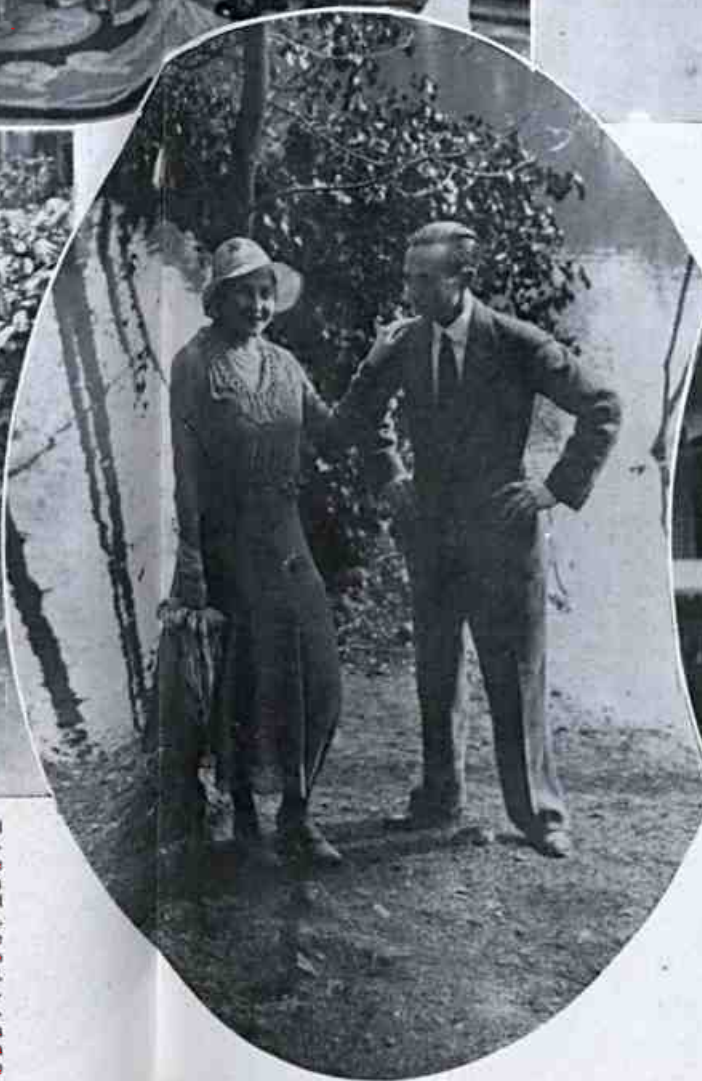
Paris.

Bricio de Abreu

Enlace da senhorita Alice Dias de Mendes com o sr. Milton de Carvalho.

A senhorita Diciola Fonseca, gentil figura da nossa sociedade, ao lado de seu noivo, o sr. Eduardo Blumer, numa photographia tomada por occasião de seu enlace, que se realizou quinta-feira penultima, nesta capital, onde reside o joven casal.

Miss Bessie Alyne Muirhead, filha querida do illustre educador norte-americano, dr. H. H. Muirhead, director do Collegio Baptista, desta capital, cercada de algumas de suas «demoiselles d'honneur», e pessôas de sua distincta familia, no dia do seu casamento com o dr. William Estes, engenheiro da Gugenheim Comp., na Argentina.

SOB AS CÔROAS DA FRANÇA E DO BRASIL

O recente casamento da princeza brasileira Isabel d'Orléans Bragança, filha do principe d. Pedro, com o conde de Paris, herdeiro do throno de França e filho primogenito do duque de Guise, uniu duas familias da aristocracia mundial: a imperial do Brasil e a real da França. E essa união acaba de ser ainda mais consolidada com o nascimento da primogenita do joven casal, o que constituiu um verdadeiro acontecimento para a nobreza dos dois paizes amigos. O Serviço Especial de FON-FON em Paris enviou-nos uma interessante reportagem photographica desse facto social, a qual offerecemos nesta pagina, cujos aspectos foram tomados em Manoir d'Anjou, na Belgica, residencia e exilio da familia real da França. São os seguintes os flagrantes que aqui publicamos: a princeza Isabel do Brasil e sua filhinha recem-nascida numa photographia intima tirada pelo conde de Paris e cedida gentilmente a FON-FON. Photographia tomada no dia do baptizado da princeza Isabel de França, que se vê nos braços de sua mãe. Da esquerda para a direita, a irmã do principe de Paris, o principe de Paris, o principe d. Pedro do Brasil, a duqueza de Guise, a ex-rainha d. Amélia de Portugal, o duque de Guise e a princeza Pedro de Orléans Bragança do Brasil. Ceremonia do baptizado da nova princeza. A familia real da França deante do Manoir d'Anjou, na Belgica. O conde de Paris e sua esposa no parque do castello. Os jovens esposos com sua filhinha, a princeza Isabel de França.

TELEPATHIAS

«FON-FON» EM MATTO GROSSO

A senhorita Manolita Bacchi Naveira, galante figura da sociedade brasileira, num passeio equestre pelas ruas de Campo Grande, Matto Grosso. Uma Antiope moderna, que, embora serena e doce, não se deixa vencer pelos Hercules de seu tempo...

COM o regresso do illustre cavalheiro, *madame* vae ficar um tanto contrafeita.

Quando elle partiu para a viagem sem duração determinada, por isso que a mesma dependia da marcha dos acontecimentos do paiz, *madame* era uma encantadora presa nas suas mãos fidalgas.

Mas elle demorou, e o tempo faz esquisitas partidas á gente.

Quando se está longe dos olhos, dizem que tambem o coração dá para tomar attitudes perfidas... E, assim, quando o nosso amigo voltou, encontrou *madame* differente, ou melhor... indifferente, com um substituto de primeira ordem, quer physica ou financeiramente falando...

Vae d'ahi não haver possibilidade da volta aos bons tempos.

Elle terá de contentar-se com a triste sorte, e melhor fará não pensando nas doçuras do passado para supportar as agruras do presente...

A viuvinha tomou juizo, desde que foi surprehendida pelo bom papae, no portão de seu *bungalow*, quando conversava, na maior intimidade, com um galante almofadinha da zona.

Interpelada, no primeiro instante, só lhe occorreu uma resposta: — era para casar...

Como se vê, o namoro estava animado pela chamma do amor, e havia, portanto, a mais pura intenção da parte da viuvinha.

O almofadinha, tambem assustado em ser apanhado com a bocca na botija, não teve duvida em confessar que pretendia pedir a mão da bella senhora, o que faria logo após o consentimento para frequentar a casa da familia.

Mas o papae da viuvinha, diplomata na escola dos bilontras, não esteve pelos autos, nem quiz ouvir conversas fiadas. Fechou a cara, disse uma serie de verdades aos pombinhos e, quando pretendia usar de argumentos mais convincentes, viu longe das mãos o pandego almofadinha...

Foi uma retirada infame, pois emquanto teve pernas o rapaz soube correr...

Deante do exposto, a viuvinha mudou de pensar, despediu o pequeno e voltou a cultivar a memoria do marido defunto...

Agora frequenta as igrejas e, á noite, lê romances de Henri Ardel...

Regenerada...

DE todas as garotas que têm passado pela vida do nosso medico, a ultima foi que deixou maior saudade. Não ha possibilidade de esquecel-a um só instante, apesar do esforço que tem dispendido para esse fim.

Está por conta do Tinhoso... A creatura com a qual procura divertir-se, actualmente, não substitúe a que partiu. E si a garota que deixou saudade quizer, póde voltar com armas e bagagens para a casinha pequenina lá do alto, que será muito bem recebida.

Temos certeza do que dizemos. Póde fazer uma experiencia, preliminar, pelo telephone, á hora do consultorio. Elle já confessou a um amigo, até, que, quando a campainha chama, tem a impressão de que a loira creatura é quem vae falar do outro lado!

Corre ao telephone nessa doce persuação, mas, a decepção quasi o fulmina de raiva.

Como os tempos mudam! E dizer-se que foi o esculapio quem procurou alliviar o fardo loiro! Emfim, tudo poderá ser concertado com intelligencia, bastando um simples gesto da creaturinha loira.

O nosso amigo está disposto aos maiores sacrificios, e até loucuras será capaz de praticar para voltar a ser o medico mais feliz do Rio.

Interessante é que ninguem dirá que o sympathico esculapio possúe um temperamento tão romantico, um coração tão sensivel!

Doença terrivel é o amor...

Augusto Conde, ou, simplesmente, o «Condinho», como o tratam na intimidade, colhido de surpresa, no «seu» jardim, quando empunhava o regador para afogar as flores que ali fazem concorrencia aos seus encantos... Augusto Conde é filhinho do dr. Augusto de Britto Conde e de d. Lydia Bhering Conde.

De regresso de S. Paulo, chegou, domingo ultimo, pelo Cruzeiro do Sul, a esta capital, o sr. dr. Salgado Filho, ministro do Trabalho. O desembarque de s. ex., de que damos, no medalhão, um aspecto, tomado na «gare» da Central do Brasil, esteve muito concorrido, a elle comparecendo, além dos representantes do governo, grande numero de familias, amigos e admiradores do illustre titular.

Em baixo: flagrante do embarque para a Europa do grande armador sr. Mario de Almeida, que viajou no «L'Atlantique» e se fez acompanhar de sua exma. esposa, sra. Carmen de Almeida. Ao bota-fóra do estimado casal compareceram figuras representativas da nossa sociedade, do alto commercio, das industrias e das marinhas mercantes brasileira e estrangeira.

A escriptora Maria Neves de Castro, que seguiu para a Europa, a bordo do «L'Atlantique», recebeu, por occasião do seu embarque, expressivas demonstrações de apreço por parte de varios intellectuaes brasileiros e de figuras destacadas da nossa sociedade. E' um flagrante apanhado no pavilhão da praça Mauá, antes do embarque da illustre autora de «Anna Maria», o que focaliza a photographia ao lado.

GOTTAS

O maior escravo é o escravo de si mesmo.

•

Em arte, onde não ha verdade não ha honestidade.

•

O natural é a base de toda a arte.

O jovem autor destas interessantes caricaturas do presidente, do orador e do secretario perpetuos do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, Conde de Affonso Celso, Barão de Ramiz Galvão e Max Fleuiss, é um artista ainda desconhecido no nosso meio, mas de promissor talento, que revela vigor e originalidade. Em Daniel Fonseca vibra uma inspiração nobre e forte, um talento capaz de se tornar bastante notável.

Solennidade da fundação da Sociedade de Cultura Musical do Rio Grande do Norte, quando foi levada a effeito a 14.ª audição do curso «Waldemar de Almeida», em beneficio do Instituto de Protecção e Assistencia á Infancia daquelle Estado.

O commendador Oliveira Guimarães e o sr. Joaquim Cliton, vice-consul do Brasil em Lisbôa, na residencia do primeiro, após o almoço que aquelle cavalheiro offereceu ao representante consular do Brasil na capital portugueza.

O TEU AMOR

O teu amor foi, em minha vida, como o rio que se precipita, do alto da montanha, impetuoso e borbulhante, sobre os campos...

Foi como o raio que rasga o espaço, nelle abrindo feridas de fogo...

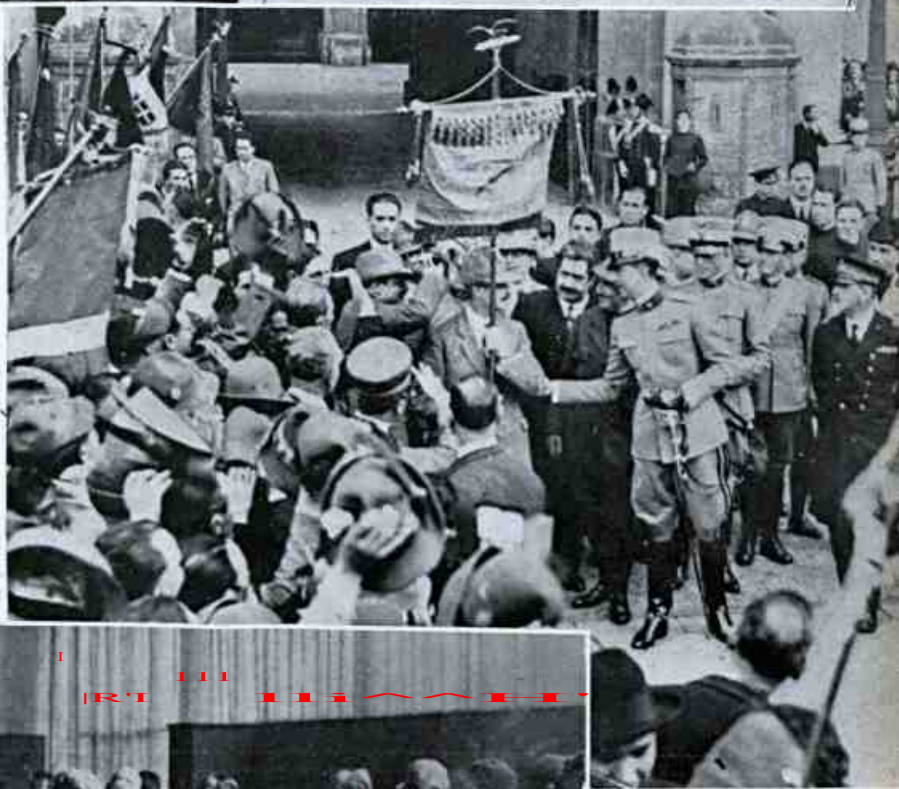
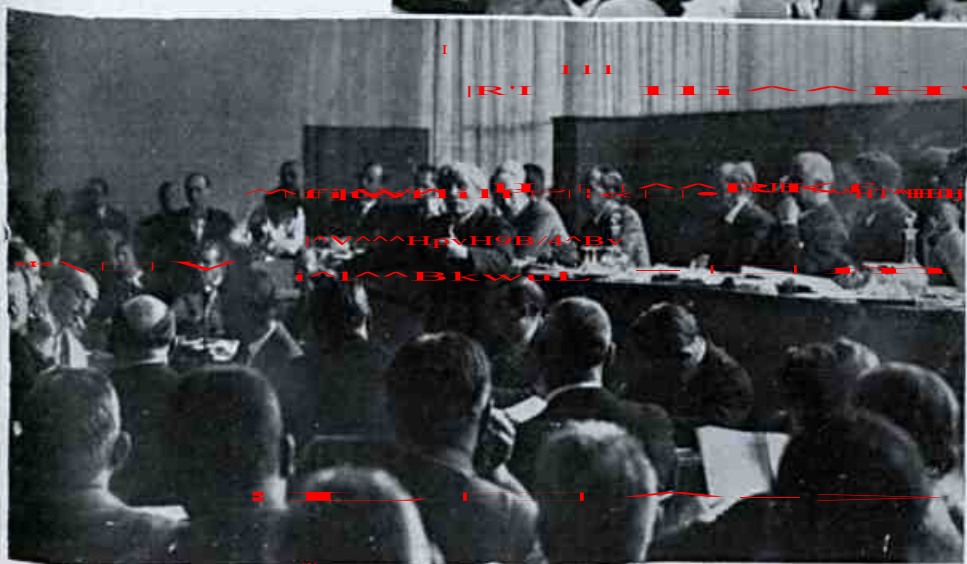
Foi a pavorosa tormenta que tudo anniquilou... Mas foi tambem como a ave que estende a aza sobre a ninhada implume...

Foi a fonte clara em que se ia dessedentar meu coração... O suspirado oásis no deserto immenso e áspero de minha vida...

Teu amor foi a chuva benefica que refrescava a terra sécca e ardente de meu coração... A primavera que enchia de flor e de perfume o jardim de minha alma... O raio de sol que illuminava o meu destino...

Regina Kizièri

FLAGRANTES INTERNACIONAES

No alto: o chefe do fascismo allemão, sr. Adolpho Hitler, derrotado nas recentes eleições presidenciaes daquelle paiz, quando recebia uma grande manifestação de seus correligionarios, em Berlim, por occasião de sua festa natalicia.

Ao centro: quarenta mil soldados alpinos, reunidos em Napoles, residencia official do herdeiro da corôa italiana, prestam expressiva manifestação ao principe Humberto, que na gravura se vê apertando a mão dos manifestantes, após a missa mandada rezar em intenção de sua alteza.

Instantaneo do novo chefe da representação franceza, em Genebra, sr. Paul Boucour, na occasião em que expunha, no Conselho da Liga das Nações, a these geral de desarmamento e de paz ali apresentada por seu paiz, com geraes applausos de toda a Europa.

(Photographias do Serviço Especial de FON-FON em Paris).

ESTRADA DE DAMASCO

(Conclusão)

Repelle-a, de repente, assaltado pela idéa de que ella tivesse vindo dos braços de outro homem.

— Repelles-me, Carlos?

— De onde vens? Por que voltaste? Que significa tudo isto?

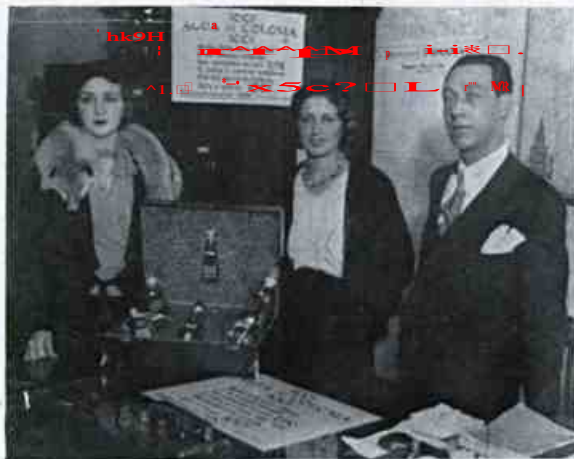
— Bem! Meu querido, perdôa-me. Apenas quiz experimentar-te... Tudo mentira. Não sahi de casa. Estava ali, escondida, e fiquei a espreitar-te pela fechadura...

Sei, agora, que me amas, que queres muito á tua mulherzinha. Perdôa-me o que te fiz soffrer, sim? Vê como te beijo, como te amo, meu queridinho!

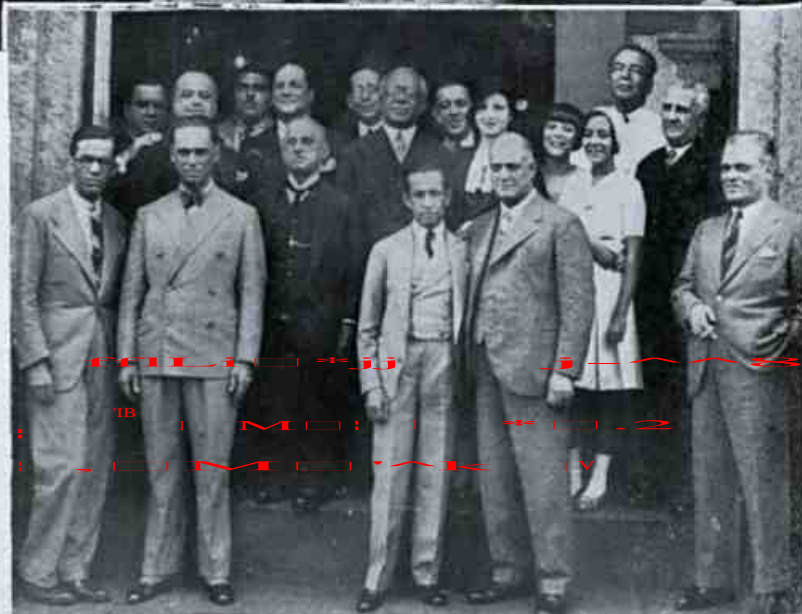
— Louca, louquinha! E se tivesses chegado tarde, Gaby?

— Tarde!...

— Sim. Se eu tivesse mettido uma bala na cabeça!

— Ah! que horror, meu Carlos! Nem pensei nisto! Que horror! Sou louca, louca! Perdôa-me. Nunca mais, nunca mais farei isto!

Homenageando a senhorinha Lydia Von Ihering, que em Los Angeles representará o C. R. do Flamengo, a fabrica de perfumes «1001» offereceu áquella nossa patricia um rico estojo de perfumes e agua de colonia daquella marca. A nossa gravura representa o acto da entrega desse brinde, vendo-se a senhorita Lydia Von Ihering entre o sr. Ernesto Vasconcellos, proprietario daquella fabrica, e a esposa deste industrial.

Flagrante do banquete que a colonia italiana offereceu, em dias da semana passada, ao consul da Italia nesta capital, Cav. uff. Ricardo Moscatti.

Festejando o apparecimento de «30 annos de theatro», os amigos e collegas do escriptor Rego Barros lhe offereceram um almoço, no qual foram trocados varios brindes, e em que teve o homenageado opportunidade de verificar o grão de estima em que é tido nas nossas rodas literarias e theatraes.

Grupo de escriptoras e artistas que se associaram á expressiva homenagem prestada, ha dias, na Radio Sociedade Mayrink Veiga, por iniciativa da sra. Iveta Ribeiro, directora do «Brasil Feminino», ás sras. Nair Mesquita e Nair Duarte Nunes, nossas collegas da imprensa de S. Paulo. Nair Mesquita é a directora do mensario paulista «Vanitas» e Nair Duarte Nunes sua collaboradora e festejada cantora, cuja voz dentro de alguns dias teremos occasião de apreciar. Além das homenageadas e da promotora da manifestação, apparecem na photographia as senhoras Else Machado, Maria Rosa Moreira Ribeiro e Aristéa Araújo Jorge e as senhoritas Magdala da Gama Oliveira, Yvonne Muniz Bastos, Cléo Bacellar e Lucia Araújo Jorge.

Foi uma noite de verdadeiro encanto o festival de arte que se realizou, sabbado ultimo, no Pavilhão Mourisco, em beneficio da Caixa da Associação dos Funccionarios do Lloyd Brasileiro. Nella tomaram parte elementos de relevo nos meios artisticos e mundanos desta capital.

O actual presidente do Club Central de Nictheroy, dr. Jorge Abreu, prestou, na noite de 2 do corrente, significativa homenagem ao fundador e grande benemerito daquelle prestigioso gremio elegante da vizinha capital, dr. Armando Lassance, em honra do qual organizou uma «hora de arte», no salão de honra do palacete da praia de Icarahy. Nessa festa, tomaram parte as figuras literarias e artisticas que formam o grupo ao lado, onde se vêem, tambem, os drs. Jorge Abreu e Armando Lassance.

A MODA EM HOLLYWOOD

Deshabillé en pailleté, entiérement doublé en mousseline de soie. Les manches s'ouvrant á la naissance du coude retombent trés bas avec effet de cape. Jupe trés longue á godets rapportés avec traine.

Présenté par Mlle. Jeanette Mac Donald dans le filme «Uma Hora Comtigo».

Manteau du soir en crêpe-romain tout travaillé de découpes horizontales. Ces découpes mouvementent le magnifique effet de drapé de ce manteau-cape légérement écourté devant. Col et paremente de renard.

Présenté par Mlle. Kay Francis dans le filme «P'ra que Casar?»

Robe du soir «Empire» en mousseline de soie. Corsage trés décolleté formant tunique. Jupe droite á godets rapportés. Applications de pailleté en rosaces.

Robe de diner en crépe-satin. Le corsage bien collant simule tunique. Le volant, dont les godets s'harmonicent avec ceux de la jupe, va en s'élargissant et forme traine. Les motifs sont travaillés en strass et or.

Prérenté par Mlle. Carole Lombarde dans le filme «Um Homem Só?»...

«Photos Paramount).

UMA HORA COMTIGO

(One Hour With You)

Direcção de:

ERNEST LUBITSCH

Personagens principaes:

MAURICE CHEVALIER E JEANETTE MAC DONALD

O dr. André Bertier, facultativo de Paris, é casado e vive num céo de delicias. Sua esposa, a linda Colette, dedica ao marido a mais profunda affeição, que se traduz em beijos e sorrisos.

Um dia, porém, diz madame ao marido:

— André, sabes quem vem amanhã passar o dia comnosco?

— Não sei; quem é? — pergunta-lhe o esposo.

— E' Mitzi, uma minha amiga de infancia. Has de gostar della, André. Mitzi é tão interessante, tão engraçada...

O dr. Bertier, que não conhece essa amiga da esposa, concorda que sim, ha de gostar de Mitzi, sendo ella tão interessante como diz Colette.

Na manhã seguinte, sáe o dr. Bertier a comprar umas flôres e, como chovesse a cantaros, mette-se num taxi. Ao parar em frente á casa do florista, mette-se tambem no carro, acossada pela chuva, uma rapariga elegantissima, possuidora de um sorriso simplesmente irresistivel. Embora o taxi estivesse ás ordens do dr., não seria elle que, em caso tal, fôsse deixar uma senhora tão bonita caminhar sob aquelle aguaceiro, podendo ambos ir no carro. Para fugir-lhe aos olhares tentadores, Bertier põe-se a ler o seu jornal.

— Que acha o senhor do plano russo? — pergunta a desconhecida ao medico.

[illegible]

— Eu não acredito em planos, madame... — responde André.

— Nem eu tampouco; deixo tudo para o momento...

— Madame! Veja que eu sou casado!

— Madame, veja que eu tenho marido...

Bertier reconhece que está mettido numa enrascada dos demonios e antes que a tentadora mulher o tenha subjugado aos seus desejos, manda parar o carro e salta.

— Madame ha de pensar que sou covarde... Pois o sou! — exclama Bertier, ao despedir-se da desconhecida.

Quando o medico chega em casa, já lá está a esperada amiga de sua esposa. E ao ser-lhe apresentado, qual não é o seu espanto ao ver em Mitzi, a interessante Mitzi, a sua tentadora companheira do taxi!

— André, esta é Mitzi, a minha melhor amiga...

E á outra:

— Este é André, o meu apaixonadissimo marido...

No dia seguinte, a esposa do professor Olivier, isto é, a mesma Mitzi que já conhecemos, chama o dr. Bertier a telephone: está muito doente e precisa que o doutor vá vêl-a, immediatamente... E' a propria Colette quem recebe o chamado, e, informada da saúde da amiga, insiste com o esposo para que vá medical-a. André desconfia dessa subita doença, mas, como a mulher faça questão, elle decide a ir. Mitzi, tal como André pensava, não tinha nada. Queria apenas conquistar o marido de sua amiga — sport muito do seu gosto. Mas, a meio da palestra, chega o professor Olivier, seu marido. André fica perturbado, quasi sem uma desculpa. Ha, é certo, a escusa da doença, mas o professor conhece bem a esposa que tem para acreditar nessas mentiras...

Entretanto, como o que o «professor» procura é o divorcio, o encontrar um estranho na alcova da esposa dá-lhe antes alegria do que pesar.

O baile que Colette offerecêra ás suas amigas estivéra animadissimo. Tudo corrêra magnificamente bello. Apenas Colette tivéra uma pontinha de ciúmes de André, ao vêl-o todo attencioso com mlle. Martel; mas, na verdade, isso não passava de illusão

Elle era um marido exemplar, mas...

Dois corações felizes.

de Colette. Si André se fizera tão attencioso com aquella linda conviva, fôra somente para fugir ás repetidas tentações de Mitzi, que não o deixa descansar. Terminada a festa, quando estão todos a despedir-se, á porta do palacete, em chegando a vez de Mitzi, diz esta ao medico:

— Boa noite, doutor... A festa esteve soberba...

E quasi ao ouvido de André, para não ser percebida dos outros:

— Espero-te na esquina, num taxi, daqui a cinco minutos...

André recusa-se; ella dá dez minutos de prazo, quinze minutos, e, por fim, elle promette.

Ao recolher-se com Colette, começa a esposa a lamentar-se por causa das attenções de André com mlle. Martel. O marido desculpa-se, que não ha razão para suspeitas... Que fosse com Mitzi... vá lá!...

— Mitzi é minha melhor amiga; respeita-me. Della não desconfio... — murmura Colette, toda chorosa.

Nesse instante, ouve André a buzina do taxi. E' Mitzi que o chama.

— Pois, bem, — diz elle á mulher, — si insiste em me accusares do que nunca pratiquei, vou-me embora para a rua! — ameaça André.

— Pois váe! Queres ir encontrar-te com mlle. Martel, não é? Pois vae...

André não espera por outra buzinada. Desce as escadas, [illegible]. Colette, ao ver a sua decisão, procura detêl-o, mas não o consegue...

No dia seguinte, muito cêdo, pela manhã, André recebe a visita do professor Olivier. O pacatissimo marido de Mitzi traz a "folha corrida" das aventuras de sua mulher catalogadas pelo detective que o professor puzéra a vigial-a. André nega muitas descobertas, mas não póde negar a criminosa visita á casa do professor, naquella noite, depois da festa. Obtida a confissão de André, o marido de Mitzi avisa-o de que vae divorciar-se della, dando-o a elle, André, como causa.

Quando o professor está para sahir, entra Colette á sala. Pergunta á amiga, que, segundo o marido, tinha ido para Lausanne, para a casa da mãe, e, ao despedir-se o cavalheiro, diz madame Bertier para o marido:

— André, o meu instincto feminino está a avisar-me de que ha algo de mysterioso no marido de Mitzi. Aposto em como elle a descobriu com algum homem... Sim, deve haver um "amorzinho" de furto em tudo isso... Já sei, André: deve ser o pintor Rodovski!

— Não queira que seja Rodovski... — suspira André, sem poder levantar a vista para a mulher...

E ella, enlaçando-o, affectuosa:

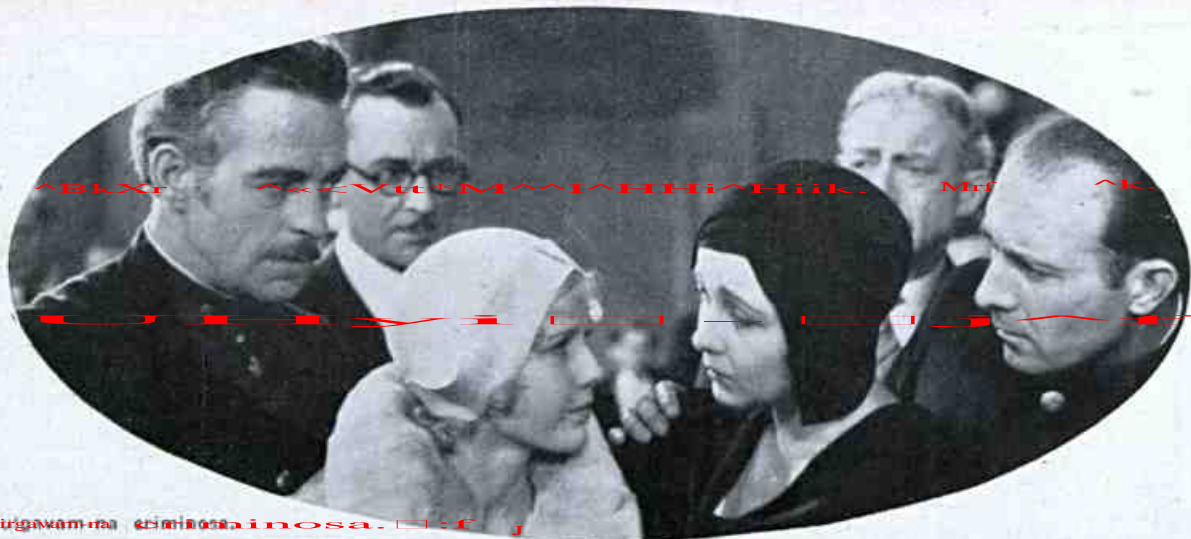
— Si fosses tu, eu nunca te perdoaria, André...

— Que idéa, filha! Tu és a unica, Colette... Só te amo a ti...

— Vê como te portas! Nada de namoros com mlle. Martel!

— Só te amo a ti, querida...

Eva tentando Adão... casado.

Julgavam-na criminosa.

Ameaçando o terrivel facinora.

Mais uma victima da sua vingança.

O DR. KARLOV

(PRODUCÇÃO DA TIFFANY)
Direcção de **George B. Seitz**

Interpretes:

Boris Karlow
Warner Orland
Kilty Conover
June Collyer
Nicholas Petroff
Lloyd Huges
General Petroff
George Fawcett

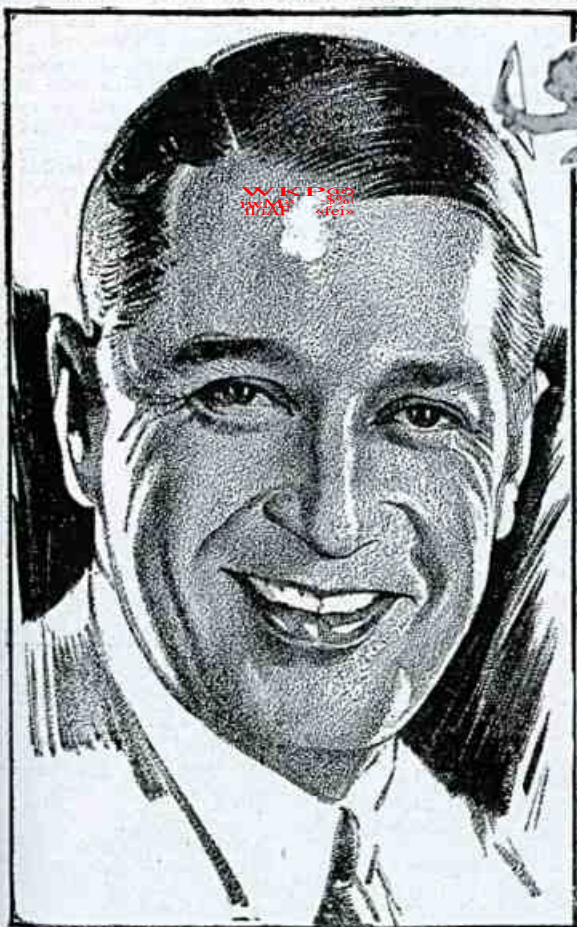
BORIS KARLOV, um chimico, havia jurado vingar-se dos Petroff, causadores da morte de sua filha, victima da maldade de um delles. Tinha em seu poder o famoso collar dos Petroff, conhecido como os Tambores de Jeopardy, um presente que á sua filha fizéra o amante, o principe Gregor, um temperamento fraco, que não soube reparar a sua culpa. A lenda do collar consistia em que, si algum dos

O fim dum homem mau.

tambores fosse retirado e enviado a uma pessôa, esta morreria dentro de vinte e quatro horas. Karlov prometteu devolver os tambores um por um.

Aconteceu que Karlov assassinou o velho general Petroff, quando os tres remanescentes Petroff — o principe Ivan e seus sobrinhos Nicholas e Gregor, partiam para a America, afim de fazer parte do serviço

(Conclue na pag. 53)

A PARAMOUNT apresenta os dois maiores successos de julho:

A melhor comedia musicada do anno !

MAURICE CHEVALIER

em uma super-producção dirigida por

ERNST LUBITSCH

UMA HORA CONTIGO

(One hour with you)

com JEANETTE MacDONALD e GENEVIEVE TOBIN musica de OSCAR STRAUSS

Um film improprio para menores, creanças e senhorinhas Comissão de censura cinematographica

DANSANDO NO ESCURO

(Dancers in the Dark)

com

MIRIAM HOPKINS
WILLIAM COLLIER JR.
JACK OAKIE
EUGENE PALLETTE

MIRIAM conhecia os homens como Helena de Tróia conhecia os seus soldados. As artes masculinas eram-lhe tão familiares como as marcas de champagne. Mas quando veio o Eleito...

O TENENTE DA RAINHA

Producção da HEGEWALD FILM

Com: Ferdinand Hart AGNES ESTERHAZY, IVAN PETROVICH, Lilian Ellis, Mary Kid, Alexander Murski.

Titulo original — DER LEUTENANT IHRER MAJESTAT

Será apresentado pelo "Programma Serrador", no ALHAMBRA — na proxima segunda-feira, 18.

O rei da Slavia, si bem que casado com uma mulher moça e bonita, tinha uma amante — a condessa Xenia, dama de honra da rainha. E com ella se avistava em seu pavilhão de caça, em meio da floresta. Mas quiz o acaso que em uma noite de temporal a rainha, passando por esse pavilhão, quizesse alli se abrigar, testemunhando a infidelidade do esposo. Nessa mesma noite ella se foi abrigar na Hospedaria da Aguia de Ouro, em plena estrada, e encontrou lá uma rapaziada alegre que se divertia bebendo e cantando. Entre os presentes estava o principe Jorge Michalovich, recentemente addido ao serviço da côrte, e a rainha teve o prazer de vêr — sem ser vista — que o principe Jorge fazia calar um cantor que dizia umas copias offensivas aos soberanos e principalmente a ella. Foi por isso que na manhã seguinte, em palacio, ordenou ao chanceller, conde de Bursonov, que tornasse o tenente addido á sua côrte.

O principe era o querido das mulheres.

Nessa mesma manhã succedêra que o principe tivéra occasião de salvar a vida da condessinha Olga, filha do chanceller Bursonow, que fôra arrastada em seu cabriolet, sobre a neve, por um cavallo em panico. E foi sómente uns tres ou quatro dias depois que a rainha veiu a conhecer esse facto e mais que Olga, sua dama de honra, estava apaixonada pelo seu salvador. Ora, havia tambem tres ou quatro dias que a rainha e o «seu» tenente se entendiam ás mil maravilhas...

E que sua magestade amava o joven tenente já não era segredo, pelo menos para a condessa Xenia, tambem sua dama de honra, que se deu pressa de levar o caso ao conhecimento de seu real amante. Mais ainda, vendo uma Mais ainda: vendo uma trava na alcova da rainha, depressa deu sciencia ao monarcha, que se apresentou em palacio, fóra de horas... Mas a rainha fôra prevenida pelos toques de clarim, e depressa o seu amante se passou para a alcova vizinha, que era a da condessinha Olga, de modo que, quando saia dos apartamentos da sua esposa, do corredor elle viu que o joven tenente deixava a alcova da dama de honra da rainha.

No dia seguinte, sempre com o espirito envenenado pela sua amante, o rei, na duvida, faz vir á sua presença o principe Jorge e o intima a casar-se com a filha do chanceller Bursonov. Olga, suppondo-se amada, sentiu-se feliz, e o casamento bem depressa realizou-se. Naquella noite foi o pae della quem lembrou ao tenente que estava de serviço... Elles se comprehendiam, e já estava decidido que dentro de poucos dias se faria o divorcio. Apenas Olga tudo ignorava e, por isso, naquella mesma tarde, indo aos apartamentos da soberana, tudo veiu a descobrir, com a presença dos dois amantes. Mas o rei tambem vinha, pelo que, escondendo toda a sua magua, foi ella quem avisou os adulteros, e ficou ao lado do seu esposo!

O principe Jorge comprehendeu todo aquelle sacrificio e tambem comprehendeu que começava a amar aquella que fizéra sua esposa. Então se resolveu escrever algumas linhas á sua amante, e essa carta foi entregue á rainha na presença do rei e de Olga, e como o soberano exigisse a carta, a rainha a entregou a Olga, dizendo ser para ella. E Olga leu a confissão de seu proprio marido de que só a ella elle amava. Atirando a carta ao fogo, deixou-a ficar consumida pelas chammas o final, com a jura de amor de um esposo amante — e foi esse final que conveceu o rei da injustiça com que elle tratava a sua real esposa — E o principe Jorge Michalovich foi promovido e nomeado governador de uma das provincias do seu reino...

A rainha surgira de surpresa no pavilhão.

Programma Serrador CRC
IVAN PETROVICH
em
O TENENTE DA RAINHA
com Agnes Estherhazy
Um romance de amor, que é uma historia cheia de emoções mas tambem de alegria, musica e beijos
Depois de amanhã 18
no ODEON

Miguel Callander — VANTAGENS E DISCREPANCIAS DA NOVA ORTOGRAFIA — Recife — 1932

PARTIDARIO da orthographia simplificada, o sr. Callander escreveu um interessante trabalho, resumindo observações colhidas dentro das nossas fronteiras, pois, em certos Estados do Brasil, nós sabemos que algumas palavras variam quanto á pronuncia, e outras quanto ao sentido.

Muito singela a exposição do autor, e, por isso mesmo, digna de attenção. Todos sentem a necessidade de simplificar a maneira de escrever, mas vae sendo difficil vencer a resistencia dos nucleos conservadores.

A imprensa offerece o maior entrave para o desenvolvimento da idéa da simplificação orthographica, porque ainda não quiz estabelecer nórmas de uma acção conjuncta e unifórme no caso.

LES CARNETS DE GALLIENI

Publiés par son fils Gaetan Gallieni. — Notes de P. B. Gheusi.

L'OURCQ — LA MARNE — LA VICTOIRE. — ENFIN LA VERITÉ!...

Albin Michel
8 Rue Huyghens
PARIS

1 vol. sur beau papier .... 15 Fcs.

Nem o lado economico que resulta da simplificação, reduzindo o custo da composição typographica, conseguiu impressionar a direcção dos jornaes.

Si acaso escrevemos *filosofia*, o revisor julga-se com o direito de corrigir a palavra, que sempre teve honras do *p* e do *h*... Resulta de todo o esforço dos partidarios da simplificação, o que? A confusão actual da lingua.

A Academia de Sciencias de Lisbôa entende dictar regras para que o Brasil escreva em desaccôrdo com o meio ambiente, esquecida de que com quatro seculos de vida, e um de independencia..., temos o direito de andar pelas nossas proprias pernas. Entretanto, nem ao menos aprendemos ainda a escrever o nosso proprio nome, para acabar com a pergunta: Brasil com *s* ou *z*?! Irritante, apenas. Ninguem mais se entende, nem ha esperança de um remédio para a cura do mal. Mas, o esforço isolado dos estudiosos deve ser estimulado para que se não perca. No trabalho do sr. Callander existe muita observação util. O assumpto exige meditação e solução pratica, que está tardando.

Edgar Wallace — O INTRIGANTE — Comp. Editora Nacional — São Paulo — 1932 — 5$

THE MIXER, um dos volumes mais interessantes do famoso novellista inglez, traduzido para a nossa lingua, apparece na collecção *Para Todos*. Apresentação material irreprehensivel.

Sertorio de Castro — A REPUBLICA QUE A REVOLUÇÃO DESTRUIO — Rio — 1932 — 15$

O autor do livro é um espirito combativo, que no jornalismo sempre se distinguiu como chronista politico. A sua penna agil, brilhante, está affeita ao malabarismo das idéas, ao jogo dos argumentos, fascinando a attenção do leitor. Não podemos garantir a exactidão dos varios episodios politicos que o autor revive nas seiscentas paginas do volume. Si alguns factos narrados afastaram-se da verdade, cabe aos politicos que conhecem *historia antiga* contestál-os. A d e m a i s, as paixões politicas estão ainda mal accesas, e não admira que a literatura da revolução se resinta do mal, pondo-se de accôrdo com o ponto de vista das varias correntes em luta. O que mais nos interessa, propriamente, é o aspecto literario do trabalho, e este nos satisfez plenamente.

E' uma obra de folego, obra de jornalista vigoroso, de observação aguda.

EDMOND JALOUX

DU RÊVE A LA RÉALITÉ

Estudos do maior critico francez sobre os romancistas allemães: Goethe, Jean Paul Richter, Hoffmann, Thomas e Henri Mann, Stefan Zweig, Jung, etc.

Editions R. A. Correa
8 Rue Sarasate
PARIS

15 Fcs.

Edgar Wallace — O REI DA NOITE — Comp. Editora Nacional — São Paulo — 1932 — 5$

SÃO 350 paginas que prendem a attenção do leitor amante do genero explorado pelo grande novellista recentemente fallecido. O volume pertence á collecção *Para Todos*, bastante conhecida e apreciada pelo publico.

Edgar Wallace — O ABBADE NEGRO — Liv. Globo — Porto Alegre — 1932 — 5$

A historia complicada e tenebrosa de uma herança de familia, que se achava escondida por um personagem mysterioso, forneceu motivo para Wallace produzir excellente livro. O volume pertence á *Collecção Amarella*, da apreciada editora gaúcha.

A. Conan Doyle — O VENENO COSMICO — Comp. Editora Nacional — São Paulo — 1932 — 5$

A collecção *Para Todos* tem mais um volume de Conan Doyle, traduzido por Mello Rangel, que seguiu de perto o original *The poison belt*. Trata-se de um trabalho movimentado, curioso, admiravel nos menores detalhes.

Mario [signature]

RAUL LELLIS ESCREVEU

J. NERY ILLUSTROU

POR que has de descrer da vida?

Por que has de manter sempre esse pessimismo que diz tão mal com a tua alma, que é tão improprio de ti?

Só porque os homens foram máos comtigo? Só porque não viste até agora realizado algum sonho grande que tens guardado no mais secreto do teu peito?

Tu te julgas infeliz por muito pouco!

A vida te offerece tanta coisa de bello e de novo, o mundo expõe aos teus olhos tantas maravilhas raras e tu, desprezando tudo isso, vives á espera de duas ou tres gottas de uma felicidade pobre e passageira! As compensações materiaes, criança, foram feitas para os pobres de espirito. O prazer que se vê e que foge depressa foi feito para esses que, tendo cegos os olhos da alma, precisam encher com futilidades grosseiras os olhos do corpo. Tu, que tens espirito, precisas olhar mais alto e mais longe.

Para que andaria o sol a fazer esbanjamento de ouro pelo firmamento, si não fosse para innundar com a luz da alegria a alma dos poucos que o podem sentir e admirar? Para que a aurora se dissolveria em cambiantes luminosas, si não fosse para deleitar os que sabem vel-a, com uma variação de tintas que palheta alguma jamais copiou? Para que o crepusculo se faria tão melancolico e tão silencioso, si não fosse para dar aos que pódem sentil-o a felicidade de um recolhimento que é ainda maior e mais evocativo do que o recolhimento augusto das ermidas e das cathedraes?

E para que haveria tanta orgia de colorido nas flôres, tanta harmonia nova no gorgeio dos passaros, tanta caricia no ciciar do vento, tanta imponencia até mesmo nas tempestades, si não fosse para o encantamento dos poucos que sabem e podem sentir com a alma as expressões do mundo e das coisas?

Tu, que tens espirito para ver tudo isso, não pódes e não deves, acompanhando o passo da turba anonyma, fechar os olhos a tantas maravilhas.

Que te falta, depois disso?

Falta-te a felicidade com que sonhas? Espera, sem descrer. Emquanto esperas que ella se materialize, procura edifical-a, como a queres, no teu espirito. Aperfeiçoa-lhe as fórmas, faze-lhe mais finas as feições, dá-lhe côres e movimento. A' noite, quando te sentires só, distrae-te com ella; quando o mundo te espezinhar, chama-a em teu auxilio; quando estiveres triste, pede-lhe que te console, que te acaricie; quando sentires que fraquejas, pede-lhe que te ampare. Faze della, dessa imagem, a tua amiga, a tua confidente, a tua unica preoccupação na vida...

E quando estiveres identificada, irmanada, com a imagem da felicidade que houveres traçado em teu espirito, has de desejar ardentemente que ella nunca se materialize, porque, criança, a felicidade material cansa, se dilúe, se esfuma, ao passo que a felicidade interior é eterna, vive emquanto vive o espirito. Tu precisas saber esperar, precisas ter fé!

Eu espero, como tu, a felicidade, e não desanimei ainda. Vezes sem conta tenho ouvido que ella passa á minha porta, tenho ficado louco de alegria julgando que chegou o momento de sentir a minha fronte cingida pelos seus braços, mas não desanimo nem desespero quando a vejo que se afasta sem ao menos me olhar. Espero sempre, e continuarei esperando até o fim... Aprendi a esperar com os homens rudes do sertão da minha terra. Quando chega a época da secca, o sertanejo sabe que a agua vae faltar, sabe que a terra se vae tornar dura e má, sabe que as plantações morrerão e que o sol se tornará um verdugo despejando fogo sobre o solo, mas fica esperando a chuva. Tempos depois, quando o gado se abate, sedento e famelico á beira das cacimbas sêccas; quando a caatinga não é mais do que um campo cinzento onde os estrepes parecem restos de madeira queimada; quando o proprio homem não é senão um farrapo de vida lutando contra elementos que parecem conjugados para exterminal-o, ainda o sertanejo espera a chuva... E esperará sempre, heroicamente agarrado ao seu pouso e á sua terra, até que a agua caia do céo ou que a sêcca lhe roube a vida. Elle jamais desespera, jamais desanima e jamais deixa de sorrir, ainda que o seu sorriso seja triste, porque o pessimismo que mata não encontra abrigo em sua alma. Foi com essa gente que eu aprendi a esperar e tu deves aprender a esperar assim tambem.

Fecha o teu coração, tão moço, ao desalento e á descrença; abre os olhos para a belleza da vida; pensa que tens a ventura de possuir uma alma capaz de sentir o que os outros nem vêem, e espera...

E um dia — cêdo ou tarde, não importa, porque nunca é tarde para ser feliz — has de sentir que cae sobre a tua cabeça, alagando-te por completo, a chuva benefica da felicidade que não passa...

OS VAMPIROS — Com o nome de "vampiro" certos povos supersticiosos e credulos, especialmente na Illiria, Polonia, Hungria e Turquia, designam um morto que sahe do seu tumulo durante a noite, para sugar o sangue das pessoas adormecidas por meio de uma sucção no peito.

Isto, porem não passa de mera fantasia.

O verdadeiro vampiro é o pequeno mamifero que tão bem conhecemos: o nosso morcego.

*

OS ELEMENTOS CHIMICOS DO CORPO HUMANO — Alem dos quatro elementos principaes, ha muito conhecidos — carbono, hydrogenio, oxygenio e azoto — encontram-se no corpo humano apreciaveis de phosphoro e enxofre, não menos indispensaveis para o equilibrio vital.

A analyse chimica põe tambem em evidencia, em combinações mais ou menos estaveis e complexas, chloro, bromo,

iodo, sodio, potassio, calcio, ferro e magnesio.

*

PORQUE SE CHAMAM "NAZI" OS PARTIDARIOS DE HITLER? — A palavra que designa os partidarios de Hitler é, realmente, "national-sozialisten". Como, porem, ficava muito comprida, mesmo para os proprios allemães, abreviaram-na. Tomou-se a primeira syllaba de "national", "na", e a segunda de "sozialisten", "zi", formando-se, então, "nazi". Não foi aproveitada a syllaba "so" porque dava logar a um equivoco.

*

EDIFICIOS COLORIDOS — Um architecto norueguez, mr. Horn, teve uma idéa original: a de pintar com cores vivas, vermelho, verde, amarello, azul, etc., as fachadas das casas. Horn assegura que, assim, as ruas se tornam mais alegres e os transeuntes se sentem mais optimistas.

*

OS GRANDES LAGOS — A Europa possue o maior lago: o mar Caspio, que occupa uma superficie de 396 mil kilometros quadrados, e que os geographos consideram como lago.

Na Africa está o Victoria Nyanza (83 mil kilometros quadrados); na Asia, o Mar de Aral (67 mil k2.).

Mas a America do Norte occupa o primeiro logar pelo numero de seus grandes lagos: o Superior, o Huron, o Michigan, o dos Escravos, o Erie, o Winipeg, o Ontario, etc.

O DR. KARLOV

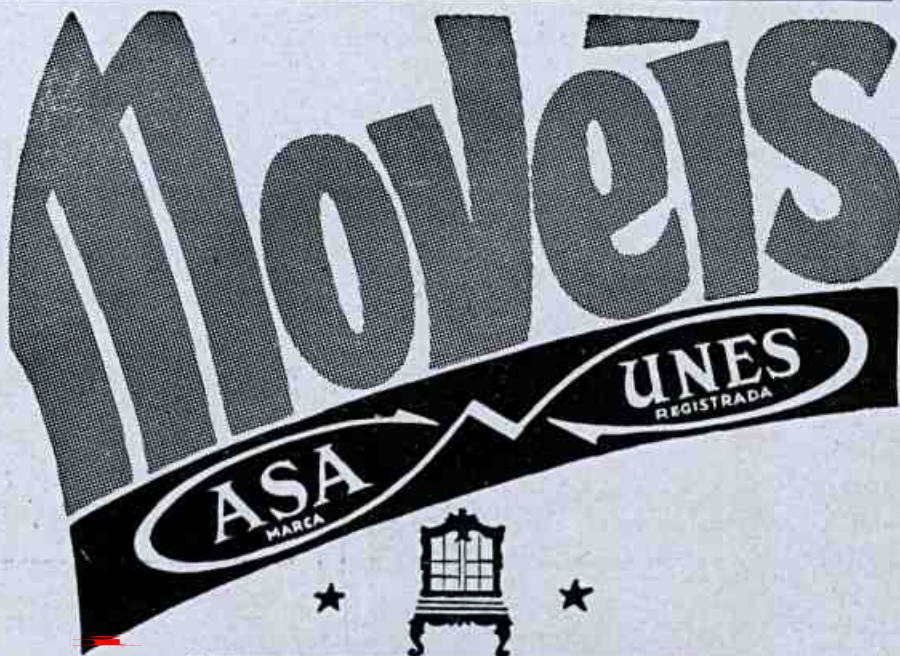
(Conclusão)

secretos sob a chefia de seu amigo Martin Kent.

De Karlov, entretanto, não conseguem escapar tão facilmente. Um dos tambores é mysteriosamente enviado a Ivan uma noite antes do vapor atracar. Numa tentativa de fugirem a Karlov, caem na armadilha preparada pelo chimico maniaco e Ivan é assassinado. Gregor e Nicholas conseguem fugir, alcançando o rapaz o apartamento de Kent. Nicholas vae cahir no estúdio de Kitty Conover, uma estudante da Escola de Bellas Artes. O rapaz convence a moça de que não é ladrão e ella permitte-lhe telephonar a Kent. Abbie, a tia de Kitty, detém os dois primeiros homens que encontra na rua e pede-lhes que vão em busca de um medico afim de soccorrer um ferido. São espiões de Karlov... E o medico maniaco é levado para junto do seu indefeso inimigo. Está para matar Nicholas, quando entra Kent; lembra aos dois rapazes que elles se devem esconder e Kitty suggere, então, a velha casa de campo da tia Abbie, em Jersey. Mas, não ha logar onde elles estejam seguros da senha vingativa do máo dr. Karlov, e Kent verifica isso, depois de receber uma mensagem em codigo dizendo que Karlov está á morte e que elle deverá ir identificar o cadaver. Kent vê logo que se trata de uma armadilha do maniaco, mas põe-se em campo deliberadamente, pois assim poderá despejar a carga do seu revolver no corpo do homem satanico... Karlov usa um collete de aço... Os tiros são dados e Kent se torna seu prisioneiro.

Na casa de tia Abbie, o detective deixado em guarda é assassinado e Gregor recebe o terceiro tambor e é capturado. Promette dizer a Karlov quem infelicitou sua filha, si Karlov o deixar livre. Posto que seja elle o culpado verdadeiro da desgraça da filha de Karlov, Gregor aponta o seu irmão Nicholas como o responsavel... Mas isto não o salva; ao contrario, provoca de Karlov palavras causticantes sobre a traição entre irmãos. Karlov está á procura de ratos afim de proceder a uma experiencia do gaz que elle acaba de descobrir para a eliminação completa de todos os Petroff! Nicholas recebe o seu tambor. Fechado numa carta o tambor é arremessado na ponta de um punhal, que vem cravar-se na parede, passando por sobre a cabeça de Kitty. Nicholas está apaixonado pela moça. Ambos são capturados e levados para o moinho onde já se encontra a tia Abbie, que não cessa de protestar contra a sua prisão.

Karlov entrega a Nicholas uma faca afiada, dizendo-lhe que elle, Nicholas, deverá matar Kitty, si não a quizer ver nas mãos de seus criminosos companheiros. A moça implora ao rapaz que a mate, que será melhor que deixal-a sozinha. Nicholas tem de agir emquanto durar acesa uma véla pendurada por um barbante. A véla queima dos dois lados. Uma esperança vem suavizar o soffrimento daquellas duas creaturas: — ha um caminho para a fuga. Com a faca, Nicholas cava uma pedra do muro que parece solta. A pedra cae. Um forte jorro d'agua, jorro interminavel, impetuoso, enche a prisão que está localizada abaixo do lago. E' obra do genio malefico de Karlov. O maniaco vangloria-se do seu exito. Ouvem-se rumores de tiros.

Nicholas e Kitty são postos em liberdade, mas Karlov tem ainda uma carta para jogar. Approximando-se de Nicholas, diz que elles irão fazer companhia a Gregor. Ergue o braço para atirar um frasco contendo o mortifero gaz, mas a tia Abbie o detém com o seu guarda-chuva. O medico, com aquelle golpe, vae cahir na prisão agora cheia d'agua, onde morre.

O MYSTERIO DA MEIA LUA VERMELHA

De PAUL BRETHIGNIER

HAVIA tres dias, o celebre detective parisiense Pedro Gassier, gozando de uma bem merecida licença, se installára no King's Hotel, perto de Trafalgar Square, em Londres.

Uma manhã, quando ainda se encontrava espreguiçando-se na cama, o criado lhe apresentou uma carta em uma bandeja.

Gassier rompeu o envelloppe, tirou um cartão e leu:

"John Lithwaithe supplica a seu collega Gassier que vá vêl-o, logo que lhe seja possivel, em seu escriptorio de Scotland Yard. Trata-se de um caso urgente."

O detective ficou muito espantado ao receber aquella mensagem, porque, para desfructar tranquillamente ferias, figurára na lista de passageiros com nome supposto. Não podendo desattender ao pedido de seu collega inglez, a quem professava grande admiração, Gassier saltou do leito e meia hora depois se apresentava no logar do encontro.

— Perdôe-me, meu caro collega — disse Lithwaith — o não ter respeitado seu incógnito, mas tenho necessidade de suas luzes.

— Em que lhe posso ser util? — perguntou Gassier.

— Poucas palavras bastairam para pôl-o ao corrente do assumpto — respondeu o detective inglez. — Nestes quinze dias occorreram quatro roubos seguidos de assassinio. E cada vez encontrámos, no logar do crime, dois copos de crystal nos quaes estava pintada, com o sangue da victima, uma meia lua vermelha. Conservámos occulto esse detalhe, e na ultima semana se effectuou a prisão de um italiano que, ouça bem, foi visto sahindo da casa do crime e que se declara autor do assassinio de seu compatriota, commerciante forte em Milão.

— E que ha de extraordinario nisso? — perguntou Gassier.

— Isto: hontem foi descoberto outro crime commettido exactamente como os anteriores.

— Não ha impressões digitaes?

— Sempre as mesmas: as da victima e as do assassino. E o mais estranho é que não correspondeu á do italiano que se declara culpado.

— Evidentemente, o caso é singular — disse o detective francez, — e á primeira vista é bem difficil formular uma hypothese.

Nesse momento, um ruido apagado annunciou ao detective inglez que alguem desejava falar-lhe.

— Com licença — disse, apertando o botão de chamada.

Appareceu immediatamente um homem que retrocedeu vendo o policia francez.

— Póde falar — disse Lithwaith; — o cavalheiro é um amigo de confiança.

— No numero 14 da rua Southampton — explicou o agente de investigações — acaba de ser descoberto um novo crime, que apresenta todas as caracteristicas dos precedentes. Foram encontrados no local os copos com a meia lua vermelha.

NA DELEGACIA — Outra vez por aqui, hein? Eu bem lhe havia dito que não desejaria revêl-o!
— Fui exactamente isso que eu disse aos soldados, "seu" commissario, mas elles não ligaram importancia...

Mal o policia havia acabado de falar, Lithwaith poz o chapéo e, voltando-se para seu collega francez, disse:

— Você vem commigo, amigo Gassier? Talvez encontremos o fio conductor do enygma que procuramos.

— Com muito prazer — respondeu Gassier. — E agradeço a honra que me dá.

Em um automovel, os dois detectives e o agente chegaram á casa do crime, deante da qual se achava agglomerada uma grande multidão.

A victima, deitada em seu leito, estava coberta com os lençóes até o pescoço e parecia adormecida.

Pedro Gassier examinou, com uma olhadela, toda a peça, e depois se aproximou da cama, que examinou tambem, longamente. Não vendo nada suspeita, afastou os lençóes.

O morto tinha no coração a mesma ferida de arma branca dos outros assassinados.

— Conclui minha investigação — disse Gassier a seu collega, e quasi me declaro vencido.

— Não encontrou nada?

— Nada, e julgo-me derrotado. Sabe-se si a victima fizéra uma recente viagem a Constantinopla?

— E' muito facil sabêl-o — respondeu um dos pesquisas. — Aqui estão os dados sobre a victima.

— De facto, esteve em Constantinopla, mas ha quinze annos. Depois não sahiu mais de Londres.

— Bravos! — exclamou, alegremente, Gassier. — Já encontrei a pista.

Lithwaith não voltava de seu assombro, abrindo uns olhos enormes.

— Quer que regressemos a seu escriptorio? — disse o detective francez. — Ali estarei mais á vontade para desenvolver minha these, porque, embora esteja na pista do assassino, ainda não o tenho em meu poder.

— Vamos aonde você queira.

Os dois policiaes deixaram apressadamente a casa do crime e em breve se encontravam no escriptorio de John.

— A serie de assassinios e a persistencia da meia lua — começou dizendo Gassier, — me induz a crer que existe uma associação estabelecida em um paiz mussulmano que faz executar suas victimas por algum motivo que desconheço ainda, mas que procurarei nos archivos. No aposento onde se deu o crime encontrei isto.

E mostrou um ferrete que tinha a marca "Hadji Stambul" e era novo.

— Não comprehendo a relação entre uma coisa e outra — disse Lithwaith.

— O assassino — tornou Gassier, — usa cordões de sapatos comprados em Constantinopla, ou Stambul. A victima residia nessa cidade ha quinze annos, mas os ferretes que traz nas botinas das botinas são inglezes. Si eu chegar a saber que as outras victimas tambem moraram em Constantinopla, deduzirei que pertenciam a uma sociedade secreta que é encarregada de assassinal-os.

— E, nessa hypothese, que papel representa o detido? — perguntou Lithwaith.

— Não adivinho seu papel. Dê-me os relatorios dos outros crimes.

As previsões do policia francez se realizaram. As cinco victimas tinha residido em Constantinopla e se achavam em Londres havia varios annos.

— Ora! — exclamou Gassier. — Você é um pouco responsavel pela morte desses infelizes.

— Eu?! — protestou Lithwaith.

— Si no primeiro crime houvesse publicado a caracteristica da Meia Lua Vermelha, os desgraçados teriam ficado de sobreaviso. Mande publicar nos jornaes da tarde esse detalhe, e o diabo me leve si não se obtém um resultado magnifico.

O detective inglez seguiu o conselho de seu collega francez, e á noite toda Londres se informou do mysterio da Meia Lua Vermelha.

No dia seguinte, Lithwaith tomava uma taça de café com Gassier, quando um homem de cerca de cincoenta annos declarou que queria falar com urgencia com o detective inglez.

Conduzido á presença deste, disse o desconhecido:

— Senhor, o crime praticado hontem, e de que se occupam tão detalhadamente os jornaes, me transtornou. Devo dizer-lhe que, ao chegar a Constantinopla, ha vinte e cinco annos, me filiei á sociedade da Meia Lua Vermelha, que proporciona capital e apoio a todos os seus membros. Quando estes triumpharam, devem devolver á sociedade o emprestimo. Si, depois de tres avisos, a pessôa em causa não responder, é condemnada á morte. Eu recebi a terceira intimação ha cinco annos e já a tinha esquecido inteiramente, quando o crime de hontem me veiu recordar, tanto mais quanto outro associado devia jantar commigo esta noite.

— Vamos? — perguntou simplesmente Lithwaith.

— Vamos.

— E que representa este quadro?
— Si alguém m'o comprar, representa almoço e jantar garantidos por um mez...

Combinaram encontrar-se ambos em casa do commerciante um pouco antes que este fechasse o estabelecimento, e quando se apresentou o associado, se atiraram sobre elle, algemando-o.

Revistado, foi encontrado em seu poder um estilete. Tambem faltava o ferrete em cordão de seus sapatos, e, no outro, lia-se: "Hadji Stambul."

Suas impressões digitaes coincidiram exactamente com as dos copos. Confundido, teve que confessar seus crimes.

— E o italiano?... Que papel representa nisto? — indagou Gassier.

— Que italiano? — perguntou o assassino.

— Seu cumplice de Blackboart Street — disse Lithwaith. — Confessou-se culpado.

— Confessou-se culpado?!... — exclamou o criminoso. — Pobre pae!... Senhores, esse homem é meu pae. Estava ao corrente de meus projectos e procurou, por todos os meios, dissuadir-me delles. Quando commetti o crime de Blackboard Street, elle se encontrava já na casa da victima. Julgou que sua presença impediria o assassinio, mas como tal não se deu, fugiu desesperado. Elle é innocente e se accusou para salvar-me.

A VICTORIA DO PHANTASMA

(Cont. do numero anterior)

Meu amigo me precedia a passos cautelosos, em pontas de pés, mas, por mais cuidado que tivesse em pisar de leve, não atinava com a maneira de eliminar um impertinente ranger de uns sapatos novos.

O publico exteriorizou seu desagrado, a principio, por uma serie de assobios, que poderiamos chamar de "cultos". Saldias ficou irritado com a manifestação de desagrado e procurou, então, augmentar o rangido dos sapatos, fazendo cada vez mais sonora a musica que se desprendia dos seus ornamentos inferiores. Atormentado com a crescente assuada que já assoberbava o theatro, tropeçou na bengala, deu para traz o que eu não hesitei de classificar como um coice — perdeu o equilibrio, e, muito a seu pesar, despencou-se, com a sua agigantada estatura, por cima de um pacifico espectador, que dormia a somno solto... Por um instincto de conservação, agarrou-se, ainda por cima ao pescoço do coitado, de tal maneira, que, apertando-o, com força, foi bater-lhe com a cabeça na poltrona da frente.

A infeliz victima cria chegada a sua ultima hora.

— Perdão, supplicou meu amigo, attribulado.

Mas a passiva victima, sem quasi perceber porque soffria assim, limitou-se a protestar com voz sumida:

— Caramba! Pensei que ia estrangular-me!

Uma senhorita mordia o lencinho bordado para conter o riso, o que não conseguia. Outro tanto acontecia ao "groom", que, nervoso, não podia conter a hilariante senhorita.

Mas a platéa estava assustadoramente nervosa, e mimoseava-nos com vaias, imitava vozes de animaes, e dirigia-se ao meu pobre amigo da maneira porque, no campo, costumam os "cow-boys" chamar a nobre raça cavallar. Meu amigo, por entre dentes, resmungava:

— Eu bem dizia! Este theatro tem "macaca" para mim...

O resultado foi que, em vez de irmos procurar as nossas poltronas, pagas a bom preço ao cambista de minha predilecção, retrocedemos, corridos de vergonha e fomos procurar assento nas ultimas filas. E com visivel esforço de actores e espectadores, poude ser restabelecida a ordem.

Sentámo-nos, alfim, nas mais recatadas cadeiras que conseguimos encontrar, e, apenas aboletados, relanceando os olhos em torno, divisei num camarote uma mulher tão bella, como jamais os meus olhos haviam visto. Eu cria-me presa de uma allucinação — a penumbra, talvez, que envolvia a sala — motivo por que me quedei, extactivo, alheio á representação, a Saldias e aos epitetos com que nos haviam brindado. No primeiro intervallo, vi que a penumbra não me havia enganado: era mais bella ainda em plena claridade, offerecendo aos olhares criticos um rosto perfeito e sem artificios de especie alguma. Vestida com seriedade de menina do Sion, pela indumentaria dir-se-ia que renunciava a tudo; pela belleza, seria mais que uma rainha. E bem o parecia...

Acompanhavam-na tres pessôas: uma senhora de cincoenta annos, um cavalheiro de sessenta e uma senhorita de dezoito, feiarrona, e que, por sêl-o, contrastava com a minha formosa rainha, tão engalanada e pintada estava...

Seriam irmãs? Não. Faltava-lhes o ar burguez...

Os dois velhos e a garota — a feia — tinham algo de commum. Talvez um casal com a filha... Porem, a mulher bella?

Cesar Saldias ainda não a havia visto. Com as orelhas ainda quentes e as faces rosadas, ainda não ousára tirar os olhos do solo. E eu — que estupido fui! — para amenizar-lhe a agrura da solidão, chamei-lhe a attenção para a minha princeza. Foi — sei-o agora — a sua sentença de morte. Ficou tão impressionado, tão alheio ao mundo, que não lhe tirou mais os olhos de cima.

Concluido o espectaculo, esperamol-a no saguão para vêl-a passar. E que corpo, que donaire! Virgem Santa! Saldias tremia, e, não podendo conter-se, disse-lhe um galanteio á meia voz. Ella — que sorte eu tinha! — baixou os olhos com um leve rubor na face mimosa, e sahiu sem ver quem lhe dirigira o madrigal. Cesar Saldias, enthusiasmado, dispoz-se a seguil-a e obrigou-me tambem a acompanhál-a: e foi assim que, depois de ter caminhado uns tres quarteirões, a vimos metter-se com seus companheiros em uma casa baixa, de estylo senhorial.

E durante seis longos mezes o meu amigo não conseguiu mais que vêl-a todas as tardes — sem tocál-a — e sem poder vangloriar-se de ter sido, pelo menos, alvo de um só dos dulcissimos olhares da feiticeira...

E um dia veiu procurar-me mais cedo do que de costume. Entrou em meu appartamento, radiante de alegria, e, pulando como uma criança, atirou-se em cima da minha cama, suffocando-me com seus abraços. Tive a impressão de que haviamos — eu e elle — chegado ao fim do nosso calvario.

— O mysterio começa a desvelar-se, disse-me, emfim.

E accrescentou:

— Estive falando com a porteira e consegui averiguar alguma cousa: chama-se Eloise... Viuva ha dois annos... Vive com uma familia de sua antiga amizade — as pessôas que estavam com ella no dia em que "eu a conheci". Fóra daquellas pessôas, não admitte mais ninguem; vive em completo recolhimento, nem vae a parte alguma, sinão quando sahe com a "familia", isto porque tem medo de ficar só em casa. Está tudo "all right"...

E continuava a saltar...

Mas as horas, que Chronos devorava com lentidão, transformavam-se em dias, os dias em semanas, as semanas em mezes, e Cesar Saldias não adeantava uma pedra no edificio da sua "Viuva". A sua conquista resumia-se unicamente em ir e vir, e postar-se horas inteiras na calçada fronteira, como um cão de caça, attento ao levante da perdiz. E sobre tudo isso, interminaveis colloquios com a porteira da casa, que, a par das gorgetas que recebia, o punha ao par dos acontecimentos e antecedentes, reaes e os que ella propria inventava para alimentar a bôa vontade da cornucopia de graças...

De Lauro Mendes

Já começava o meu malfadado amigo a impacientar-se, quando um incidente de rua, corriqueiro e banal, veiu favorecer o seu vehemente desejo.

Estava uma tarde — como de costume — postado na esquina de onde vigiava portas, janellas e demais interstícios por onde pudesse divisar o cobiçado thesouro, quando viu sahir da casa o senhor cincoentão e a menina de "dezoito". Não haviam ainda caminhado uns quinze passos, quando cruzaram com dois latagões de olhar brejeiro e attitudes francas. Um delles, ao cruzar com a donzella, teve "o prazer" de dizer-lhe uma irreverencia ao ouvido. Olhou-o o velho, furibundo, erguendo ao mesmo tempo a mão para castigál-o. O cynico, longe de amedrontar-se, dispoz-se a defender-se, motivo pelo qual Cesar Saldias cahiu, como um raio, sobre o malcriado, a soccos e pontapés. E quasi o vencia de furia.... si o outro companheiro não houvesse entrado em acção, e os dois deixaram o meu pobre amigo sangrando pela bocca e pelo nariz e com o paletot desgraciosamente desguarnecido de uma manga.

Houve, como é natural, o ajuntamento, e os mandriões, receiosos das consequencias, safaram-se a tempo.

— Venha. Venha. Vamos até em casa refrescar o rosto e concertar o casaco, disse o senhor cincoentão, cheio de piedade.

Ao ouvir o convite, o meu amigo bemdisse o accidente, chegando até a parecer-lhe providencial, si não fossem os tremendos soccos que apanhára.

— Si visses com que carinho me attendia! — contava elle, com infantil alegria — Como os velhos e a criada estivessem attentos com a menina de "dezoito", a quem não podiam consolar por não ter ouvido "o resto" dos galanteios, ella, sabes?, ella mesma me conduziu ao seu toucador; ella, com suas proprias mãos, meu Deus!, refrescou-me o rosto e cozeu-me o casaco.

E continuava a saltar, a gritar, beijando com uncção o remendo do casaco, e jurando-me que, mesmo que viesse a cahir aos pedaços, não o haveria de substituir por outro!

E o apaixonado começou a frequentar a casa assiduamente, com grande "agrado" da familia, pois, de seu gesto cavalheiresco daquella tarde, na convivencia diaria ia pondo em destaque suas qualidades ou o endosso — nada vulgares na mocidade de hoje.

As tragedias, mesmo as do theatro, não são continuas. Separam-nas os intervallos. E como Eloise — agora tornada Heloise — o tratasse com deferencia, e mesmo com um certo affecto, atreveu-se um dia a fazer-lhe uma declaração de amor.

E recebeu uma redonda negativa...

Desesperado, veiu confiar-me o seu fracasso.

— Que irá ser de mim? — dizia, como si lhe tivesse cahido o mundo sobre a cabeça.

— Por que não pedes o auxilio dos velhos? Consulta-os, e elles te dirão, por certo, o que deves fazer. A julgar pela confiança e pelo carinho que te dispensam, é possivel que applaudam teu proposito, e, assim, talvez cheguem rapidamente aonde tu não poderás chegar — eu o sinto — durante toda a tua vida.

E eu continuava disposto a aconselhar o infeliz, mettendo-o em um labyrintho de considerações, mas elle metteu o chapéo na cabeça e sahiu desabaladamente, deixando-me com a bôcca cheia de palavras e.... a porta aberta.

E não me enganei. A familia tomou a peito o assumpto, e em menos de dois mezes renderam a fortaleza.

— E sabes o "porque" de sua obstinada negativa? — dizia-me elle, quando me veiu dar a noticia. — Hontem fez-me uma confidencia que a justifica, e que, juro-te, me impressionou bastante: casada por amor com um homem que a idolatrava, teve a desgraça de perdêl-o com poucos mezes de casada. Ninguem o esperava, pois era um homem de compleição robusta e apparencia saudavel. Mas cahiu de cama repentinamente e foi-se em tres semanas. Mas presentira a morte. O espirito, trabalhado pelo mal cruel, fez-lhe antever o fim proximo, enchendo-lhe a doença de innefavel amargura, e acabando-se de consumir em protestos e soluços. Mas, á medida que o mal lhe sorvia a existencia, se ia aos poucos conformando com a sorte. E quando sentiu perto o bafo gelido da Parca, transformou a sua rebeldia em estoicismo.

Via quasi cortado o romance de sua apenas prelibada felicidade. Chamou a esposa:

— Acabo-me. A Natureza cruel arranca-me do teu lado, quando mais preciosa me é a vida. Fui o mais feliz e o mais infeliz dos homens. Mas não tenho razão de lamentar-me. Si me houvessem pedido a vida em troca de tua posse, não vacillaria em dar a vida.... Alem disso.... quem sabe o que nos reservaria esta força mysteriosa que hoje nos separa? Mesmo assim, custa-me uma angustia sobrehumana este "adeus" desesperado e forçado que sou obrigado a dar-te. Mas ainda resta-me, na desgraça, uma esperança. Não te afastes de mim até que eu me vá: quero levar a tua imagem, nitida, gravada na alma, e ver-te-ei sempre dentro de mim mesmo...

E, exgottada pela angustia, offereceu-lhe ella a sua vida. Quiz acompanhál-o. Elle recusou o sacrificio. Mas esta ultima prova de carinho inconfundivel ajudou-o a morrer feliz.

— Não. Isso não, meu amor. Muito me custa separar-me, não de ti, pois te levo a meu lado. E acceitar teu sacrificio seria um egoismo feroz, mais feroz que o meu destino.... Eu te esperarei... E, quando puder, virei ver-te...

"O tempo destróe o material, desvanece as recordações e attenua a dôr nas almas"....

Um dia, lutaram a natureza e as recordações. Venceu aquella. Estava enamorada.

Dois annos passou a noiva protelando o casamento, mais por supersticioso escrupulo que por fidelidade ao ausente de sua vida.

Por fim, convenceu-se, com argumentos que não eram sinão o reflexo dos que Cesar Saldias tinha empregado, dia após dia, para vencer sua obstinação.

— Que mal poderá haver em que eu me case? Suas ultimas palavras, ao morrer, foram dictadas pela misera envoltura que lhe veiu da terra e que a terra levou. Falaram os sentidos, emquanto a alma se calou....

Já casados, fui um dia despedir-me delles. Exigencias de minha profissão obrigavam-me a sahir do paiz.

(Continúa na pag. seguinte)

Do Chile escrevi-lhe varias cartas — tres — a que me respondeu com tres hymnos de felicidade. Mas tanta ventura infundiu-me receio.

Ficaram sem resposta as cartas que successivamente fui escrevendo. E como não podia attribuir tão enervante silencio á ingratidão, apoderou-se de mim uma idéa sombria. Não sei por que desdobramento de pensamentos, me veio á mente a morte do antecessor de Saldias, em plena lua de mel... "Era um homem cheio de saude, forte e saudavel"... Sim, tinha algo de fatidico aquella feiticeira...

Depois de um anno de ausencia, voltei a Buenos-Aires. Meu primeiro cuidado foi ir procurar o meu amigo. Haviam mudado ha tempos e nada se sabia sobre o novo paradeiro.

Após infructiferas buscas, já tinha perdido totalmente a esperança de encontral-o, quando uma noite...

Sim, era Cesar, era elle. Custava-me a reconhecel-o; a uns dez passos, frente a mim, olhava-me, rigido, extactivo. Ante a extravagancia de sua attitude, fiquei perplexo. Encontrei-o avelhantado, fraco, pallido, enfermiço. Abri-lhe os braços, ansioso, com lagrimas nos olhos, mas elle olhou-me estupidamente, fez um gesto indescriptivel, voltou-me as costas e desappareceu no meio da turba.

Seria inutil procurar exteriorizar a impressão dolorosa e o emmaranhado de inextricaveis conjecturas em que me deixou mergulhado o logrado encontro que eu esperava com tanta ansiedade. Por mais empenho que tivesse em esquecer, o pensamento, attrahido por força sobrenatural gyrava em torno do enygma que em vão eu procurava desvendar.

Depois de um simulacro de ceia, dormi um pouco, procurando no somno o consolo do terrivel acontecido. Porém, embora o cansaço tivesse rendido o corpo, não poderia, entretanto, abater o pensamento em ebulição. Depois de muitas tentativas, apenas consegui revolver-me nos lençóes, agitado, sem poder conciliar o somno. Os minutos pareciam eternos. O tinido sonoro de um relogio da vizinhança, que antes me adormecia com sua plangencia, naquella interminavel noite foi para mim um insoffrido tormento, pois contou-me as horas, angustiadamente, uma a uma. Duas... tres... quatro... cinco... E não dormia...

A VICTORIA DO PHANTASMA

(Continuação)

Desesperado, saltei do leito, vesti-me e lancei-me á rua.

— A Palermo — disse machinalmente tomando de assalto um carro, cujo cocheiro, mais feliz do que eu, cochilava pesadamente na boléa. A força "motriz" da desmantelada caranguejola que eu tomára constituia a lamentavel recordação do que fôra em tempos um cavallo... Obediente ao chicote o bicho emprehendeu um trote lastimoso e monotono. Tinha a impressão de que iamos atraz de todo o mundo, acompanhando, até mesmo os que iamos a pé. O afan de andar rapido me dominava, e, no emtanto, que pressa tinha eu de chegar "a parte alguma"?

Depois de hora e meia de trote, desci em frente ao Rosedal. Com outra disposição de espirito, a manhã ter-me-ia parecido uma delicia. Mas...

Dispunha-me a gozar, emfim, o ambiente lenitivo da Natureza rebelde porem, pouco depois, pensei ser victima de uma allucinação: sentado em um banco, escondido entre arbustos, sob um docel de rosas, Cesar Saldias lia tranquillamente um livro... Cheguei-me com intenção de falar-lhe, mas vi que não era elle... Nem se parecia... Coisa estranha... Estaria eu servindo de joguete a uma força occulta? Já em outra occasião...: Internei-me no parque e comecei a caminhar ao acaso, e, oh! prodigio: em um logar recondito, solitario, em estado lamentavel, sentado em um coto de arvore emergindo do sólo, dormitava Cesar Saldias. Julgando ser uma allucinação a minha visão, approximei-me, cauteloso. Sim, era elle! Coisa estranha! Minha presença fêl-o despertar. Mirou-me sem assombro e com olhos de illuminado:

— Esperava-te, — disse-me. — Tinha necessidade de ver-te. Passei a noite pensando em ti. A's cinco horas, sentei-me neste tronco e forcei tanto a imaginação, que dormi. Durante o somno continuei chamando-te, e quando, ha um momento, te aproximaste, já eu te tinha visto no somno, e então despertei. Tenho necessidade de ver-te... Devo-te uma explicação sobre a minha attitude do outro dia. Nas poucas occasiões em que me vejo livre do meu inimigo (explicar-te-ei depois), não faço mais do que perguntar-me o que terás pensado de meu gesto de dias atraz. Si o tivesse feito por consciencia, eu nunca me perdoaria. Fil-o sob a influencia de um máu signo que me domina... Emfim... ha vezes em que sinto que eu não sou eu... comprehendes?... Hoje, porém, sinto-me mais senhor de minha vontade. A ti parecerão de um louco as minhas palavras, não é certo? Oxalá o fossem... Os loucos não sabem o que padecem, e eu soffro os tormentos mais espantosos. Sou o desespero feito homem, o supplicio na forma da carne...

— Vamos, acalma-te o que se passa. Não sou eu o teu melhor amigo? Vamos. Talvez possa fazer algo por ti... salvar-te...

— Eu não tenho salvação... Meu mal é de indole maligna, incuravel. Como te disse, esperava que viesses um dia... O outro dia quiz falar-te, mas, no momento em

que ia fazel-o, repentinamente deixei de te conhecer... Pareces-te-me o ser que me atormenta... o outro, sabes? o morto...

— Tolices. Estás passando por isto talvez devido a excesso de trabalho, e, si me escutares, talvez possa tirar-te isto da cabeça...

— Tolices? Ouve-me sem me interromper e depois julgarás. Não creio que jamais haja havido no mundo um ser mais feliz nos primeiros mezes de casado do que eu. Nas minhas cartas para o Chile, onde estavas, não exaggerava. Pelo contrario, com um superticioso receio de que alardear minha felicidade talvez me trouxesse um imprevisto insuccesso, eu era commedido na descripção de minha ventura. Minha ventura! Quanta razão tive em não fazer alarde, em mostrar-me avarento da expansão do que era meu. Aos sete mezes, como si fosse uma recriminação á minha ventura, vieram anuviar os meus melhores momentos as recordações do morto e de suas ultimas palavras. Passada a primeira impressão de desassocego, eu proprio ria-me de minha puerilidade, porem, por mais que eu me esforçasse por ver-me livre do que eu chamava de allucinações, não podia voltar á minha tranquillidade. E quando já estava quasi resignado a entregar ao morto o tributo que exigia pela minha felicidade, viu-o em sonhos uma noite. Tinha delle uma vaga memoria, uma vaga recordação das que nos ficam de um retrato que vemos pela primeira vez, e, por mais que a mente se torturasse para estabelecer uma comparação entre a imagem do sonho e a do retrato, não podia levar a termo a tarefa, porquanto, emquanto uma apparecia nitida, via a outra diffusa e desvanecida. E com o fim de certificar e sahir de uma vez por todas do labyrintho em que me afundava, eu dispuz-me um dia a abrir o album da familia... e fechei-o, espantado!

Era exactamente o morto com que sonhára! A unica differença consistia em que, no sonho, apparecia bisonho, mal humorado, fosco, emquanto que no retrato apparecia sorridente, feliz, irradiando optimismo. Ah! Henrique, nunca mais se afastou de mim: ora mal humorado, fosco, bisonho, ora risonho, sorridente e feliz. Tive, emfim, a visita que já esperava, depois de tantas semanas de sonho completo. Parecia-me que eu estava sempre dormindo. Durante o dia, extenuado pela minha vigilia, com o phantasma ao meu lado, eu fazia toda a sorte de estrepolias, e já me olhavam como a um louco. Até que uma manhã, depois de ter caminhado no quarto, como um louco, de um lado para outro, me afundei na cama, exhausto de cansaço, moral e physico. Mas um ruido estranho despertou-me subitamente. Liguei a luz e nada vi de anormal... Minha mulher dormia tranquilla: serenei-me. Apaguei a luz e dispuz-me a retomar o somno. E já meio adormecido, ouvi passos discretos de quem entrava com cuidado no quarto, e, pouco a pouco, se aproximava da cama. Louco de terror, procurei ligar a luz e não consegui: uma força infernal privou-me do movimento a mão que procurei levantar. E logo a mesma força procurou a todo o transe apoderar-se do meu corpo. E eu debatia-me em vão para livrar-me daquella pressão ferrea que ameaçava liquidar-me em um segundo. Gritei por soccorro com todas as minhas forças, e num esforço desesperado offereci nova resistencia. Fez-se então a força mysteriosa sentir-se com mais vigor... e cahi vencido. Um lethargo de varias horas succedeu-se á luta... e ao despertar, eu... não era mais eu... Senti-me possuido por um ser estranho, que me dominava, e me infundia idéas e attitudes novas.

(*Cont. no proximo numero*)

IDEALIDADE

Eu sonho uma cabana ingenua, onde engrinalde
minha sina
a simplicidade pequenina
de uma canção... de um luar... de uns olhos
[côr de jalde...

Mais nada. Uma canção que desenrole
um perfume de amor pelo rosal...
Uma canção feliz e mole
para sonhar...

Um luar que rindo louco de saudade,
Ponha no bosque um brinquedo infantil
de rumorosa claridade...
para sorrir...

E, sobretudo, uns olhos de ambar loiro,
que me façam contente sem querer...
Uns olhos bons e cheios d'oiro
para viver...

W. B. DE ABREU

INDIGESTÃO

Alina. — Estás melhor?

José Maria. — Por que hei de estál-o? Si parece que tenho no estomago uma pedra!... E' o bôlo de tua tia Angelica...

Alina. — Coitada!... Fez com tão bôa intenção...

José Maria. — Não o nego, mulher, mas creio que, em logar de farinha, poz mármore pulverizado... Eu pesava 78 kilos, não é verdade? Pois agora devo pesar pelo menos 100...

Alina. — Não exageres, homem...

José Maria. — Ou 120!... Ditoso bôlo!... Mas, senhor, por que as parentas hão de fazer tudo para adoecermos nas festas de fim de anno?... Que não nos mandem nada!... Porque a gente, por *espirito de familia*, o come... e ahi estão os resultados!...

Alina. — Não será para tanto.

José Maria. — Como não?... Ha dez dias que estou como si tivesse um cinturão muito apertado e uma tartaruga aqui que não me deixa respirar... E toda vez que vejo um bôlo, que horror! E ainda queres dizer-me que não são symptomas alarmantes.

Alina. — Tambem tu não quizeste tomar sal inglez...

José Maria. — Embora o tome da Liga das Nações, isto não passa. Convence-te, Alina, convence-te... Si não me abrirem o estomago, como a um avestruz, para me tirarem o bolo, não hei de melhorar.

Alina. — Msa, por que o comeste?

— *José Maria* (indignado). E ainda mo perguntas?... Eu não queria provál-o, e tu insististe... Que diria "tia Angelica" si não comessemos o seu bôlo?... Elle não mataria ninguem... Estava como uma manteiga... (Furioso). Manteiga!... E estava mais duro do que pedra!...

Alina. — Bem, homem! Já sabia eu que o final desta historia seria o de sempre: a culpa é minha.

José Maria. — Não. A culpa é minha, por te attender, por te ouvir as idiotices. Tua tia Angelica póde ser uma maravilha fazendo bordados e vestidos... E como isso

---

UMA COISA HORRIVEL...

UMA tarde, estava eu trabalhando em meu appartamento, quando recebi um chamado telephonico de meu amigo doutor Barry Colt. Elle parecia excitado. Sua voz demonstrava grande agitação. Disse-me que queria ver-me immediatamente. Respondi-lhe, naturalmente, que estava livre e que o esperava, pensando em que extraordinario caso da perversidade humana queria elle relatar-me.

Barry era um dos medicos psychiatras de mais éxito em Nova-York. Toda vez que encontrava um caso especialmente interessante entre as pessôas que o procuravam em seu consultorio vinha immediatamente contar-mo, pois conhecia meu interesse na materia.

Por seu lado, Barry dedicava ao estudo da psychologia humana quasi todas as horas de sua vida. Sua profissão o absorvia completamente. Era um homem sympathico, mas anti-social em seus hábitos. Era timido com as mulheres e tratava-as muito pouco fóra do consultorio, onde se conduzia com ellas excepcionalmente frio. Creio que ellas, por sua vez, estavam todas apaixonadas por elle. Mas o amôr, para o doutor Colt, era simplesmente uma dessas basicas emoções primitivas, importantes unicamente em seu aspecto de motivo psychologico. Sua especialidade eram os impulsos, a cujo estudo havia consagrado grande parte de seu tempo. Chegára á convicção de que, uma vez indagados e descobertos os motivos de um impulso dado, um psychólogo intelligente como elle podia predizer infallivelmente o acto que o seguiria.

Barry chegou a meu appartamento poucos instantes depois de seu telephonema.

— Uma coisa horrivel acaba de occorrer-me — disse-me, quando lhe abri a porta. — Queres fazer o favor de dar-me um whisky?

Rapidamente me dirigi á sala de jantar, para satisfazer o seu pedido. Quando voltei com o copo, encontrei-o passeando nervosamente ao longo do aposento, com as mãos cruzadas nas costas e a alta fronte gotejante de suor.

— Pelo amôr de Deus, homem! — disse-lhe eu. — Senta-te e conta-me o que te succedeu.

Meu amigo esvaziou o copo, de um gole, e deixou-se cahir numa cadeira. Por um momento se limitou a olhar o céo cinzento e depois se voltou para mim.

— Estive numa festa, hontem á noite — falou. — Lá, vi uma joven...

— Uma joven?

— Sim, sim. Uma joven. Uma joven muito sympathica. Foi minha cliente. A verdade é que a conheço, profissionalmente, ha cerca de dois annos. Parece que ella desejava conhecer-me socialmente.

— Oh! — exclamei, sem poder conter um sorriso de allivio. — E' isso o que te preoccupa? Uma de tuas clientes quiz conhecer-te com o fim de averiguar si és humano. E tu estás aterrorizado á idéa de que possas sêl-o. Comprehendo perfeitamente.

— Tu não comprehendes absolutamente nada.

Havia tal nota de tragica intensidade em sua voz, que deixei de sorrir. Evidentemente, algo muito sério havia occorrido naquella festa.

— Quem era a pequena? — perguntei-lhe.

— Natalia Brocks.

— Conheço-a — disse eu. — Uma pequena bonita e elegante. Tem varios milhões e dedica-se, com paixão, á mania de colleccionar perolas.

— Exactamente! — gemeu Barry. — Perolas!

Parecia tão desesperado, que comecei a sentir-me realmente alarmado.

— Vamos, velho — falei. — Dize o que ha. Bem sabes que pódes confiar em mim.

— Eu ainda não estava naquelle salão, dez minutos em companhia daquella pequena — disse Barry, bruscamente, — quando percebi que era um ladrão potencial. Ella ostentava um soberbo collar de perolas, que attrahia minha cubiça.

— Meu querido Barry — exclamei.

não é para comer, embora ella se engane, não ha nenhuma victima do estomago... Mas quando se mette na cozinha... ai de quem fôr condemnado a comer seus "productos"!... Lembras-te do anno passado, quando ella nos mandou aquelle licôr que por pouco nos levou ao outro mundo!... Para mim, encontrou a receita em um "Tratado de Venenos"...

Alina. — E' que se arruinou.

— *José Maria.* — Sim, sim... E não quero falar daquellas perdizes em escabeche que nos enviou para o Natal de 1930...

De Fanfreluche

Quando destampámos a travessa... ficou uma mosca na sala de jantar!... Eu, no logar de tua tia Angelica, teria tirado patente daquillo como substancia insecticida.

Alina. — Está bem, filho. Basta de lamentações... Eu direi a tia Angelica que não se incommode mais, que não nos mande mais nada...

Coitada!... Com este calor, ficou quatro horas junto ao fogão preparando o bôlo.

José Maria. — E nos mandou, um ladrilho refractario!... Como sabe que projectamos edificar uma casa, quiz lançar a "primeira pedra"... (Encolhendo-se). Ai!... Diabo!... Aaai!...

Alina. — Vês?... Deus te castiga por falares mal da pobre tia.

José Maria (fazendo gestos de dôr). — Ainda exiges que fale mal?... Que barbaridade!... Si isto é insupportavel!...

Alina. — Queres uma chicara de chá?

José Maria. — Mas pensas que, bebendo chá, isto vae abrandar?... Anda, anda depressa! chama o medico... Recommenda-lhe que traga uma machina perfurante, dynamite...

Alina. — Vou, homem, vou... Tanto alarme por uma dôr de estomago!...

E serás capaz de dizêl-o a tia Angelica!

José Maria. — Não lho direi... mas lhe apresentarei a conta do medico!... *Pela extracção de um pedaço de bôlo de marmore de Paros...* E então a indigestada será ella!...

De Dana Burnet

— Nunca, em minha vida, ouvi um absurdo maior! Tu és o homem mais profundamente honesto que já conheci.

— Tu não me conheces. Ninguem conhece realmente os outros. Eu julgava que me conhecia a mim mesmo... até hontem á noite. Pódes imaginar o meu horror ao descobrir que eu — um homem intelligente e respeitavel psychologo — sentia impulsos de roubar.

— Sim — respondi-lhe. — Si tal coisa é verdadeira, deve ter sido muito desagradavel.

— Foi muito humilhante. Soffri horrivelmente. Natalia e eu estavamos sentados um ao lado do outro, durante o jantar. Eu não podia desviar os olhos do collar. A joia brilhava á luz da sala. Parecia fazer faltar a formosura da cútis de sua dona. Natalia tem uma cútis admiravel, uma garganta grácil e delicada. Para roubar o collar, — pensei — terei que tocar sua garganta. E aquella idéa me attrahia e repugnava ao mesmo tempo. Sentia-me desdobrado em dois personagens. Meu processo mental era um cáhos.

— Nesse caso, como pódes estar seguro de tuas reacções? — interrompi-o.

Elle olhou-me ansiosamente. E respondeu-me:

— Treinei, durante annos, em analysar meus proprios impulsos. Descobri, ha muito tempo, que possúo um senso esthético muito desenvolvido. Não posso ser insensivel á sua belleza e sua presença desperta sempre em mim o desejo de possuil-a. Mas até hontem á noite nunca pensei que tal desejo pudesse ser tão violento.

— Então te portaste violentamente, Barry?

— Não. Mas estava disposto a fazêl-o. Havia perdido o controle de minhas emoções. Essas perolas queimavam-me o cerebro. Tornavam-me louco. Jamais experimentei semelhante tortura. Resolvi voltar para casa logo que terminasse o jantar. Mas não o fiz.

— Que houve, então?

— O inevitavel, naturalmente. Minha irmã pediu-me que acompanhasse Natalia Brooks até sua casa. Não pude negar-me a isso. Estava desesperado deante do que sabia succederia no automovel.

Barry deteve-se um momento. Eu não disse nada. Parecia que a hypnose que o havia dominado tão inteiramente se apoderára tambem de mim.

— Quando nos sentámos no taxi — continuou elle, depois, — Natalia deu ao "chauffeur" o endereço de sua casa. Meu cerebro deixára de funccionar conscientemente. Agindo automaticamente, voltei-me para Natalia e cingi-lhe o pescoço com as mãos.

— Ella se espantou?

— Não. Rindo suavemente, olhou-me nos olhos e disse-me: — "Tiveste o desejo de fazer isto durante toda a festa, não é verdade?"

— Barry!

— Senti as perolas sob meus dedos. Mas, subitamente, me senti paralyzado. Tive uma sensação de duvida, de espanto, de monstruosa confusão. E então...

— Então?...

— Então — gritou elle, com desespero, — ella me deitou os braços no pescoço e beijou-me apaixonadamente.

— Mas... escuta, Barry! Não pódes manter-me em suspenso por mais tempo! Entraste aqui dizendo que te havia occorrido uma coisa horrivel!...

— E é verdade! Uma coisa espantosa, uma coisa que feriu meu orgulho profissional, destruindo minha fé em mim mesmo e arruinando toda a minha theoria psychoanalytica!

— Vae para o diabo com tua theoria! Roubaste ou não o collar de perolas de Natalia Books?

— Não! — gritou Barry — Não era o collar que me interessava! Era Natalia! Casei-me com ella esta manhã, ás dez horas!

ESCANDALO NA BOHEMIA

(SHERLOCK HOLMES) — POR CONAN DOYLE

(Continuação do numero anterior)

— E a Iria Addler? perguntei.

— Ah! Quanto a essa, tem dado volta ao miolo a todo o sexo masculino lá pelo bairro. E' o palmo de cara mais lindo de quantos se enfeitam com um chapéo neste globo que habitamos, que assim o proclamam lá pelas estrebarias da rua Serpentina. Leva um viver recatado, canta pelos concertos, sae de carruagem todos os dias ás 5 horas, e está de volta ás 7, em ponto, para jantar.

E' raro sahir a outra hora, salvo nos dias em que tem de cantar.

Quanto a ligações, tem uma unica, mas vêem-n'o entrar muitas vezes para a casa della. E' rapaz perfeito, trigueiro, elegante e bem posto; comparece todos os dias, sem falta, e ás vezes, até repete a visita.

"E' um tal Godfrey Norton, de Inner-Temple. Já vê que ha vantagem em ser confidente de um cocheiro de carro de aluguel...

"O carro que tem levado para casa uma duzia de vezes o tal individuo, é das cocheiras *Serpentine* e, por ali, estão em dia com tudo que lhe diz respeito.

"Assim que lhes consegui tudo que tinha para me dizer, puz-me a sondar Briony Lodge e a urdir o meu plano de campanha.

"Este Godfrey Norton era manifestamente um factor importante no negocio. E' jusrisconsulto, circumstancia de que não agourei lá muito bem. Que casta de relações existiriam entre um e outro, e qual o motivo das amiudadas visitas do sujeito?

"E ella, para elle, seria apenas uma cliente, uma pessoa de sua amizade, ou sua amante?

"Dado o caso de que fosse sua cliente, ter-lhe-ia provavelmente confiado a photographia. Sendo sua amante, eram menores as probabilidades. Da resposta a esta pergunta, estava dependente a minha decisão.

"Tratava-se de saber se effectivamente eu devia proseguir em minhas investigações respectivas a Briony-Lodge ou encaminhar as minhas pesquizas no sentido do aposento do sujeito, no *Temple*. Era ponto melindroso e tendendo a ampliar o campo ao meu inquerito.

"Receio, porem, maçal-o com tanto pormenor; por outro lado, quero que avalie a minha perplexidade, afim de lhe expôr cabalmente a situação.

— Sou todo ouvidos, repliquei.

— Estava ainda hesitante, eis que pára um carro ao portão de Briony-Lodge, e apeia-se um sujeito. Era um homem trigueiro, muitissimo bem parecido, de nariz aquilino e bigode, e, manifestamente, o sujeito que me fôra indicado. Parecia vir apressado, bradou ao cocheiro que o esperasse, e passou pela aia que lhe abriu a porta, como quem está em sua casa.

"Demorou-se coisa de meia hora, e eu, por instantes lobrigava-o através das janellas da sala, andndo para cá e para lá, a bracejar e a falar, muito exaltado. Quanto a ella, nem siquer a consegui distinguir. De subito, apparece á porta o sujeito, e afigurou-se-me vir ainda mais sobresaltado do que vinha ao entrar. No acto de subir para o carro, tirou o relogio do bolso e consultou-o attento.

"— Leva-me, de pressa, exclamou, primeiramente, a casa de Cross e Rankey, em Regent Street, depois á igreja de Santa Monica, na estrada que vae a Edgeware. Apanhas meia libra se fizeres a corrida em vinte minutos.

"Abalaram e fiquei a consultar commigo mesmo se não seria sensato seguir-lhes o rastro, eis que vejo assomar á embocadura da rua um elegante "dandau" cujo cocheiro trazia o casacão meio desabotoado, a gravata ao vento, ao passo que nem uma só correia dos arreios vinha afivelada a preceito.

"Mal tivera tempo de parar o carro, eis que vejo subir, como um foguete, uma mulher. Apenas a pude ver de relance, mas affirmo-lhe que era uma dessas mulheres cuja formosura póde inspirar violentissimas paixões...

"— A' igreja de Santa Monica, exclamou, e meia libra para ti se lá me levares em vinte minutos.

"Não podia deixar escapar tão bom ensejo, Watson. Estava em duvida se convinha seguir o trem ás carreiras ou agarrar-me á trazeira do landau eis que passa um carro.

"O cocheiro vibrou olhar desconfiado ao freguez de tão sordido aspecto que se lhe apresentava, mas não lhe dei tempo para reflexões e saltei para o vehiculo.

"— A' igreja de Santa Monica, bradei, e apanhas meia libra se lá me puzeres em vinte minutos. Faltavam vinte e cinco minutos para o meio-dia e facil era adivinhar o acontecimento que estava iminente.

"Ganhou bem a meia libra o meu cocheiro. Não me lembro de ter aguentado carreira mais desenfreada por essas ruas, e comtudo, já lá estavam os outros quando cheguei á igreja. O carro e o landau com a aparelha alagada em suor estavam parados á porta. Paguei ao cocheiro e transpuz a correr a portaria

do templo. Estava ermo, á excepção das duas pessoas a quem eu viera no encalço e de um ecclesiastico que pelos modos estava discutindo com as sobreditas. Formavam um grupo em frente ao altar. Segui com modos de basbaque por uma das naves lateraes, eis senão quando qual não foi o meu espanto, ao ver voltarem-se para mim as tres personagens que se achavam no santuario e o Godfrey Norton vir ter commigo ás carreiras.

"—Deus seja louvado, está tudo arranjado. Venha d'ahi, venha d'ahi!...

"—Para quê? que me querem? perguntei admirado.

"—Venha, venha, senhor, por quem é, temos apenas cinco minutos para estar ao abrigo da legalidade.

"Arrastaram-me até ao altar e antes de saber onde estava, o caso é que lá fui resmungando uns responsos que alguem me soprava de todo em todo, em summa, assistindo ao enlace matrimonial de Miss Iria Addler com Mister Godfrey Norton solteiro.

Foi obra de momentos, e acto continuo, o sujeito, de uma banda, a mulher, da outra, desfizeram-se em agradecimentos, ao passo que eu, defronte de mim via o carão radiante do clerigo. Não podia haver situação mais ridicula, e foi por me lembrar o caso que ainda agora desatei a rir com tanto gosto.

Pelos modos, dera-se uma qualquer omissão na dispensa de banhos, visto como o presbytero negava a pés juntos a casal-os sem uma testemunha qualquer, e a minha presença livrou o noivo do dissabor de andar a correr as ruas em busca de uma testemunha. A noiva deu-me uma libra e tenciono pendural-a na cadeira do relogio como recordação do acontecido."

—O negocio vae tomando um caminho completamente imprevisto, commentei. E depois?

—Depois, cahi em mim e percebi que os nossos planos estavam seriamente embaraçados. Suppuz que os conjuges se poriam desde logo a caminho e que o caso exigia da minha parte expedientes muito rapidos e não menos energicos. E todavia, á porta da igreja, afastaram-se, elle a caminho da sua residencia e ella para a sua casa de campo. "A's cinco horas tenciono ir ao parque dar o meu passeio de carruagem, conforme é o meu costume", disse ella ao afastar-se. Não consegui ouvir mais nada. Abalaram cada qual para seu lado, e eu fui tratar de urdir o meu plano de ataque...

—E esse, é?...

—Carne fria e um copo de cerveja, respondeu tocando a campainha. Andei tão occupado que nem sequer me lembrei de comer e é provavel que esta noite o venha a estar ainda muito mais. A proposito, doutor, hei de precisar do seu concurso.

—E eu estimo isso immensamente.

—Não se receia de infringir a lei?

—De modo nenhum.

—Nem de se arriscar a ser preso?

—Tambem não, se o fôr em prol de uma causa justa.

—Lá quanto a isso, é optima a causa.

—Sendo assim, tem companheiro.

—Tinha a certeza de que podia contar com o meu amigo.

—Mas que quer que eu faça?

—Expôr-lhe-ei o caso assim que mistress Turner nos houver trazido a bandeja. Agora, proseguiu, voltando-se faminto para a frugal refeição, apresentada pela nossa patrôa, emquanto vou restabelecendo as forças, trataremos de discutir, pois não disponho de tempo de sobra. Daqui a duas horas tenho que estar no logar da scena. Miss ou antes mistress Iria Addler, volta do seu passeio ás sete horas. E temos que estar em Briony Lodge para a receber.

—E depois?

—Descance na minha pessoa pelo que respeita ao resto. Já dispuz de antemão quanto cumpria pôr em obra. Apenas insistirei sobre um ponto, e vem a ser que, veja o que vir, não intervenha de modo nenhum. Tem entendido?

—Devo então conservar-me neutro?

—Não deve fazer seja o que fôr. E' provavel haver uma tal ou qual arruaça e uma certa confusão. Não se assuste. Reduzir-se-á tudo ao seguinte: o eu ser convidado a entrar no predio. Quatro ou cinco minutos depois, abrir-se-á em frente á janella aberta.

—Está dito.

—Seguir-me-á com a vista, o que aliás lhe será facil.

—Adiante...

—E mal eu erguer a mão, assim..., atira para o interior do aposento aquillo que eu para esse fim lhe entregar, e ao mesmo tempo, gritará: "Fogo!" Ouviu-me com attenção?

—Não lhe dê cuidado.

—A coisa nem por isso é muito damninha, commentou sacando do bolso um rolo, com o feitio de um charuto. E' apenas um tubo zincador, com uma espoleta em cada uma das extremidades mercê das quaes se accende automaticamente. Nisto se cifra o seu papel. Assim que você gritar: "fogo!" o grito será repetido por muita gente. Vae andando, então, até o fim da rua e, volvidos dez minutos, lá irei ter. Ouso esperar que terá percebido?

—Manter-me na neutralidade, acercando-me da janella e, assim que você me fizer signal, arremessar esse objecto que ahi tem, depois soltar o grito: "fogo", e esperar lá no fim da rua, não é?

—Sem tirar nem pôr.

—Pois então, conte commigo.

—Optimo! E agora, creio que é tempo de eu me ir dispondo a representar o meu novo papel.

Sumiu-se para o quarto e dali a minutos voltou disfarçado em ambilissimo e ingenuo pastor não-

(Continúa na pag. seguinte)

conformista. O avantajado e negro chapéo, as calças largas a gravata branca, o sympathico sorriso e o aspecto do conjunto completavam o typo do referido genero.

Holmes não era habil unicamente em mudar de vestuario. Assumia sempre a expressão, as maneiras e a alma, até, do individuo que o representava.

O palco perdeu nelle um actor de primeira plana, tal como a sciencia um logico subtil, quando se dedicou á especialidade da investigação de crimes.

IV

Eram seis horas e um quarto quando sahimos de Baker Street e sete horas menos dez minutos ao chegarmos á avenida Serpentina, na qual passeamos para baixo e para cima, pelas alturas de Briony-Lodge, aguardando a chegada das pessoas que nos interessavam; neste meio tempo anoitecera e tinham acendido os lampeões.

A casa era tal qual eu a phantasiara segundo a descripção succinta de Sherlock Holmes, o bairro, comtudo, era menos deserto do que eu suppunha. Pelo contrario, para uma rua escusa dum bairro socegado, estava até, muito animada.

Agrupados em um recanto, a fumar e a rir, uns homens mal trajados, um amolador, dois policiaes rendendo finezas a uma criadita, e varios rapazes bem vestidos passando para baixo e para cima, de charuto na bocca.

— Já terá percebido, proferiu Holmes, que este casamento simplifica immensamente o negocio. A photographia actualmente passou a ser uma arma de dois gumes. E' provavel receiar-se tanto a dama de que seja vista por mr. Godfrey Norton como o nosso cliente de que a veja a princeza. E a questão agora é a seguinte: onde desencantaremos nós a tal photographia?

— Onde, effectivamente?

— Ha pouca probabilidade de que ella a traga comsigo. O cartão é grande e não é possivel escondel-o por baixo de um vestido feminil. Ella sabe que o rei é capaz de lhe armar uma cilada e de a mandar apalpar.

"Já por duas vezes o tentaram. E' certo, portanto, que a não traz comsigo."

— Onde a terá então depositado?

— Nas mãos do seu banqueiro ou do procurador. Temos pois uma dupla eventualidade. Mas estou muito disposto a acreditar que não devemos deter-nos em qualquer das hypotheses mencionadas. As mulheres por via de regra são muito propensas a esconderijos. E dahi porque motivo a entregaria á guarda de alguem? Cada qual fia-se em si proprio, mas quem poderá prever as influencias, directas ou indirectas, que venham influir no animo de um homem de negocios? E tanto mais que deve estar lembrado da resolução em que ella se achava de se servir d'ella daqui ha dias. A photographia deve pois estar ao alcance da mão e por consequencia, no seu proprio domicilio.

— Mas se a casa já por duas vezes foi revistada?

— Pouco importa, não souberam procurar.

— Mas que tenciona fazer para a descobrir?

— Não a procurar.

— Como ha-de então obtel-a?

— Obrigando-a a mostrar-m'a.

— Negar-se-á a fazel-o, com certeza.

— Não poderá negar-se. Ouço porém o rodar de uma carruagem. E' a d'ella, exactamente. Siga á risca as instrucções que lhe dei.

Ainda bem não soltara estas palavras, eis que lobrigamos, na esquina que alli fazia a avenida, o clarão das lanternas do carro. O landau que vinha em direcção a Briony-Lodge era um primor de elegancia. Assim que parou á porta, um dos vadios que giravam pela rua arremetteu para a carruagem esperançado em apanhar a sua esportula; foi porém arredado aos empurrões por outro vadio, que correra com a mesma intenção. Seguiu-se uma luta tremenda, luta aggravada, pela intervenção de dois policiaes, que tomaram o partido de um dos vagabundos, e pela do amolador que se pronunciou com outro tanto calor em prol do adversario. Um dos meliantes apanhou uma pancada, e acto-continuo, a dama, que n'este meio tempo apeara da carruagem, encontrou-se envolvida em um magote de homens furibundos, em luta uns com os outros, a desancarem-se como selvagens a murro e a cacete. Holmes envolveu-se na barafunda para acudir á senhora, mas no proprio instante em que d'ella se acercava, soltou um berro e baqueou por terra, com o rosto alagado em sangue.

Os policiaes, assim que tal viram, abalaram a correr por um lado, e os malandrins pelo outro ao passo que um certo numero de pessoas de mais elevada categoria, que estavam a observar o barulho sem que n'elle se envolvessem, acudiam e soccorrer a dama e o sujeito espancado. Iria Addler, e nomeal-a-hei ainda d'este modo, galgara a escada ás carreiras; detendo-se, porém, a meio caminho, a soberba figura destacava-se do fundo do vestibulo; voltara-se para observar o incidente na rua.

— Aquelle sujeito, coitado! receberia algum ferimento de gravidade?

— Está morto, bradaram diversas vozes.

— Não está, não está, ainda respira, clamou alguem. Mas não chega ao hospital com vida.

— E' homem decidido, commentou uma mulher. Se não fosse elle, tinham abafado a bolsa e o relogio áquella senhora. Não, que isto sempre é uma cambada! Ah! Elle agora parece que respirou.

— Não se ha-de deixar para aqui na rua ao desamparo. Não poderiamos leval-o para sua casa, minha senhora?

— Certamente, tragam-n'o para a sala, para o sofá que é commodo. Por aqui, façam favor.

Devagarr, e com a solennidade que o caso pedia, lá o levaram para a residencia e deitaram-n'o na sala de visitas. Do meu posto, ao pé da janella, ia eu observando as peripecias do caso.

Tinham accendido as luzes, mas não cerraram os postigos, de modo que eu podia ver Holmes extendido sobre um sofá.

Ignoro se n'aquella occasião sentiu remorsos pela comedia que estava representando, o que sei é que pela parte que me tocava, não me lembro de jamais me haver sentido tão vexado como o fiquei ao ver a soberba e gracil creatura, contra quem eu conspirava, toda ella zelo e carinho, attender ao enfermo com extremosa bondade. E não obstante, para Holmes representaria agora um acto de mais negra traição, o recuar perante a tarefa que confiara ás minhas mãos. Fiz das tripas coração e saquei o tubo de zincador das profundezas do meu "ulster".

— Apuradas as contas, disse commigo, não lhe causamos damno de especie alguma. Apenas a impedimos de fazer mal ao proximo.

Holmes erguera meio corpo e vi que bracejava como que faltando-lhe o ar. Uma criada foi á janella e abriu-a. Acto continuo, vi o ferido levantar a mão, e eu, percebendo o signal, arremessei o tubo para dentro da sala, bradando: "Fogo!" Ainda bem não articulara aquellas palavras e eis que a malta em pezo dos mirones, maltrapilhos e bem trajados, gente fina, lacaios e cocheiros, criardas em clamor unisono, grita: "Fogo!"

Erguiam-se do sobrado rôlos de fumo, irrompendo pela janella aberta. Antolhou-se-me, como que em visão confusa, gente aos encontrões, e em um dado momento, eis que ouço a voz de Holmes a affirmar-lhe que fôra rebate falso. Abri caminho por entre a turba-multa, — era de ensurdecer o alarido — e alcancei de um fôlego a esquina da rua; d'ali a dez minutos sentia a mão do meu amigo enfiar-me pelo braço e dava-me por muito feliz em me ver livre de semelhante barafunda. Elle, calado, e apressando o passo, por minutos, até que alcançamos uma das ruas socegdas que vão dar á estrada de Edgeware.

— Desempenhou a primor o seu papel, doutor, observou. A' perfeição!

— Está senhor da photographia?

— Não, mas sei onde se encontra.

— E como foi que a descobriu?

— Ella propria m'a mostrou, eu não lh'o dizia?

— Não percebo.

— Nem faço mysterio do caso, disse, a rir. Nada mais simples. Já deve ter percebido que toda aquella malta que acodiu á rua era de cumplices? Estavam alugadas por toda a tarde.

— Assim me quiz parecer.

— Quando rebentou a desordem, já eu me achava prevenido com um pouco de tinta encarnada, fresca, na palma da mão. Investi para a frente, preguei commigo no meio do chão, assentei a mão em cheio na cara e passei a apresentar um lastimoso espectaculo. Não se pode affirmar que seja nova a artimanha.

— Tambem o tinha adivinhado.

— E elles, então, carregaram commigo para dentro do predio. E que remedio tinha ella sinão acceitar-me? Como é que ella se havia de negar? E ainda por cima tinha de me receber na sua sala, ali, exactamente, onde eu suspeitava que devia encontrar-se a photographia. A não se achar ali, devia achar-se, com certeza, no seu quarto de cama, e eu estava decidido a aclarar de uma vez o caso. Estenderam-me em cima de um canapé. Acenei dando-lhes a entender que me faltava o ar, e tiveram que abrir a janella e entrou você em scena.

— E em que é que lhe fui prestavel?

— Foi preciso o seu concurso. Sempre que uma mulher suppõe ter fogo em casa, o instincto natural impelle-a desde logo a correr para o objecto a que dá maior apreço. E' um impulso irresistivel e já por mais de uma vez d'elle tirei partido. Serviu-me n'aquelle escandalo da substituição Darlington e no tal negocio do castello de Ainsworth. A mãe, accode ao filho, a mulher solteira ás suas joias. Pareceu-me evidente não ter a dama de que se trata nada mais precioso em casa do que aquillo de que nós andavamos em procura. Havia certeza em como tentaria pol-o a bom recato. O alarma de "fogo", foi absolutamente simulado. O fumo e o alarido eram de molde a abalar nervos do proprio aço. O lance correspondeu á minha espectativa: a photographia está n'um vão praticado por detrás de um apainelado movel, por cima exactamente, do cordão da campainha. A dama deitou a correr para o esconderijo e lobriguei, até o dito objecto, no ensejo d'ella quasi que o tirar cá para fóra. Assim que eu lhe gritei que era falsa o alarma, tornou a pôr no seu logar a photographia, enviezou um olhar para o tubo de zincador, sahiu do quarto e não lhe tornei a pôr a vista em cima. Levantei-me, desfiz-me em desculpas e abalei por ali fóra. Hesitei em deitar desde logo a mão á photographia; o cocheiro tinha entrado na sala e, como elle me estivesse observando, achei que era prudente adiar a coisa para mais tarde. O excesso de cautela poderia deitar a perder o negocio.

— E agora? indaguei.

— Está realmente concluida a nossa empreitada. Tenciono amanhã ir procurar a Iria Addler, com o rei e com você, se nos quizer dar o prazer de nos acompanhar. Facultar-nos-ão entrada na sala afim de esperarmos pela dama, mas é provavel que, quando ella apparecer, já não encontre quer, as nossas pessoas, quer a photographia. Será para o rei uma satisfação, o podel-a tomar com as proprias mãos.

— E a que horas tenciona ir?

(Continúa na pag. seguinte)

— A's oito da manhã. Ella não estará ainda de pé, de modo que nos acharemos em plena liberdade. E demais, não podemos perder um instante, visto como este casamento virá trazer mudança radical ao seu viver e aos seus habitos. Tenho que expedir quanto antes um telegramma ao rei.

Alcançámos Baker Street e estavamos parados á porta. Holmes, a procurar a chave da porta eis que alguem, passando por nós, disse:

— Boa noite, "sor" Holmes.

Iam varias pessoas pelo passeio da rua n'aquelle ensejo, mas quiz-nos parecer que o cumprimento partira de um rapazote, baixinho, enfiado n'um "ulster", que passara a correr juntinho de nós.

— Aquella voz não me é extranha, declarou Holmes, a percorrer com a vista a mal illuminada rua. — Quem demonio será, não se me dava de o saber?

V

Passei a noite em Baker Street e estavamos a saborear o nosso café com leite, no outro dia de manhã, eis sinão quando, irrompe por ali dentro o rei da Bohemia.

— Sempre é certo tel-a em seu poder? exclamou agarrando pelos hombros Sherlock Holmes, e fitando-o, anciosamente.

— Ainda não.

— Mas tem esperanças?...

— Lá isso tenho.

— Então, venha d'ahi.... Já nem posso ter mão em mim.

— Precisamos chamar um carro.

— E' escusado, o meu está ali á porta.

— O caso assim simplifica-se.

Descemos a escada a correr e lá fomos mais uma vez, a caminho de Briony-Lodge.

— Casou a Iria Addler, declarou Holmes.

— Casou? quando?

— Hontem.

— Com quem?

— Com um jurisconsulto, inglez, cujo appellido é Norton.

— Não casou com elle por affeição, com certeza...

— Pelo contrario, — e ouso esperar que assim fosse, pois evitaria assim á vossa majestade mais de um dissabor, no porvir. Se a dama tem affeição ao marido, claro está que não a tem á vossa majestade. E se ella não ama a vossa majestade, não vej motivo para que venha a intervir nos seus projectos.

— Lá isso é verdade. E comtudo... Quer que lhe diga? Fosse ella de condição egual á minha, e que rainha se não fazia d'ali!

Calara-se e ficou meditando até que alcançamos Serpentine Avenue.

O portão de Briony Lodge estava aberto e de pé, nos degraus, uma mulher de edade. Quando nos apeamos da carruagem, seguiu-nos com olhar ironico.

— O senhor Sherlock Holmes se me não engano?

— Holmes, effectivamente, respondeu o meu companheiro a encaral-a com uns olhos espantados e indagadores.

— Deveras?! minha ama disse-me que era provavel que o senhor cá viésse. Partiu esta manhã com o marido para o continente, no trem que sae de Charing Cross ás cinco horas e quinze minutos.

— Como assim?! E Sherlock Holmes cambaleou, tomado, de magua e de surpreza. Affirma, então, que a sua ama sahiu da Inglaterra?

— De uma vez para sempre.

— E os papeis? perguntou o rei com voz quasi a apagar-se. Tudo perdido!

— Isso, veremos!

Holmes deu um encontrão na creada e investiu para a sala, e o rei eu seguimos-lhe no encalço. A mobilia estava toda ella desarrumada, prateleiras arriadas, gavetas abertas, como se a dama tudo houvesse mettido a saque antes de sahir. O meu amigo deu um pulo para o cordão da campainha, nervoso, abriu um apainelado de correr e, enfiando o braço tirou uma photographia e uma carta. A photographia representava Iria Addler, em pessoa, com um vestido de seda; a carta estava endereçada a "Mr. Sherlock Holmes. Para ser por elle em pessoa, encontrada".

Abriu-a e lemol-a todos tres.

Era datada da vespera e do theor seguinte:

"Meu caror Sherlock Holmes.

"Combinou o seu lance com mão de mestre. Illudiu-me completamente e, até soltarem aquelle grito de "Fogo", não me assaltou um vislumbre, siquer, de suspeita. Mas depois, ao lembrar-me do modo por que me denunciei, comecei a reflectir. Já me tinham prevenido, havia mezes a seu respeito. Avisaram-me de que, se acaso o rei lançasse mão de um agente, esse agente seria o senhor, e communicaram-me a sua morada. E não obstante, o senhor obrigou-me a revelar tudo o que desejava saber.

"E com tudo isso, ainda depois me assaltaram duvidas; não me pareceu justo desconfiar de um bondoso e ingenuo pastor. Não ignora que sou actriz de profissão; visto-me de homem num abrir e fechar d'olhos e valho-me até muitas vezes da independencia que isso me faculta.

"Incumbi o meu cocheiro, o João, de o vigiar, entrei para o meu quarto, vesti o meu trajo de garoto, pois que assim o designo, e desci escada abaixo no momento em que o senhor se ausentava.

"Depois segui-lhe no encalço até á porta de sua casa e convenci-me de que effectivamente eu estava sendo objecto de interesse para o celebre Sherlock Holmes.

(Continúa no proximo numero)

PREÇO DAS ASSIGNATURAS:

EM TODO O BRASIL:

(Porte simples)

Anno.... (52 ns.) ...... 48$000
Semestre (26 ») ...... 25$000

(Registada)

Anno.... (52 ns.) ...... 70$000
Semestre (26 ») ...... 36$000

PARA O ESTRANGEIRO:

(Porte simples)

Anno.... (52 ns.) ...... 78$000
Semestre (26 ») ...... 40$000

(Registada)

Anno.... (52 ns.) ...... 115$000
Semestre (26 ») ...... 60$000

As assignaturas terminam e começam em qualquer mez.

FON - FON

Revista Semanal Illustrada

EMPRESA FON-FON e SELECTA S/A.

Director: SERGIO SILVA

Redactor-chefe: Gustavo Barroso

Thesoureiro: Cyro Machado

Direcção, Redacção e Officinas:

62, Rua Republica do Perú, 62

(Antiga Assembléa)

Telephones: Administração: 2 - 4136

Director: 2 - 0377 Caixa Postal: 97

Endereço telegr.: FON - FON

Rio de Janeiro

Toda a correspondencia deve ser dirigida á

EMPRESA

FON-FON e SELECTA S/A.

Representante na Europa:

E. Bourdet & Cia. 9, Rue Tronchet, Paris — 19, 21, 23, Ludgate Hill, Londres.

Venda avulsa .... 1$000

Numero atrazado ..... 1$500